

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**  
**FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

THAMIRES RODRIGUES GOMES

**Emoldurando Experiências:**  
Gerúndio como construção de tempos e de espaços em variedades do Português

**Versão Corrigida**

São Paulo

2022

THAMIRES RODRIGUES GOMES

**Emoldurando experiências:**  
Gerúndio como construção de tempos e de espaços em variedades do  
Português

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Maria  
Célia Lima-Hernandes  
Coorientadora: Cristina  
Lopomo Defendi

**Versão Corrigida**

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G659e Gomes, Thamires Rodrigues  
Emoldurando Experiências: Gerúndio como construção  
de tempos e de espaços em variedades do Português /  
Thamires Rodrigues Gomes; orientadora Maria Célia  
Lima-Hernandes - São Paulo, 2022.  
162 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.  
Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. funcionalismo. 2. gerúndio. 3. variedades do  
português. 4. iconicidade. 5. tempos e espaços. I.  
Lima-Hernandes, Maria Célia, orient. II. Título.

GOMES, Thamires R. **Emoldurando Experiências**: Gerúndio como construção de tempos e de espaços em variedades do Português. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho a meus alunos e alunos,  
com quem posso aprender tanto.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha professora da graduação (e então coorientadora) Cristina, por ter me ajudado em cada passo, lendo e relendo as milhões de versões do meu projeto, relatório de qualificação, artigos, e enfim da dissertação, e por seus comentários sempre muito pontuais, e por vezes engraçados;

À Maria Célia, por ter recebido a mim (e a todas as outras pessoas) no grupo de estudos, com muito acolhimento e gentileza, por ter demonstrado tanta prontidão em me ajudar a estudar para o processo seletivo, por sempre valorizar a individualidade de cada pessoa, e por me ensinar tanto. Lendo minha dissertação, você me fez perguntas que eu nem achava que precisavam ser feitas, e me ensinou que a escrita se trata, em grande parte, de encontrar sua própria voz – tornar aquele texto seu;

A todas as pessoas que integram o grupo de pesquisa, por estabelecerem padrões muito altos de como deveria ser uma boa pesquisa, o que decerto me impulsionou;

Ao querido amigo Mateus Moura, por ouvir minhas reclamações na faculdade, me ensinar as normas ABNT e como usar o word, anos atrás, e por sempre acreditar em mim;

À querida professora Alice, por me levar a um passeio na USP, e me lembrar que estudar lá era um sonho meu;

À minha teacher Marta Janete, por ter acreditado em mim;

Ao meu querido Gabriel, por me achar inteligente, escutar todos os milhões de ensaios das minhas apresentações em congressos, ouvir minhas ideias, ler as minhas coisas, e me levar para um mundo mais calmo (quando eu precisava);

Ao meu antigo terapeuta, por me dizer que eu conseguiria;

À minha família, por fazer o impossível para tornar isso possível;

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pela oportunidade;

E à CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

*“Um dia de cada vez, pois cada dia  
é uma vida inteira.”*

Geni Nuñez

## RESUMO

GOMES, Thamires R. **Emoldurando experiências**: Gerúndio como construção de tempos e de espaços em variedades do Português. 2022. 219 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Na presente dissertação, descrevem-se os usos do gerúndio em três variedades do Português falado: PB (Português brasileiro), PM (Português Macaense) e PP (Português de Portugal), em termos de formas, funções e motivações. Tem-se como objetivo principal, portanto, investigar – descrevendo e explanando – os usos do gerúndio no Português falado, de modo a verificar se estes se alteram de acordo com motivações cognitivas e comunicativas e com a variedade (PB, PM, PP). Adota-se a uma perspectiva funcionalista cognitivista, por considerar-se que toda fala e escrita voluntária é revestida de funções cognitivas, portanto, as construções são descritas em termos de estrutura sintática, bem como os sentidos adjacentes a tais estruturas, e quais motivações cognitivas e comunicativas atuam em cada tipo de construção gerundial. Para isso, o corpus selecionado consiste em entrevistas extraídas de três rádios virtuais (TDM, TSF e UNESP), transcritas e agrupadas em padrões funcionais. Observa-se que o gerúndio é utilizado para codificar nuances de tempo e espaço que pode ser físico ou também mental – como é o caso de um de nossos padrões funcionais, em que construções oracionais circunstanciais são utilizadas para criar um espaço de conhecimento comum entre os participantes da interação, em que são delineadas bases para o estabelecimento de referências. As construções mais abstratas descobertas foram as quais nomeamos de gerúndio como atos cooperativos, que emergem como uma abstratização do gesto de apontar. Nestes usos, atua o princípio funcionalista de iconicidade, no qual informações conhecidas e, portanto, rotinizadas, não precisam ser mencionadas, e categorias cognitivas mais abstratas englobam as mais básicas.

Palavras-chave: Gerúndio. Variedades do Português. Abstratização. Iconicidade. Funcionalismo.



## ABSTRACT

GOMES, Thamires R. **Framing Experiences: Gerund as construction of times and spaces in Portuguese Varieties.** 2022. 219 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

In this research, the uses of gerund in three varieties of the spoken Portuguese are described: PB (Brazilian Portuguese), PM (Portuguese Macanese) and PP (Portuguese of Portugal) in terms of form, function and motivation. The main objective is, therefore, to investigate – describing and explaining – the uses of gerund in spoken Portuguese in order to verify whether the gerund's uses change according to cognitive motivations, communicative function and the variation of Portuguese (PB, PM, PP). A cognitive functionalist perspective is adopted, because it is considered that all speeches and voluntary writing are coated with cognitive functions; therefore, the constructions are described in terms of syntax, as well as adjacent meanings to such structures identifying which cognitive and communicative motivations are present in each gerundial construction. The selected corpus to analyse this phenomena is based on interviews extracted from three virtual radios (TDM, TSF and UNESP), transcribed and grouped into functional patterns. It is observed that gerund is used to encode nuances of time and space that can be physical or mental – as the case of functional pattern 2, in which circumstantial orational constructions are used to create a space of common knowledge and references among the participants of the interaction. The most abstract constructs discovered were what is called gerund as cooperative acts. On the one hand, these constructs emerge as an abstractization of the pointing gesture. In these uses, the functionalist principle of iconicity is present avoiding previously known and routinized information. On the other hand, the most abstract cognitive categories encompass the most basic ones.

Keywords: Gerund. Varieties of Portuguese. Abstraction. Iconicity. Functionalism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Normas para transcrição dos inquéritos NURC-SP	53
----------	---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

PB	Português Brasileiro
PM	Português Macaense
PP	Português de Portugal
TDM	Rádio Teledifusão de Macau
TSF	Rádio Telefonia Sem Fios
UNESP	Universidade Estadual Paulista

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	14
<b>1</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	25
<b>1.1</b>	<b>Iconicidade Linguística: a língua motivada por suas funções .....</b>	34
<b>1.2</b>	<b>Princípio da marcação: o destaque do que se diferencia .....</b>	37
<b>1.3</b>	<b>Transitividade e Planos Discursivos: como a sintaxe é moldada por intenções .....</b>	38
<b>1.4</b>	<b>Gramaticalização: estudando a instabilidade natural da língua .....</b>	43
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	52
<b>3</b>	<b>REVISÃO DO TEMA.....</b>	61
<b>3.1</b>	<b>As origens do Português.....</b>	62
<b>3.2</b>	<b>Gerúndio: o que dizem as gramáticas normativas e as gramáticas linguísticas? .....</b>	67
<i>3.2.1</i>	<i>Definições e possibilidades de usos do gerúndio.....</i>	67
<i>3.2.2</i>	<i>Usos do gerúndio: aproximações e distanciamento entre as variedades .....</i>	72
<b>3.3</b>	<b>Aspecto verbal e a noção de duração.....</b>	64
<b>3.4</b>	<b>Construções Perifrásticas Durativas</b>	73
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS .....</b>	107
<b>4.1</b>	<b>Padrões Funcionais</b>	107
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	153

## INTRODUÇÃO

Em *Gênese da Complexidade Sintática*, Givón (2009) defende que a emergência dos códigos simbólicos na comunicação humana (gramática e fonologia) ocorreu como uma resposta a pressões adaptativas dos ancestrais humanos, motivadas por mudanças profundas na ecologia do que ele chama de Sociedade dos Íntimos, um modo de organização cultural dos ancestrais primatas e primeiros hominídeos. Essa sociedade consistia em uma unidade social pequena, com limites territoriais restritos e homogeneidade cultural e informacional. Como todos os referentes eram igualmente acessíveis para os participantes da comunicação, atos manipulativos como o de apontar, com o intuito de orientar a atenção do interlocutor, bem como referentes temporal e espacialmente focados no momento da enunciação, eram o suficiente para garantir a comunicação entre os membros daquela unidade social, os quais utilizavam uma linguagem mais concreta.

Givón explica que a estruturação dessa unidade social foi se alterando conforme nossos ancestrais exploravam territórios mais distantes, e tornou-se então necessária uma forma de linguagem que lhes permitisse fazer referência a indivíduos, objetos e estados temporal e espacialmente deslocados; assim, codificar o léxico mental se tornou uma necessidade adaptativa (GIVÓN, 2009, p. 34). Conforme se expandiu a visão, e portanto, o universo de entendimento ancestral, fez-se necessário que a linguagem também se expandisse e se abstratizasse. A partir do momento em que o mundo não se restringe mais a um espaço delimitado, e a noção de tempo não se restringe ao aqui e agora (condições dêiticas de proximidade) – que os olhos se voltam para a complexidade do que há em torno, de espaços e tempos não mais físicos e concretos, mas mentais – mais complexa se torna a linguagem, que, viva, floresce de necessidades comunicativas.

Dizer que a língua é viva, entretanto, não implica concebê-la como um organismo autônomo e volitivo que governa a si próprio, que independe das forças ao seu redor, e, portanto, do uso que as pessoas fazem dela. Conceber que há vida na linguagem – e conseqüentemente na língua que utilizamos – significa desmistificar sua rigidez e entender sua maleabilidade, moldada por nossas necessidades comunicativas. Significa reconhecer que, no curso histórico da língua, resultaram ganhos e perdas de construções, substituições, extensão de sentidos a novas funções ou, até mesmo, desaparecimento de formas que, outrora, já foram usuais por pressões contextuais (CUNHA *et al*, 2021).

Conceber a língua não como estrutura rígida e sagrada (que deve ter seus manuais respeitados por meros usuários), mas como uma representação do modo como as pessoas entendem e enxergam o mundo e as realidades ao redor, significa compreender seus ciclos. Ciclos de ganhos, perdas e substituições; ciclos que acompanham a humanidade em seu desenvolvimento e evolução. Isso significa reconhecer que a língua é a representação material do modo como os indivíduos interagem e concebem o mundo, daí ser natural que ela se adapte para atender às demandas contextuais que fazem com que construções mais abstratas ganhem espaço à medida que seja necessário representar conceitos mais abstratos; que informações já compartilhadas e rotinizadas em uma comunidade não precisem mais ser materializadas, por serem de comum conhecimento, que construções que caminhem juntas tornem-se somente uma, para que economizemos tempo e energia. Conceber a língua como viva significa entender que ela se adapta continuamente, que reflete e parte do entendimento de mundo de indivíduos, grupos e sociedades, e que, para cada uso que se faça dela, elencam-se motivações comunicativas, que, por sua vez, relacionam-se às cognitivas. Significa entender que a língua é plena de significado, e que há, portanto, uma relação entre as palavras e os pensamentos, o modo como concebemos e construímos o mundo, entre as palavras e a realidade, entre o modo como utilizamos linguagem e as relações sociais e nossos objetivos na negociação de interações (PINKER, 2007).

No curso histórico da língua, diversas construções e usos foram se esmaecendo em significação, foram substituídos, reinterpretados e reanalisados com base nas necessidades comunicativas e, embora a mente humana possa interpretar um cenário particular de múltiplas formas, não é possível intuir e conceber o mundo sem algumas categorias básicas, como *tempo*, *espaço* e *causalidade*, que fazem parte dos processos da mente (PINKER, 2007) e, criadas por nós, servem como *molduras* para organizar experiências, visto que “há um modelo de espaço e tempo na percepção e imaginação humana, e vários modelos de espaço e tempo na realidade” (idem, p. 162). Como uma massa de modelar, nossas mãos esculpem, a partir da linguagem, molduras que espelham nossos propósitos; assim, embora exista um universo vasto de modelos de espaço e tempo na realidade, nossas mentes necessitam de uma representação concreta na linguagem, para organizar e codificar nossas experiências.

Tais modelos derivam de aspectos principais da natureza humana, ou seja, categorias cognitivas básicas, de forma que a linguagem é estruturada em torno de algumas categorias como espaço, tempo e pessoa, que permitem que conceitos mais abstratos sejam compreendidos em termos de cenários mais concretos, a partir de, por exemplo, extensão metafórica para outros

domínios. Assim, mudanças operam de categorias mais concretas – mais próximas ao indivíduo – para categorias cognitivas mais abstratas (Gonçalves *et al*, 2007).

Uma das formas de codificar nuances de tempo no português é através do gerúndio, que pode expressar duração e progressão da ação verbal. Obviamente, uma vez delineada a função mais concreta, outras funções mais abstratas serão desenvolvidas, daí os novos empregos, no português, em comparação com o latim literário. Embora a maioria dos tempos da conjugação latina tenha se conservado na portuguesa com emprego idêntico, algumas formas verbais desapareceram ou se estenderam a novas funções, como é o caso do gerúndio, que passou a ser utilizado com valor condicional, como em exemplos citados por Coutinho (1962, p. 328), em sua gramática histórica: “em tu tendos”, “em tu sendos”, em que observamos a adição de desinências pessoais à forma que deriva do infinitivo impessoal. O gerúndio também, em partes, substituiu no ablativo o particípio presente<sup>1</sup>, do qual somente há vestígios no português arcaico (COUTINHO, 1962, p. 347).

Grande parte das possibilidades de usos do gerúndio no português falado atualmente derivaram do caso ablativo<sup>2</sup> do gerúndio no latim (SIMÕES, 2007, p. 27), de forma que se conservaram alguns valores semânticos do gerúndio, como o *temporal* (de duração) e *condicional*, categorias mais concretas; entretanto, mudanças em termos de forma ocorreram para que se codificassem conceitos mais abstratos, como, por exemplo, o de espaço mental (metafórico), que engloba categorias menos complexas como tempo, espaço e pessoa, como demonstraremos neste estudo.

Partimos de uma abordagem do funcionalismo cognitivista, e nos debruçaremos sobre o objeto de estudo *gerúndio* em três variedades do português falado. Aqui, buscamos analisá-lo em termos da relação entre seus usos e motivações comunicativas e cognitivas. O objetivo geral da pesquisa, portanto, consiste na descrição do gerúndio e de seus usos referendados como brasileiros e/ou portugueses em gramáticas da língua e consultórios gramaticais, de modo a verificar se (como) estes usos se alteram de acordo com motivações cognitivas e comunicativas e com a variedade utilizada.

---

<sup>1</sup> Coutinho (1962) destaca que o gerúndio aparece com função idêntica à do particípio em alguns escritores latinos, citando os seguintes exemplos: “*ita miserrimus fui fugitando* (Terêncio); *conciendo ad se multitudinem* (T. Lívio); *assurgens et populando* (Tácito)” (idem, p. 323).

<sup>2</sup> De acordo com Simões (2007, p. 27), o ablativo é um caso do latim em que se fundem três casos primitivos: o próprio ablativo, que indica afastamento, separação e origem; o caso instrumental e o locatício. Dessas relações mais básicas derivaram outros complementos, com valores semânticos de causa, meio, instrumento, companhia, modo, qualidade, apreciação, limitação, inclusão, exclusão, lugar, tempo, movimento, matéria, dentre outros. (idem, p. 28).

A temática para a pesquisa originou-se de um estudo prévio, no qual analisamos gramáticas (linguísticas e normativas) do português, partindo do princípio de que, embora saibamos que as variedades do português tenham se distanciado, especialmente no que tange à oralidade – como destacam Gartner, Herhuth e Sommer (2003) ao tratarem da necessidade de legendas em filmes portugueses no Brasil (e vice-versa) – é preciso verificar como esse tratamento se dá em gramáticas da língua: se há preterimento de determinadas formas, como são tratadas as variedades do português, se o distanciamento e aproximações entre elas chega a ser mencionado – e, quando mencionado, se essa ação é pautada em formas usuais na fala ou em regras que não são seguidas na língua em uso. Tais aspectos foram trabalhados a partir da análise de gramáticas do Português, exposta no capítulo III da dissertação.

Analisar gramáticas do Português – escritas por autores diversos, tendo nacionalidade brasileira ou portuguesa – foi uma escolha que possibilitou o afunilamento da temática do projeto que deu origem a esta investigação, visto que pudemos delinear um panorama geral de quais as principais diferenças e aproximações, nos âmbitos sintático e morfológico, no que tange às variedades portuguesa e brasileira da língua, permitindo que estabelecêssemos escolhas de qual seria o objeto linguístico que seria isolado para estudo; ou seja, optamos por mapear as diferenças apontadas entre o PB e PP<sup>3</sup> para, então, selecionarmos parâmetros de uso que foram empregados no *corpus*. Para isso, selecionamos tanto gramáticas normativas quanto descritivas, optando por Almeida (1999), Azeredo (2000), Mateus *et al.* (2003), Cegalla (2005), Perini (2005), Bechara (2009), Castilho (2010), Rocha Lima (2011), Coimbra e Leite (2014), Cunha e Cintra (2017) e Neves (2020). Recorremos, ainda, a Cortesão (1907) – cuja obra *Nova Gramática Portuguesa* foi produzida no século passado para concorrer, em Portugal, a um concurso aberto para a escolha de gramáticas que seriam adotadas nas escolas e, de acordo com o autor, seguindo os moldes dos Programas Oficiais para uso das Escolas Normais e dos Institutos de Ensino Literário. Ainda que não se trate de uma gramática atual, selecionamos tal obra por termos encontrado nela referências aos usos do gerúndio do Português, cujas menções possivelmente não ocorram com tanta frequência em todas as gramáticas atuais analisadas, já que determinados usos estão cristalizados e vinculados à concepção de que PB e PP são completamente dicotômicos.

Logo, temos como objetivo geral de pesquisa investigar – descrevendo e explanando – os usos do gerúndio no Português falado, de modo a verificar se estes se alteram de acordo com

---

<sup>3</sup> A variedade brasileira do português é referida neste estudo como PB, a macaense, PM e, a portuguesa, PP.



motivações cognitivas e comunicativas e com a variedade (PB, PM, PP). Os objetivos específicos, por sua vez, são:

- (a) descrever o uso do gerúndio com vistas a
  - (a.1) analisar forma e função do gerúndio nas amostras de fala selecionadas (entrevistas extraídas de rádios virtuais: TDM, TSF e UNESP);
  - (a.2) analisar se existe uma correlação de sentido entre cada tipo de construção com gerúndio, que justifique seu uso por parte do falante; e
  - (a.3) discutir as motivações cognitivas e comunicativas que acarretam no uso do gerúndio ou impossibilitam sua aparição dentro das variedades selecionadas; e
  - (a.4) discutir concepções que são veiculadas acerca do gerúndio nas três variedades, em contraposição a alguns usos encontrados no *corpus* constituído para este estudo.
  
- (b) identificar as raízes normativas,
  - (b.1) investigando como o gerúndio é tratado em gramáticas do português e em consultórios gramaticais;
  - (b.2) acessando e examinando exemplos e avaliações sobre divergências ou aproximações entre as variedades; e
  - (b.2) investigando também como são tratadas as construções progressivas nas gramáticas do português.

Optamos por estudar o português do Brasil, de Macau e de Portugal devido ao fato de serem três variedades que apresentam contextos linguísticos muito distintos: Portugal (nação colonizadora), Brasil (que tem o português como língua oficial, e com norma consolidada a partir das inúmeras influências migratórias e autóctones) e Macau (que tem ainda hoje o português como língua co-oficial, sem norma consolidada e com população falante em número muito reduzido, dado seu contexto multicultural. É o que argumenta Lima-Hernandes (2017, p. 4667):

A realidade é que talvez menos de 3% da população tenha o português como língua materna, porém nem todos que têm essa língua como materna pertencem ao mesmo grupo cultural, não podendo se encaixar na mesma luso-“fonia” da oficialidade ou, melhor dizendo, do discurso da oficialidade: há uma gama de falantes que considera a língua portuguesa como materna, mas não compartilha sons e léxico (alguns caboverdeanos, angolanos, brasileiros, açorianos, etc.). Na verdade, isso pouco

importa em Macau; são multiculturais e vivem costumeiramente entre silêncios e sons, tons e ritmos diversos (LIMA-HERNANDES, 2017, p.4667).

A não consolidação da norma portuguesa em Macau reflete-se na escassez de gramáticas ou materiais didáticos que descrevam o português falado na região, obviamente diferente do falado em Portugal, um contexto sociocultural bastante diferente do de Macau, seja pelas manifestações culturais, seja pelas experiências diversas. Além disso, em Macau, a língua portuguesa sofre processo de atrição (MacWhinney, 2019) pela convivência com outras línguas majoritárias (como o mandarim e o cantonês) e mesmo seu papel pouco relevante nas várias situações cotidianas.

Após o mapeamento dessas diferenças, tendo como base as gramáticas citadas, optamos por focar o gerúndio, realizando um estudo-piloto que envolveu a escolha e seleção do *corpus* – entrevistas em rádios virtuais, como TDF, TSF e UNESP. O critério de seleção foi estabelecido a partir da premissa de que queríamos contar com um grupo plural de participantes, visto que, tal como defende Marcuschi (2010), consideramos que a fala é fator identitário:

A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma tecnologia. Ela será sempre a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos. Isso se dá de modo particular porque **a língua é socialmente moldada e desenvolvida**, não obstante seu provável caráter filogeneticamente universal, como postulam muitos linguistas e psicólogos (MARCUSCHI, 2010, p. 36, grifo nosso)

Justamente por ser a língua um fator de identidade social, regional e grupal, como argumenta Marcuschi, é que podemos intuir que há soluções diversas para codificar expressões em um mesmo e específico contexto. Após o delineamento do objeto linguístico *gerúndio* em variedades do português, um dos passos iniciais da pesquisa foi o mapeamento, em gramáticas, do tratamento, definições e possibilidade de uso mencionados em relação a esse objeto, momento em que nos deparamos, nos tópicos em que se mencionava o gerúndio, com apresentações dicotômicas do que se refere às construções progressivas no português falado em Portugal e naquele utilizado no Brasil. Acerca das construções progressivas, afirmam Mateus *et al.* (2003):

Estas construções apresentam desde logo algumas características interessantes, sendo uma das mais relevantes o serem perspectivadas como estando a decorrer. A esta característica podemos associar a de duração e a de incompletude, pois, se uma eventualidade está no seu decurso, é natural que tenha duração e que também não esteja completa, ou não tenha atingido o seu ponto terminal. (MATEUS *et al.*, 2003, p. 146)

Assim, entendemos como construções progressivas aquelas cujo evento é durativo, portanto, codificam um uso vinculado a aspecto, uma subcategoria de tempo; o que nos leva a uma das diferenças apontadas nas gramáticas selecionadas, sintetizada por Cunha e Cintra (2017), que afirmam ser a construção com gerúndio mais comum no PB para indicar esse tipo de ação e, além disso, a mais antiga no idioma, enquanto, em Portugal, prefere-se o uso da preposição *a* seguida de infinitivo. Tal diferença foi abordada em grande maioria das gramáticas analisadas, como em Bechara (2009, p. 231), que, ao tratar das locuções verbais, dedica uma observação ao uso do gerúndio, afirmando que, no Português do Brasil, prefere-se tal construção, enquanto, em Portugal, é mais comum o infinitivo, destacando, entretanto, que não é a única forma. Assim também atesta Castilho (2010), em tópico referente às diferenças entre o PB e PP, afirmando que, no presente composto do PB, usa-se a forma *estar* + gerúndio, enquanto, no PE, usa-se *estar* + preposição *a* + infinitivo para indicar ações que estão ocorrendo no momento da enunciação. Nas gramáticas analisadas, entretanto, não foi mencionado se isso ocorre em construções encabeçadas por todos os auxiliares ou se é somente o caso do verbo *estar*, o mais citado e que protagonizou a grande maioria dos exemplos.

Assim, o apontamento nas gramáticas do português, da estrutura das construções progressivas como uma das diferenças entre o PP e aquele adotado no PB possibilitou que fosse delineada nossa pergunta de pesquisa inicial: Haveria diferenças entre os usos do gerúndio nas variedades do português falado?

Entendemos, assim, que a pouca (ou nenhuma) menção descritiva dos usos do gerúndio em outras variedades além da brasileira representa uma possibilidade relevante de pesquisa para a área. Admitimos como hipótese inicial a de que, embora se apresente o uso das construções progressivas, nas gramáticas consultadas, como uma das diferenças entre o PB e o PP, essa oposição não se reflete na língua em uso e é passível de questionamento se considerarmos nossas observações em estudo-piloto realizado no decorrer do segundo semestre de 2020. Naquela ocasião, deparamo-nos com situações interacionais nas quais os entrevistados mesclavam, em sua fala, diversas possibilidades de uso do gerúndio, como demonstramos a seguir, em exemplos coletados no início da pesquisa:

- (1) Portanto, não há uma regra, **vou fazendo**, à medida que tenho uma ideia e proponho uma reunião e as coisas vão...vão os dias vão seguindo assim variados...sempre muito variados” (P8TSF, 2019<sup>4</sup>)
- (2) Há uum...tema que é recorrente, que é as férias sem as crianças. As pessoas dizem 'sou incapaz...sou incapaz' ou umas acusam né: 'como é que vai?!' A essas eu não respondo, eu sou uma besta. Há as que dizem 'eu gostava tanto...mas eu não sou capaz porque que eu não me vou divertir, porque eu acho que **vou tar sempre a pensar** neles' (P8TSF, 2019)

Em (1), observa-se o uso do gerúndio na posição de V2 para indicar uma ação durativa, codificada a partir do uso do verbo *ir* (que atua como auxiliar) + gerúndio, construção que parece indicar uma continuidade da ação, em relação à qual não há um fim definido, logo, trata-se de uma construção progressiva. Tal construção diferencia-se da (2) usada pela mesma participante, em que o verbo *ir* é seguido da redução de *estar*, locução verbal semelhante ao futuro simples, mas também com sentido durativo (de uma ação que estará a decorrer); entretanto, na posição de V3, a participante utiliza a preposição *a* seguida de infinitivo. Na construção, observamos a presença de dois verbos auxiliares indicando futuro (*vou e estar*), definidos por Cunha e Cintra (2017, p. 401) como

aquele que [verbo auxiliar], desprovido total ou parcialmente da acepção própria, se junta a formas nominais de um verbo principal, constituindo com elas locuções que apresentam matizes significativos especiais. (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 401)

Assim, percebemos que a oposição cristalizada entre os usos do gerúndio nas variedades do português não se reflete na língua em uso, o que também observamos em entrevista realizada pela rádio macaense TDM, com participante macaense, em cuja fala foram constatadas as seguintes construções:

- (3) : “Bom...as áreas de tradução automática e inteligência artificial são áreas que o \*\*\* **ta investindo** muito... nos anos recentes... tal como acabou de referir; (M9TDM, 2020)
- (4): “O \*\*\* com colaboração com os nossos parceiros já conseguiu construir o maior corpus ...corpus bilíngue chinês-português com cerca de 20 milhões de pares de frases... e também conseguiu construir nessa base o nosso sistema de tradução automática chinês-português português-chinês com a inte ...**utilizando** a tecnologia mais avançada; (M9TDM, 2020)
- (5): “Sim...claro... ahm neste momento já os utilizadores **estão a espalhar** não apenas em Macau mas também na China... nomeadamente na região de grande Bahia... mas nós **estamos a falar** com...ahm...por exemplo com outros

<sup>4</sup> Estabelecemos uma legenda para facilitar a referência à cada participante e preservar sua identidade. A primeira letra se refere à nacionalidade do participante, seguida de um número identificador e sigla da rádio da qual a entrevista foi extraída. Após a legenda, incluímos o ano de publicação da entrevista.

países nomeadamente em Portugal...a parte portuguesa também está muito interessada no nosso sistema...o nosso sistema também vai ser utilizado em Portugal" (M9TDM, 2020)

Na fala do participante, destacamos o uso de três construções progressivas (portanto, durativas) decorrendo no tempo presente, sendo elas “tá investindo”, “estão a espalhar” e “estamos a falar”, em relação às quais as duas últimas são construídas com verbo auxiliar *estar* seguido de preposição *a* e infinitivo (construção comumente associada à variedade portuguesa), enquanto em uma delas observa-se o uso da redução do verbo *estar* seguido de gerúndio em uma construção que aparece dentro de uma oração relativa. Nota-se também outro uso do gerúndio em (4) “E também conseguiu construir nessa base o nosso sistema de tradução automática chinês-português português-chinês com a inte ...utilizando a tecnologia mais avançada”, no que Mateus *et al.* (2003) chamaria de predicado secundário e, aqui, em relação ao papel da construção, interpretamos como circunstancial.

Esses diversos usos em discursos do mesmo falante levam à hipótese inicial de que existem motivações cognitivas e comunicativas que acarretam o uso ora necessário, ora optativo do gerúndio ou diminuem sua frequência de uso; logo, objetivamos entender como tais situações se dão e as perguntas que norteiam os procedimentos investigativos são as seguintes.

- (1) Com relação às divergências entre variedades:
  - (1.a) Haveria diferenças entre os usos do gerúndio nas variedades do português falado?
  - (1.b) As diferenças apontadas pelas gramáticas se refletiriam somente em perífrases, ou em quaisquer construções com aspecto durativo (portanto, indicando tempo)?
- (2) Com relação aos atributos e peculiaridades dos usos:
  - (2.a) Quais aspectos cognitivos e comunicativos motivariam o uso do gerúndio?
  - (2.b) Como se estruturam sintaticamente e quais sentidos expressam as construções com gerúndio em cada uma das variedades do português analisadas? (iconicidade e complexidade)
  - (2.c) Quais informações são organizadas em sentenças com gerúndio? Como se dá essa organização e o que ela reflete em termos de propósitos comunicativos? (estatuto informacional)
  - (2.d) Haveria alguma situação comunicativa na qual o gerúndio necessariamente ocorra? Haveria alguma na qual ele não possa ocorrer de forma obrigatória? (prototipicidade)

(2.e) Com quais verbos e em que construções o uso do gerúndio seriam mais comuns? (frequência de uso *type* e *token*<sup>5</sup>)

Para comparação, optamos por investigar as variedades do Brasil, de Portugal e de Macau, selecionando entrevistas divulgadas em rádios virtuais pela disponibilidade do *corpus*, e também devido ao fato de, na língua falada, haver uma menor preocupação do indivíduo em relação à forma, visto que o foco é o que será comunicado. A partir da transcrição e posterior análise dos trechos de entrevistas nas quais aparece o gerúndio, estabelecemos padrões funcionais, apresentados no capítulo IV, em que procederemos à análise de dados, que se baseia em princípios do funcionalismo cognitivista, explorado no primeiro capítulo desta dissertação.

No capítulo I, apresentaremos a abordagem teórica funcionalista e exploraremos conceitos relevantes para a análise do *corpus*, como o de gramaticalização, iconicidade e marcação linguística. Apresentaremos, ainda, quais concepções sobre língua, gramática, uso e mudança norteiam os estudos funcionalistas, e como essas concepções se refletem em nosso trabalho.

No capítulo II, intitulado “Metodologia”, apresentaremos aos leitores algumas cenas que despertaram nossas lentes para os usos do gerúndio, descrevendo como foi delineada a temática desta dissertação, como selecionamos o objeto linguístico de análise, e quais critérios foram utilizados para seleção, análise e organização do *corpus*.

Em seguida, no capítulo III, discutiremos as origens do Português com base nas gramáticas analisadas, apresentando possíveis fatores que podem ter contribuído para as particularidades de cada variedade. No mesmo capítulo, descreveremos o gerúndio em suas nuances, apresentando como esse objeto linguístico é descrito em gramáticas do português, quais exemplos são utilizados, e como são citadas as variedades. Também analisaremos postagens escritas em consultórios gramaticais digitais, observando quais as crenças sobre língua e variedade são expressas.

O capítulo IV, por sua vez, consistirá na análise dos dados coletados. Inicialmente, descreveremos as formas e funções dos tipos de construções com gerúndio encontradas, bem como as possíveis variações, destacando exemplos baseados em padrões funcionais. Embora cada um dos cinco padrões funcionais tenha sido definido com base nos próprios usos, e

---

<sup>5</sup> A frequência *type* se refere à quantidade de vezes que o gerúndio ocorreu no *corpus*, enquanto que a frequência *token* se refere à quantidade efetiva de vezes que cada tipo de construção com gerúndio ocorreu em cada variedade.

exemplificado com falas dos participantes da pesquisa, nos deteremos sobre os padrões que se mostraram mais ambíguos, como é o caso do segundo: Gerúndio como construção de Espaços Mentais, visto que estes sinalizam surgimento de novas funções em estágios incipientes.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem como objetivo explicar alguns conceitos relacionados ao Funcionalismo Linguístico, abordagem mais geral que guia esta dissertação, de modo a que se possa compreender a herança que nos acomoda no Funcionalismo norte-americano. Esses conceitos são relevantes para que construamos, gradativamente, o método de análise que orientará com clareza o tratamento dos dados a que procederemos.

No período que decorreu após a publicação do *Cours de Linguistique Générale* (Saussure, 1916), três noções básicas passaram a nortear a Linguística: sistema, estrutura e função; a primeira delas é advinda da obra imputada aos alunos de Saussure<sup>6</sup>, em que se concebe língua como sistema de signos, cujos elementos se organizam em uma entidade autônoma de dependências internas. Dessa ideia fundadora remanescem outros conceitos, o que torna necessário entender a estrutura e a lógica desse sistema.

Muito embora Saussure não tenha se dedicado aos estudos das funções da língua, ao propor a dicotomia entre *langue* e *parole* – o primeiro termo concebido como sistema linguístico pré-existente ao indivíduo e cujo funcionamento independente dele, e o segundo, materializado no plano individual e, portanto, guiado por inconstâncias –, algumas relações dentre os estudiosos do Círculo Linguístico de Praga fizeram com que a Linguística ali tratada diferisse de outras escolas estruturalistas europeias. Nesse contexto, surge a utilização da noção de *função* como uma variante do que Nichols (1984) chama de função/relação (a relação de um elemento linguístico com o sistema como um todo), como explicam Martelotta e Kenedy (2015, p.12):

No que se refere ao Círculo Linguístico de Praga, Fontaine (1978) indica outras influências, além das provenientes de Saussure, que levaram os linguistas a se dedicar ao estudo da lógica interna do sistema da língua. Essas outras influências provinham do filósofo Husserl, e, principalmente da teoria da Gestalt (Koffka, 1935), que se deu por meio de seu frequente contato com o psicólogo alemão Karl Bühler (...). Nas

---

<sup>6</sup> Para informações mais pormenorizadas sobre a origem da obra de Saussure e sobre seus fundamentos estruturalistas, sugiro consultar Vicente, Defendi e Lima-Hernandes (2016).



palavras de Fontaine (1978: 40), Bühler foi um "avalista filosófico do aspecto funcionalista do estruturalismo praguense", já que via função como um elemento essencial à linguagem. (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p.12)

A despeito de a noção de função ser utilizada por diversos autores, nem sempre partiam da mesma concepção e/ou abordagem teórica, entretanto todas as abordagens do termo se relacionavam com a dependência entre elementos linguísticos e com o papel desempenhado por esse elemento no processo comunicativo (Martelotta; Kenedy, 2015, p. 12). Ainda que os dois sentidos tenham sido adotados pelos teóricos de Praga, suas análises eram norteadas pelo entendimento de língua como um sistema funcional. Assim sendo, todo uso linguístico assumia-se como orientado para determinado fim, sendo a intenção do locutor considerada como fundamental ao discurso (idem, p. 13).

O funcionalismo de Praga foi, além disso, responsável pela articulação dos conceitos de tema (informação velha) e rema (informação nova) – binômio revisto, posteriormente, por Prince<sup>7</sup> (1981), que propôs a transição funcional entre categorias gradientes em termos de referência – ainda que já houvesse certa preocupação com o estatuto informacional da sentença e a organização de informações segundo a perspectiva do falante/escrevente.

Diante disso, é possível notar o movimento estruturalista como não unificado, tendo em vista suas diversas abordagens e agendas de investigação. Na leitura mais recorrentemente encontrada nos manuais, há a defesa de que essa abordagem pode ser compreendida em dois grandes polos (DIRVEN; FRIED, 1987 *apud* Martelotta; Kenedy, 2015, p. 13): o formalista e o funcionalista – termo compreendido neste momento em um sentido amplo. Macedo (1998) explicita a oposição epistemológica entre as duas abordagens:

De um lado, os funcionalistas procurando analisar a estrutura gramatical e a situação comunicativa. De outro, os formalistas, preocupando-se em descrever as características estruturais inatas (e por isso arbitrarias) da linguagem. Procura-se construir um modelo formal capaz de descrever os fenômenos gramaticais. Tal modelo acaba por constituir o próprio objeto da descrição. Segundo os críticos do formalismo, tornando-se a linguagem mero material com o qual se argumenta em favor do modelo selecionado (MACEDO, 1998, p. 73)

---

<sup>7</sup> Propõe a categorização das informações como *nova*, *inferível* e *evocada*.

No polo formalista, a análise linguística é centrada na forma, visto que se adota a uma concepção de língua vista como objeto autônomo e, portanto, independente do uso contextual que se faz dela, ou seja, desconsiderando as motivações pragmáticas. Tais concepções podem ser sintetizadas pela proposta de Hjelmslev (1975:3 *apud* Martelotta; Kenedy, 2015, p. 14) ao conceber a língua como “uma unidade encerrada em si mesma, como uma estrutura *sui generis*”. Assim, a proposta formalista pauta sua análise nas próprias estruturas, e não nos usos e motivações discursivas. O polo funcionalista, por sua vez, desafia a tradição vigente na Linguística de se estudar linguagem desanexada ao seu uso, concebendo língua como uma estrutura maleável, moldada não só a partir de pressões internas da própria língua, mas das próprias situações comunicativas, que guiam mudanças e determinam a estrutura linguística, por sua vez, fluida e emergente. De acordo com Martelotta e Kenedy (2015, p. 14), essa concepção guiou algumas escolas linguísticas pós-Saussureanas da Europa do século 20, das quais um dos representantes, Charles Bally, dedicou-se a estudar os “desvios que o uso individual (a fala) é levado a impor ao sistema (língua)”, inaugurando os estudos estilísticos. (Leroy, 1982:94 *apud* Martelotta; Kenedy, 2015, p. 14). Sabemos, no entanto, que também à escrita esse mesmo intuito foi levado, já que, nas obras criativas, os autores representam a fala e também expõem suas formas individuais de comunicação. Portanto, incluir num grande pacote de desvios o que é natural ao uso é impor as amarras da escrita às demais formas de se comunicar. Essa percepção de submissão à escrita, no entanto, era comum quando reinava a normatividade como espelho para medir o grau do falar culto. Uma leve mudança nessa concepção foi vista no discurso de Henri Frei, que, engajado a essa mesma abordagem e dedicado a analisar os desvios da gramática normativa, concebia esses usos como tendências advindas das necessidades comunicativas.

As influências da análise linguística pautada no funcionalismo, como em Londres e na Holanda, entretanto, se manifestaram de forma diversa em cada um desses locais, assim

Caracterizar o funcionalismo é uma tarefa difícil, já que os rótulos que se conferem aos estudos ditos “funcionalistas” mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam. Prideaux (1994) afirma que provavelmente existem tantas versões do funcionalismo quantos lingüistas (*sic*) que se chamam funcionalistas, denominação que abrange desde os que simplesmente rejeitaram o formalismo até os que criam uma teoria. A verdade é que, dentro do que vem sendo denominado – ou autodenominado – “funcionalismo”, existem modelos muito diferentes. (NEVES, 2004:1)

Nos Estados Unidos, por exemplo, embora tenha havido uma forte tendência formalista na Linguística, alguns fatores contribuíram para abrir caminho à adoção de princípios funcionalistas. Um desses fatores foi o descontentamento de alguns gerativistas com o modelo engessado gerativista que não favorecia lidar com processos criativos da linguagem. Esses pesquisadores deram grande contribuição ao entendimento funcionalista de alguns princípios, por meio de seus estudos de cunho mais associados à Linguística Cognitiva. O resultado foi que argumentos funcionalistas vinculados exclusivamente pelo contexto de uso passaram a ser compreendidos por suas motivações pragmáticas, ou seja, intencionais. Explanam essa ideia Martelotta e Kenedy (2015, p. 16) ao descreverem como se deu essa mudança de perspectiva:

Os cognitivistas propõem também que o pensamento provém da constituição corporal humana, apresentando características derivadas da estrutura e do movimento do corpo e da experiência física e social que os humanos vivenciam por meio dele. Além disso, o pensamento é imaginativo, o que significa dizer que, para compreender conceitos não diretamente associados à experiência física, ele emprega metáforas e metonímias que levam a mente humana para além do que se pode ver. Sendo assim, **a sintaxe não é autônoma, mas subordinada a mecanismos semânticos que nossa mente processa durante a produção linguística em determinados contextos de uso.** (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 16, *grifos nossos*)

O termo começou a ser utilizado em solo norte-americano na década de 70, designando trabalhos que se pautavam em uma análise linguística baseada no uso, em que se concebia a gramática como molde ao discurso: “a morfossintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva” (CUNHA; TAVARES, 2016, p. 20). Dentre os linguistas norte-americanos considerados funcionalistas, destacaram-se Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón.

As pioneiras do desenvolvimento das ideias funcionalistas nos Estados Unidos foram Gillian Sankoff e Penelope Brown, com a publicação, em 1976, de *The Origins of Syntax in Discourse: A Case Study of Tok Pisin Relatives*, que influenciou a publicação de *From Discourse to Syntax: Grammar as a Processing Strategy*, por Givón (1979), “cujo propósito é afirmar que a sintaxe existe para desempenhar uma certa função, e é esta função que determina sua maneira de ser” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 17).

O entendimento de gramática como um sistema aberto, adaptativo e maleável, logo, suscetível à mudança e afetado pelo uso que lhe é dado – esse uso, por sua vez, moldado pelas necessidades cognitivas e comunicativas – destoa do entendimento estruturalista que tende a

não considerar entidades mentais vagas, “chegando a mesmo negar a existência do pensamento, ou qualquer estrutura mental organizada, preexistente à linguagem” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 17). Essa dicotomia é discutida por Givón (1995), que refuta o que chama de três dogmas da linguística estrutural: arbitrariedade do signo linguístico, distinção entre *langue* e *parole* e diacronia e sincronia.

O linguista critica, com base nesses três dogmas, uma concepção que considera a estrutura e seu significado não relacionados, visto que descarta uma análise de palavras e estruturas isoladas. Considera que, quando nos voltamos ao uso da língua, torna-se perceptível a ocorrência de mecanismos recorrentes, como, por exemplo, o uso de material já existente na língua para expressar novas funções, a correlação entre elementos sonoros e o objeto designado (como é o caso das onomatopeias), marcações linguísticas refletindo motivações discursivas ou, até mesmo, a criação de metáforas linguísticas forjadas em nossa experiência.

O funcionalismo, assim, explica “a organização da gramática e a codificação linguística das estratégias gramaticais com base em princípios de natureza cognitiva e comunicativa” (CUNHA; TAVARES, 2016, p. 19), o que contradiz princípios estruturalistas, ao considerarmos que analisar apenas a estrutura de uma oração não daria conta, por exemplo, de explicar porque um elemento que usualmente ocupa posição final de uma sentença é deslocado para a posição tópica, ou até mesmo porque falantes omitem informações já compartilhadas no discurso. Considerar, também, que tais análises nada têm a ver com sintaxe e despachá-las para outra área de estudo, como a Estilística, ou até mesmo etiquetar tais ocorrências como exceções ou impróprias ao invés de naturalizá-las, desconsidaria a premissa básica do pensamento funcionalista: a gramática, e, portanto, a sintaxe, não é uma entidade autônoma, mas responde a pressões discursivas e da própria língua:

No campo da sintaxe, os funcionalistas consideram mais aceitável a ideia da não arbitrariedade. Para citar um exemplo, quando narramos sequências de ações como “Cheguei em casa, tomei um banho e fui dormir”, não ordenamos as cláusulas arbitrariamente, mas de acordo com a ordem em que elas ocorreram na realidade. A essas tendências, que se manifestam paralelamente à arbitrariedade, refletindo algum tipo de motivação, os funcionalistas chamam *iconicidade*. Também são explicados pelo princípio da iconicidade aspectos relacionados à extensão da sentença, assim como à ordenação e à proximidade dos elementos linguísticos que a compõem, dependendo de fatores como complexidade semântica, grau de informatividade dos referentes no contexto e proximidade semântica entre conceitos. (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 19)

Partindo de um viés funcionalista, a gramática não é compreendida ou estudada “sem referência tanto à sua evolução a partir do discurso quanto aos fatores comunicativos e cognitivos que governam seu surgimento” (CUNHA, 2016, p. 20), logo, gramática, discurso e cognição relacionam-se intrinsecamente. Tal concepção foi explorada por Givón ao refutar alguns dogmas estruturalistas, sendo o segundo deles a distinção entre *langue* e *parole*, proposta na obra *Curso de Linguística Geral*, na qual Saussure priorizou aquilo que é considerado sistema independente, geral e regular (*langue*/língua) e, ainda de acordo com tal concepção, não sofre influências individuais, ao contrário do elemento secundário (*parole*/fala) considerada acidental e não passível de estudo. Essa priorização dos estudos históricos, entretanto, se deve ao momento histórico, ou seja, aos tipos de estudo que se tinham na época. A perspectiva funcionalista, por sua vez, concebe a fala como instrumento relevante de análise, não havendo possibilidade de dicotomizar o uso do sistema linguístico, já que a língua é moldada pelo uso que se faz dela:

Nesse sentido, não há como separar a *langue* da *parole*: o acidental ou casual que caracteriza o discurso passa a ser a gênese do sistema, que, por sua vez, alimenta o discurso. A proposta de Lichtenberk (1991), segundo a qual existe uma relação simbiótica entre discurso e gramática, é um ótimo exemplo dessa concepção de linguagem. (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 19)

Outro dogma estruturalista revisto pelo funcionalismo é, de acordo com Martelotta e Kenedy (2015, p. 19), a separação intercambiável entre sincronia *versus* diacronia, visto que a perspectiva funcionalista se dedica a descrever a instabilidade da língua como fenômeno natural e passível de análise, entendendo formas e categorias como não fixas – daí o conceito de *gramaticalização*<sup>8</sup>, que considera que, sendo a língua dinâmica, o processo de mudança linguística é unidirecional, e está sempre em movimento. Entretanto, há determinados aspectos que parecem atuar com regularidade sobre os elementos linguísticos: “de uma perspectiva histórica, esses processos podem dar a impressão de uma sequência de mudanças ocorridas no tempo; de uma perspectiva sincrônica, o que se observa é um conjunto de polissemias coexistindo” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 20). Assim, entende-se que o

---

<sup>8</sup> O rompimento dessa dicotomia fez com que os estudiosos de gramática histórica adotassem nova forma de olhar para os fenômenos dinâmicos e passassem a localizar no funcionalista, inicialmente, um lugar seguro para realizar análises de objetos que fossem guiados por gramaticalização ou com lexicalização. Posteriormente, tanto os formalistas quanto os funcionalistas passam a disputar espaço de discussão na Linguística Histórica, num viés mais cognitivista.

funcionalismo tende a orientar uma perspectiva pancrônica ao analisar mudanças, não somente focando seu olhar sobre as manifestações de determinado elemento ao longo do tempo, mas também assegurando-se de observar como o momento concreto de comunicação é moldado por forças comunicativas e cognitivas que atuam de modo universal (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 20).

O principal pressuposto funcionalista consiste em entender que a gramática não pode ser descrita ou explicada como um sistema autônomo, e justamente isso faz com que Givón (1995, p. XV) questione algumas crenças estruturalistas e gerativistas. Segundo ele, “os dogmas de Saussure e de Chomsky no que se refere à competência idealizada são insustentáveis” (idem. *ibidem*, tradução nossa), e justifica essa crítica apoiado num fato inquestionável: a gramática é variável, emergente e maleável.

Esse fato usado como argumento forte por Givón traduz no deslocamento do lócus original de toda a linguagem, qual seja, a cognição humana. Sendo a linguagem um fenômeno cognitivo que reveste a negociação entre dois interlocutores, obviamente envolve processos mentais que esculpem as funções comunicativas por meio de operações cognitivas. Assim, a configuração da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência (CUNHA *et al*, 2021, p. 21):

Tendemos a criar formas icônicas para a comunicação. Buscamos aproximar a duração mais longa do tempo de uma construção mais longa em sílabas mais pesadas. Em termos de planos discursivos, tendemos a criar o fundo antes de apresentar a figura justamente porque queremos providenciar uma compreensão sobre o cenário, sobre o contexto em que a cena se desenvolverá. Tendemos a colocar a informação mais relevante em primeira posição na sentença. Por isso, colocamos as formas de polidez logo no início, para que o interlocutor – considerado mais importante nas decisões – nos atenda às demandas. (CUNHA *et al*, 2021, p. 21)

Givón questiona, ainda, a universalidade da gramática, a arbitrariedade linguística, que “desanexou o signo linguístico de seu correlato mental” (p. 5) – por entender linguagem e língua como icônicas e motivadas – bem como a idealização da distinção entre língua e fala (langue e parole): “Todas as pressões funcionais-adaptativas que moldam a estrutura sincrônica – idealizada – da linguagem são exercidas durante a performance real”, sendo essa performance o momento em que a linguagem é adquirida, em que a gramática emerge e muda e em que a forma se ajusta a novas funções e significados cada vez mais complexos (GIVÓN, 1995, p. 7). Por fim, o autor questiona a rigorosa segregação entre diacronia e sincronia, afirmando que “o problema consiste em descartar a relevância da mudança e da variação para nossa

compreensão da estrutura sincrônica” (idem, ibidem, tradução nossa), ou seja, a cada nova geração novos sentidos seriam agregados ao uso, assim como formas já existentes seriam mobilizadas para novas funções. Essa dinâmica encaixaria os processos sincrônicos nos processos diacrônicos e não mais seria possível lidar ou com uma ou outra, exigindo métodos de apreensão igualmente dinâmicos.

Como um resumo da visão funcionalista de linguagem, Givón (1995) elenca os seguintes nove pressupostos, os quais, ao lado direito do quadro, são reescritos por nós (CUNHA *et al.*, 2021), tendo em vista os avanços verificados nos estudos subsequentes de Givón (por exemplo em Givón, 2009):

### QUADRO 1: ATUALIZAÇÃO DOS PRESSUPOSTOS GIVONIANOS

A linguagem é uma atividade sociocultural	Tanto a linguagem quanto a língua são demandas de atividades socioculturais contextualizadas.
A estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;	As construções linguísticas atendem a funções cognitivas e comunicativas.
A estrutura é não arbitrária, ou seja, é motivada, icônica;	As construções são motivadas e icônicas.
Mudança e variação estão sempre presentes;	Processos de variação e de mudança sempre estão presentes.
O sentido é contextualmente dependente e não atômico;	Contextos são outras mentes. Os sentidos cifrados no encadeamento sintático dependem dos contextos de uso.
As categorias não são discretas	As categorias nem sempre são distinguidas porque se alteram, muitas vezes, em seus traços subjacentes.
A estrutura é maleável e não rígida;	As construções sofrem pressões contextuais e mobilizam itens dinâmicos em seus traços, daí sua maleabilidade.
As gramáticas são emergentes.	Da interação surgem novas formas de codificação continuamente.
As regras de gramáticas permitem algumas exceções	Usos marcados necessitam de construções marcadas.

A proposta de Givón, como deixamos ver na atualização proposta no quadro anterior, é igualmente dinâmica. Seus pressupostos destacam cada vez mais, ao longo de seus estudos, a relevância de aspectos cognitivos. Assim, o resultado das análises inspiradas nesse modelo funcionalista favorece ao linguista entender como o indivíduo co-constrói a língua: quais forças cognitivas e comunicativas se manifestam em suas escolhas linguísticas. É o que revela, dentre outros linguistas, Macedo:

Na área da linguagem, o ponto central do enfoque funcionalista é o fato de ser a estrutura da gramática explicada como resultado de funções de outras esferas, especialmente os níveis cognitivos e comunicativos. *O que se procura é mostrar de que modo a estrutura gramatical espelha a situação comunicativa* (MACEDO, 1998, p. 72, grifos nossos)

Logo, alimentando-se da ideia de que os usos da língua é que formam o sistema, a abordagem investigativa funcionalista busca explicar as regularidades da língua para além das estruturas gramaticais, visto que concebe sintaxe como não autônoma; analisando também circunstâncias discursivas, contextos de uso e cognição:

não há fala ou escrita voluntária que não seja revestida de funções cognitivas, posto que o processamento da língua e da linguagem se dá via conexão sináptica de redes neurais. Essas conexões estão na base comunicativa, ou melhor, interativa. (CUNHA et al, 2021, p. 19)

Nesta pesquisa, optamos por adotar essa perspectiva, visto que analisar apenas a forma do objeto linguístico escolhido (gerúndio) não daria conta de explicar seus usos, pois em estudo piloto observamos que o gerúndio pode expressar diversas funções através de construções de diferentes formas. Em consonância com essa observação, a abordagem funcionalista permitiria explicar a ocorrência de mecanismos recorrentes na língua, como o uso de material existente para expressar novas funções que surgem por necessidades comunicativas dos falantes, a partir de processos diversos, como gramaticalização e lexicalização. Assim, concebendo que a língua é moldada por pressões comunicativas, ou seja, pelo uso que fazemos dela e que esse uso reflete nossa estrutura de experiência, buscamos entender como se dão esses processos, por quais razões cada uso do gerúndio é estruturado da forma como se apresenta, quais e como as informações são organizadas, e o que essa organização reflete em termos de propósitos comunicativos.

Pautamo-nos aqui no funcionalismo de base sociocognitivista, em que se compreende que as capacidades cognitivas humanas são adquiridas através de observação e conhecimentos de hábitos e permitem, por exemplo, entender em uma interação as intenções e objetivos do interlocutor, bem como informações gerais, a partir do modo como o discurso é organizado, logo:



a língua é um sistema organizador de objetivos e intentos comunicativos, via ‘empacotamento’ cognitivo. E a sintaxe, como sistema que *pari passu* operacionaliza a comunicação de informações, é a forma de codificação desses intentos numa esfera linguística. Nessa perspectiva, pode-se dizer que a mais importante distinção que um falante faz, no plano cognitivo, é aquela entre *eventos* e *participantes*; e, no plano da língua, os pares distintores mais importantes são: (i) *tópico discursivo* (sobre o que se fala) e *foco discursivo* (o que se fala sobre algo) e (ii) *coisa* e *processo*. (LIMA-HERNANDES, 2010, p. 18).

Assumir a língua como uma forma de cognição significa entender que ela se manifesta no indivíduo antes mesmo de ele aprender a se expressar utilizando palavras. Na verdade, tanto a cognição quanto a linguagem e a língua emergem como um desenvolvimento contínuo de habilidades cognitivas:

Língua é interação, língua é fato social, mas, antes de ser social e interativa, ela é uma forma de cognição que já se manifesta antes mesmo de serem proferidas as palavras; ela pode ter sua evolução acompanhada no processo de aquisição da linguagem pela criança desde a fase mais tenra até a vida adulta. Se a criança desenvolve, aos nove meses, a habilidade de replicar comportamentos é porque ela está amadurecendo em sua função de observadora de si e do mundo circundante. Para que replique um comportamento, ela precisará prestar atenção, e o controle da atenção vai, assim, sendo maturado. Se mais adiante conseguir formular uma holófrase, é porque soube selecionar termos importantes de uma situação interativa que se foi repetindo ao longo de seu crescimento ou de suas atividades cotidianas. Mais do que aprender a articular uma frase ou a usar o verbo, por exemplo, “dar”, a criança está aprendendo a conseguir coisas. (LIMA-HERNANDES, 2020 p. 18)

Entendemos, assim, que ações e comportamentos rotinizados na comunidade se refletem na língua, ou seja, o modo como concebemos o mundo motiva nosso entendimento e também a forma como organizamos a linguagem via sintaxe. Devido a esse entendimento, focalizaremos alguns dos princípios fundamentais explorados na investigação funcionalista, como os de iconicidade, de marcação e de transitividade, apresentados a seguir. Selecionados tais conceitos visto que, neste estudo, nos deparamos com diversas situações nas quais os falantes utilizaram determinada construção com gerúndio ora para expressar determinada função, ora não, então faz-se necessário entender quais propósitos guiam esses usos.

### ***1.1 Iconicidade linguística: a língua motivada por suas funções***

Cada situação discursiva carrega suas peculiaridades, tendo em vista o caráter maleável da linguagem, que possibilita, por exemplo, que intenções sejam codificadas e compreendidas via sintaxe, a partir de estratégias de organização e articulação de informações. Entender que essa

organização e articulação relaciona-se não somente ao aparato linguístico disponível, mas às intenções comunicativas do falante – ou, ainda, que uma forma linguística pode se relacionar à sua função – nos leva ao conceito de *iconicidade*<sup>9</sup> a partir do qual investigações com viés funcionalista (CUNHA *et al*, 2021), têm explicado fenômenos linguísticos que ocorrem com determinada frequência, e, portanto, não podem se tratar de casos isolados, mas fatos naturais da língua. Nossa mente, por exemplo, organiza as informações nas sentenças considerando quais delas são mais relevantes, quais são desconhecidas, quais estão ao alcance do ouvinte ou não podem ser recuperadas; assim, a ordem dos elementos na língua decorre de nossa experiência física e da ordenação de fatos no mundo. Zubin e Kopcke (1985, *apud* KATO, 1998, p. 145), afirmam que

iniciamos a codificação linguística (*sic*) com aquilo que é mais familiar para o falante; começamos pelo agente porque nos consideramos potentes; colocamos os animais antes do inanimado porque aqueles são mais parecidos conosco; iniciamos com algo que foi estabelecido no contexto imediato para nós. (idem, *ibidem*)

Conceber que existe uma “correlação natural entre forma e função, entre o código linguístico (expressão) e seu *designatum* (conteúdo)” (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2015, p. 22), não significa, entretanto, considerar que sempre haverá uma relação *clara* e *detectável* entre forma e conteúdo:

dizer que uma construção é arbitrária equivale a dizer que não se sabe ainda explicar a motivação implicada, talvez porque ela tenha se perdido na linha histórica de usos ou porque o recorte sincrônico impede esse acesso. De forma alguma, no entanto, significa que ela não exista. Toda construção é motivada, e a força motriz que responde a isso é o princípio de iconicidade. (CUNHA *et al*, 2021, p. 19, tradução nossa)

O fenômeno da iconicidade se manifesta a partir de três subprincípios, relacionados à quantidade de informação, grau de integração e ordenação linear dos elementos na sentença (CUNHA *et al*, 2021). O primeiro subprincípio trata da relação entre *complexidade estrutural* e cognitiva, a partir do qual se considera que a estrutura de uma construção é motivada pela estrutura do conceito expresso por ela; assim, uma sentença cujo processamento mental é mais

---

<sup>9</sup> a ideia de *ícone* deriva da terminologia de Pierce, que o define como a relação de semelhança entre o signo e a realidade exterior.

complexo tem essa complexidade refletida em sua expressão. Observam-se, dessa maneira, as motivações discursivas atuando na forma como estruturamos a sintaxe, visto que, quanto mais previsível (ou acessível) for uma informação, menor quantidade de forma precisará ser utilizada pelo falante ao se expressar; em contrapartida, uma informação não acessível ao interlocutor precisará de código linguístico mais pesado (maior forma, mais complexidade) para ser compreendida.

Como exemplo do primeiro subprincípio de iconicidade, podemos citar um dos tipos de construção encontrada em coleta inicial do *corpus* constituído para esta pesquisa. Notamos que dois usos apresentados ocorreram no português falado em Portugal (PP): [Auxiliar “Ter” + “Vir”<sub>(gerúndio)</sub> + Prep. A + Verbo <sub>(infinitivo)</sub>], construção de caráter durativo e projetivo, indicando uma ação verbal (iniciada no passado), contínua e ininterrupta. A presença da preposição *a* seguida de verbo <sub>(infinitivo)</sub>, após verbo *vir* <sub>(gerúndio)</sub>, indica, além disso, projeção para o futuro. Assim, uma construção como “tem vindo a ser” seria mais complexa que “vem sendo”, por exemplo, em termos tanto de construção quanto de significado.

O segundo subprincípio relacionado à iconicidade é o *de integração*, que “prevê que os conteúdos mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto” (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2015, p. 24). Assim, a separação linguística de uma expressão (ou sua independência) corresponderia à independência conceptual do objeto ou evento representado, e isso nos permite entender que ao fenômeno de iconicidade está intrinsecamente relacionado o processo de gramaticalização, por exemplo, se considerarmos que o uso constante de duas palavras ou expressões juntas faz com que sejam cristalizadas como um novo uso construcional na língua. Como exemplo, temos a expressão “assim sendo”, encontrada no *corpus* sob análise, que designa um conectivo conclusivo.

Por fim, o *subprincípio da ordenação linear* estabelece que a ordem dos elementos no enunciado é motivada pela ordem de importância das informações na interação, logo, “a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática ou um lugar que represente sua relevância sob a perspectiva do sujeito” (CUNHA et al, 2021, p. 89, tradução nossa). Como exemplo, podemos citar também alguns usos encontrados no *corpus* desta pesquisa, como demonstrado a seguir:

(5) O objetivo é continuar como um Espírito maldito é...no mundo dos vivos para se vingar da pessoa que lhe fez mal...e ao mesmo tempo pedir a deus só que... **sendo ele de descendência chinesa... não vai parar ao deus católico**, mas vai parar ao mundo dos mortos chineses, e ele não percebe. (M8TDM)

A oração adverbial causal, “sendo ele de descendência chinesa” é uma construção causal que também emerge como um argumento que favorece uma conclusão, assim, é colocada em posição de tópico (destaque) por ser o argumento e também uma informação já dada pelo falante.

Vejamos outro exemplo de como o subprincípio de integração pode ser analisado no *corpus*. Observamos uma tendência a se utilizar gerúndio após os verbos auxiliares *ir* e *vir* em construções perifrásticas durativas, o que não ocorre na fala de participante macaense, como demonstrado a seguir:

(6) Posso lhe explicar que uma das coisas que tem acontecido comigo na minha...na minha vida é que sendo nascido em Moçambique... tendo uma cultura chinesa e também ocidental...as tradições chinesas foram passadas pelos meus pais... é...**a medida que vou ou estou a envelhecer**...provavelmente tenho que ir a procura de minhas raízes; (M8TDM)

Observa-se que o que define o uso ou não de gerúndio é o auxiliar mais próximo – portanto, mais integrado – ao V2. Assim, como o auxiliar *estar* encontra-se em posição mais próxima ao verbo *envelhecer*, é ele quem define que o segundo verbo estará na forma infinitiva, visto que se observa uma tendência a se utilizar, na variedade portuguesa e macaense, construções perifrásticas formadas por auxiliar *estar* seguido de preposição *a* e verbo no infinitivo.

### ***1.2 Princípio da marcação: o destaque do que se diferencia***

Herdado dos estudos linguísticos da Escola de Praga, o princípio de marcação estabelece uma relação entre categorias marcadas e não marcadas dentro de um par contrastivo (CUNHA; TAVARES, 2016, p. 21; CUNHA *et al.*, 2021), em que a marcação é delineada a partir da ausência de determinada característica em um item, assim, “um de dois elementos de um par contrastivo é considerado como marcado quando exhibe uma propriedade ausente no outro membro, considerado como não-marcado” (ibem, *ibidem*). A marcação prototípica, de acordo

com Givón (1990), tem relação com *complexidade construcional, distribuição de frequência e complexidade cognitiva*, como explicitam Cunha *et al.* (2021):

- (a) **Complexidade configuracional (estrutural/construcional)** – observaremos o quão distante do uso mais comum na sociedade é a configuração sintática (= ordenação/organização providenciada na sequência linear) empregada. A configuração marcada tende a ser mais complexa (ou maior, mais pesada, mais distante da prática comum) que a não-marcada.
- (b) **Complexidade da distribuição frequencial** – A construção marcada tende a ser menos frequente do que a construção não-marcada correspondente.
- (c) **Complexidade Cognitiva** – A construção marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a não marcada. Sendo assim, a marcada demandará maior conhecimento linguístico (maior esforço mental, maior empenho de atenção, maior tempo de processamento) do que a estrutura/construção não marcada. (CUNHA *et al.*, 2021, p. 32, tradução nossa)

Givón (1995) pontua, entretanto, que a ideia de marcação se relaciona ao contexto, visto que uma mesma estrutura pode ser marcada em determinada situação e não marcada em outra. Assim, para que se identifique o fenômeno da marcação, torna-se necessário saber, inicialmente, o que é mais comum na sintaxe da língua, ou seja, as convenções de organização social e linguística. Tomemos como exemplos os usos do gerúndio: no *corpus*, a estrutura composta por auxiliar *estar* + verbo no gerúndio, na variedade de português falada em Portugal (PP) é marcada, visto que ocorre com baixa frequência. Entretanto, considerando os usos do Português falado no Brasil (PB), ela equivaleria à construção não marcada, visto que foi a mais produtiva (em termos de padrões de ocorrências, ou seja, com maior espectro usos encontrados). Logo, como destacam Cunha, Oliveira e Martelotta (2015, p. 27), é necessário que se considere o caráter fluido da língua, e que entendamos marcação não como uma dicotomia: “é necessário adotar parâmetros de *gradiência* na análise da marcação, em vez de considerar as categorias linguísticas em termos discretos ou binários” (idem, *ibidem*).

### ***1.3 Transitividade e planos discursivos: Como nossas intenções moldam a sintaxe***

Ao longo da interação, o que dizemos é estruturado a partir de intenções comunicativas: combinamos sentenças e informações, organizamo-las e as distribuimos considerando aquilo que assumimos a respeito do outro, guiando seu olhar através de palavras e sinalizando, via linguagem, qual grau de relevância deve ser atribuído, perspectiva sintetizada por Givón (1992, p. 4, tradução nossa), ao afirmar que

O discurso é produzido como uma interação entre duas perspectivas, a do falante e a do ouvinte. A interação ocorre na mente de ambos os interlocutores. Cada um, além de sua própria perspectiva, também tenta interpretar pelo menos algumas facetas centrais da mente do interlocutor. A gramática da coerência referencial é rica em recursos usados pelo falante para acomodar a perspectiva do ouvinte. Ao usar tais dispositivos, o falante visa fundamentar as informações na perspectiva do ouvinte.

Informações já mencionadas, por exemplo, podem ser omitidas; aquelas mais relevantes são dispostas de forma que o interlocutor compreenda seu peso informativo. Dessa forma, são organizadas informações como fundo (*background*) e figura (*foreground*), visto que

toda sequência sintática é uma combinação de fundo e figura numa ordenação lógica com base no cálculo feito. Para que o texto siga contribuindo com informações, mobilizamos as relações lógicas (informações novas), as quais promovem a progressão do discurso, combinadas com as relações de redundância (informações já conhecidas ou supostamente conhecidas (LIMA-HERNANDES, 2021, p. 4).

Essa organização de informações relaciona-se ao fenômeno de *informatividade*: cálculo elaborado pelo indivíduo, no decorrer da interação, que lhe permite manipular seu discurso de maneira projetiva, considerando aquilo que o outro já sabe, ou que o interlocutor acredita saber, ou seja, “diz respeito ao que os interlocutores compartilham, ou supõem que compartilham, na interação” (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2017, p. 35). Tal fenômeno reflete a interferência da cognição na sintaxe, como defende Lima-Hernandes (2010, p. 14):

Assim como é comum o reconhecimento de que a fonética sintática pode alterar as fronteiras entre as palavras, às vezes alterando as propriedades e traços fônicos de consoantes finais ou iniciais de palavras (fenômeno articulatório), também é possível a interferência da cognição na sintaxe da língua. Esse fenômeno se dá quando o falante, contando com o que seu interlocutor sabe, elimina segmentos informacionais, aproximando o que, em situação diversa, seria distante. Essa aproximação pode provocar a reanálise se for produtiva na língua, ou seja, com a rotinização a reanálise atuaria mais facilmente. (LIMA-HERNANDES, 2010, p. 14)

Tradicionalmente, atribui-se a essa noção de compartilhamento de informações os conceitos de *tema* e *rema*, que designavam, respectivamente, a parte da sentença que apresenta a

informação velha, e aquela que representa a informação nova, binariamente distribuídas ao longo de uma sentença. Anos mais tarde, os estudos de Prince (1981), responsáveis por discutir o discurso a partir dos graus de conhecimento compartilhado de informações entre os participantes, influenciaram diversas pesquisas ao propor um conjunto de categorias gradientes. Sua proposta demonstrou como a apresentação de um referente no discurso está relacionada a fatores semântico-pragmáticos. Chafe (1977 *apud* CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2017, p. 36) certamente a inspirou, uma vez que já afirmara que, no decorrer da interação “o falante organiza e detalha o conteúdo ao mesmo tempo em que situa os seres no evento e assinala os papéis que esses seres desempenham por meio de uma categorização adequada”.

Ao recorrer a esses conceitos, Givón (1992, p. 4) destaca que raramente em uma sentença uma informação se encaixará completamente em um dos extremos, pois informações completamente velhas (logo, previsíveis para os interlocutores) são improdutivas para o ouvinte, bem como informações completamente novas, que não oferecem nenhum ponto referencial, não favorecerão a interação. Defende, assim, que cláusulas são formadas tanto por informações velhas quanto novas, distribuídas de forma gradiente com base na antecipação feita pelo falante e na reconstrução interlocutória.

Ao conceito de *planos discursivos* relaciona-se a noção de tópico, que como aponta Givón (1992, p. 7), no nível das sentenças, é comumente definida como “sobre o que se fala” (concebido pelos estudiosos de Praga como aquilo que é dado, pressuposto ou velho) ou “aquilo que é importante”, entretanto, não pode ser tomado fora da esfera discursiva, visto que só é possível defini-lo considerando um número sucessivo de sentenças. Enumera dois aspectos de topicalização relevantes teoricamente: a acessibilidade e a relevância do referente, rótulos que se referem à seguinte correspondência:

Em termos cognitivos, acessibilidade referencial refere-se ao falante instruindo o ouvinte a procurar mentalmente pelo referente na memória episódica do texto em desenvolvimento. E importância referencial refere-se ao falante instruindo o ouvinte a ativar mentalmente tópicos importantes (...) (Givón, 2002, p. 8)

Givón ainda afirma que há certo nível de previsibilidade, coerência ou acessibilidade em qualquer informação negociada no discurso *vis a vis* ao contexto e essa acessibilidade se relaciona a três fontes contextuais principais: o contexto deiticamente compartilhado (situação discursiva), contexto genericamente compartilhado (conhecimento cultural) e contexto

textualmente compartilhado (discurso antecedente) (Givón, 1992, p. 8). Esse linguista cita os pronomes pessoais, bem como demonstrativos e referentes temporais para exemplificar o que seria o contexto deiticamente compartilhado, afirmando que “um referente é mais acessível se está espacial ou temporalmente mais próximo da situação discursiva, ou é perceptualmente mais óbvio ou saliente” (idem, p. 9). O contexto cultural genérico, por sua vez, corresponde àquilo que é compartilhado por membros da mesma cultura/comunidade linguística, e tais informações comumente são combinadas com aquelas compartilhadas textualmente.

Do trabalho de Prince (1981), podemos destacar a classificação dos referentes do discurso em três grupos: *novos*, *evocados* e *inferíveis*. Referentes *novos* seriam aqueles introduzidos pela primeira vez na interação; entretanto, se ele já está na mente do interlocutor, por ser único naquele contexto discursivo, pode ser chamado de *disponível*. *Evocado* ou *velho*, por sua vez, seria um referente que já ocorreu no texto ou está disponível na situação de fala (CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2017, p. 38). *Inferível*, por fim, é aquele referente que pode ser identificado a partir de outras informações. A distribuição e organização dos referentes no discurso pode, também, ser relacionada ao fenômeno de *iconicidade*, visto que “quanto mais previsível/acessível for uma informação para o interlocutor, menor quantidade de forma será utilizada” (GIVÓN, 1990, *apud* CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2017, p. 41).

A essa organização do discurso do falante está relacionada a *transitividade*, que, embora entendida pela gramática tradicional como uma propriedade dos verbos – a “transferência de uma atividade de um agente para um paciente” (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2015, p. 28) – Hopper e Thompson (1980), em sua formulação, a concebem como uma *noção contínua*, explicada a partir de dez parâmetros que seguem critérios sintáticos e semânticos, de forma que toda a oração é analisada no que se refere a graus de transitividade, não apenas o verbo. Os parâmetros adotados são: participantes, cinese (possibilidade de transferência ou não de ações), aspecto (perfectivo ou não perfectivo), punctualidade (visibilidade das fases de transição entre o início e o fim da ação), intencionalidade, polaridade, modalidade (*realis* ou *irrealis*), agentividade dos participantes e afetamento do paciente, como demonstrado no quadro a seguir, adaptada de Cunha, Oliveira e Martelotta (2015, p. 28)

## QUADRO 2: PARÂMETROS DE TRANSITIVIDADE

	Transitividade alta	Transitividade baixa
1. Participantes	dois ou mais	Um



2.	Cinese	Ação	não ação
3.	Aspecto do verbo	Perfectivo	não perfectivo
4.	Punctualidade do verbo	Punctual	não punctual
5.	Intencionalidade do sujeito	Intencional	não intencional
6.	Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
7.	Modalidade da oração	modo <i>realis</i>	modo <i>irrealis</i>
8.	Agentividade do sujeito	Agentivo	não agentivo
9.	Afetamento do objeto	Afetado	não afetado
10.	Individuação do objeto	Individuado	não individuado

Fonte: Adaptado de Cunha, Oliveira e Martelotta (2015, p. 28)

Assim, na perspectiva de Hopper e Thompson, há uma escala de transitividade, com a qual as orações são analisadas considerando o preenchimento ou não dos dez traços mencionados. Além disso, consideram que o grau de transitividade está relacionado aos propósitos comunicativos do falante:

A universalidade do complexo de transitividade parece residir no fato de que os parâmetros que o compõem estão relacionados ao evento causal prototípico, definido como um evento em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível de estado ou locação em um objeto (...). Desse modo, por refletirem elementos cognitivamente salientes, ligados ao modo pelo qual a experiência humana é apreendida, os parâmetros da transitividade assinalam elementos salientes no discurso (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2017, p. 31)

A noção de transitividade oracional está vincada, assim, pela percepção de que o falante organiza seu discurso a partir de suas necessidades comunicativas e de sua percepção a respeito das necessidades do interlocutor – daquilo que ele considera já ser conhecido, partilhado, de quais informações precisam ser colocadas em posição de destaque, quais referentes podem ser retomados, ou seja, o que é central e o que é periférico:

Para que a comunicação se processe satisfatoriamente, ou seja, para que os interlocutores possam partilhar a mesma perspectiva, o emissor orienta o receptor a respeito do grau de centralidade e de perifericidade dos enunciados que constituem seu discurso. Em termos da estrutura do texto narrativo, ou de *planos discursivos*, a divisão entre central e periférico corresponde à distinção entre *figura* e *fundo*. (CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2017, p. 31)

Assim, orações com alto grau de transitividade ocuparão funções centrais (correspondendo à figura, parte dominante, que implica ação), enquanto orações com baixa transitividade ocuparão porções periféricas, sustentando e ampliando a ação principal, como circunstância, descrição de estados, localização de participantes e comentários avaliativos (o que corresponderia ao conceito de *fundo*). Portanto, a organização dos planos discursivos relaciona-se diretamente aos parâmetros de transitividade:

Por *figura*, entende-se aquela porção do texto narrativo que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, factuais, sob a responsabilidade de um agente, que constitui a comunicação central. Já *fundo* corresponde à descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da figura, além da descrição de estados, da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos. (idem, ibidem)

Essa distribuição de informações se baseia em propósitos comunicativos: o que está em primeiro plano é identificado mais facilmente. Entretanto, a ideia de planos discursivos não é dicotômica, mas abarca atualmente um *continuum*, de forma que há graus de fundo e figura. Podemos retomar o exemplo (5), coletado no *corpus*:

(5) O objetivo é continuar como um Espírito maldito é...no mundo dos vivos para se vingar da pessoa que lhe fez mal...e ao mesmo tempo pedir a deus só que... **sendo ele de descendência chinesa**... não vai parar ao deus católico, mas vai parar ao mundo dos mortos chineses, e ele não percebe. (M8TDM, 2019)

Na fala do participante macaense, observa-se que a oração em destaque, que expressa causa, vem topicalizada, por se tratar de um argumento que favorece uma conclusão e também ser uma informação já dada, logo, poderia ser caracterizada como fundo discursivo. Dentro desse mesmo período, a oração “não vai parar ao deus católico” emerge como conclusão em relação ao argumento anterior, podendo ser vista como figura, entretanto, com uma gradiência menor que a da oração seguinte “mas vai parar ao mundo dos mortos chineses”, informação/ação principal que é a figura em maior grau.

#### ***1.4 Gramaticalização: Estudando a instabilidade natural da língua***

O fenômeno de gramaticalização, termo cujo primeiro uso foi atribuído a Meillet (1912, *apud* CUNHA; TAVARES, 2016, p. 131), que o definiu como “a passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical”, relaciona-se à noção funcionalista de gramática emergente/adaptativa, ou seja, perspectiva na qual as mudanças linguísticas são vistas como fenômenos naturais e unidirecionais, advindos das necessidades e estratégias comunicativas dos falantes, assim, “tudo o que for produtivo e frequente ganha um construto a ser enraizado na gramática. A esse processo de fazer emergir gramática nomeia-se gramaticalização” (CUNHA *et al.*, 2021, p. 37, *tradução nossa*).

O processo de gramaticalização, portanto, é priorizado por estudos que descrevem a instabilidade natural da língua, o surgimento de usos e a manutenção de formas já existentes. Pode ser definido como a migração de um item do léxico para a gramática ou até mesmo de uma estratégia discursiva para uma estratégia sintática (CUNHA; TAVARES, 2016, p. 25); assim, está relacionado aos fenômenos de variação e mudança, bem como à iconicidade, visto que têm relação com transferência metafórica: explica a passagem de um conceito mais concreto (lexical) para um mais abstrato (gramatical), ou seja, “a transferência de um sentido ‘literal’ para outro ‘figurado’ e o de um domínio de conceptualização para outro promovem o deslizamento de um sentido mais concreto para um mais abstrato” (GONÇALVES *et al.*, 2017, p.33). Quando um fenômeno discursivo, por exemplo, passa a ocorrer de forma previsível e estável, ele caminha em direção à gramática, podendo ocorrer também o caminho inverso, ou seja, construções migrarem da gramática para o discurso:

Assim, na trajetória dos processos de regularização do uso da língua, tudo começa sem regularidade, exatamente por estar no seu começo, mas se regulariza com o uso, com a repetição, que passa a exercer uma pressão tal que faz com que o que no começo era casuístico se fixe e se converta em norma, entrando na gramática (gramaticalização). (CUNHA, COSTA e CEZARIO, 2003, p. 50)

O fenômeno de mudança linguística pode também ser explicado por uma perspectiva da sociologia aplicada à linguagem. É a aplicação a que procedemos a partir do exame dos argumentos presentes na obra de Stuart Hall, que trata da instabilidade dos significados em relação aos objetos e eventos no mundo exterior (2006):

os significados das palavras não são fixos, numa relação um-a-um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade) mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis. (HALL, 2006, p. 40)

A referida biunivocidade significado-palavra só assume validade numa realidade intuída e fora do campo de interação. Incorporando a esses usos todo o contexto discursivo-pragmático, “perturbações” da estabilidade causariam alterações, que, na verdade, atendem a processos de revitalização não só das línguas, mas também das formas de interação. Segundo Hall, essas formas de subversão atendem tanto ao apelo para a adaptação vital interna ao sistema linguística, quanto à necessidade de adequação entre intenções e manifestações comunicativas. No campo da teoria da Linguagem, há processos que nomeiam e explicam essa dinâmica. Os mais estudados a partir da segunda metade do século XX foram os processos de gramaticalização e de lexicalização.

O processo de Gramaticalização responde por essa dinâmica da língua, uma vez que implica a metodologia que favorece o entendimento de que formas, categorias e significados não são fixos. Exemplos de construções gramaticalizadas seriam verbos plenos que se tornam, ao longo de tempo, verbos auxiliares. É o caso dos verbos *ir* e *vir*, que, embora sejam utilizados para indicar movimento físico (espacial), atuam também, em usos mais recentes na história de várias línguas, como marcadores de intenção, esforço ou tentativa de realizar determinada ação, chegando mesmo a desempenhar função de morfemas de futuro (GARCIA, 2004). É relevante destacar, entretanto, que o surgimento de construções não significa o apagamento das antigas: elas podem coexistir, inclusive gerando, em contextos específicos, ambiguidade, que é uma das fases da gramaticalização.

Cunha, Costa e Cezario (2003) destacam que o momento de estabilização de uma forma revela um nível de iconicidade maior, ou seja, revela-se mais transparente a relação entre expressão e conteúdo, seguido do processo de desgaste, esvaziamento semântico e retorno ao discurso. Pontuam, ainda, que a gramaticalização pode ser vista em uma perspectiva *stricto sensu*, e que é considerada a passagem de itens do léxico para a gramática, bem como, *lato sensu*, a mudança ocorrida no interior da própria gramática, em que um item menos gramatical se torna mais gramatical. Assim, uma perspectiva diacrônica de gramaticalização daria conta de explicar como determinadas formas surgem e se desenvolvem na língua, enquanto uma perspectiva sincrônica explicaria graus de gramaticalidade.

Embora existam diferentes abordagens no que se refere ao fenômeno de gramaticalização, todas partilham alguns mesmos pontos, que são elencados por Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão e Carvalho (2007, p. 19):

(i) Fazem a distinção entre itens lexicais, signos linguísticos plenos, classes abertas de palavras, lexemas concretos, palavras principais, de um lado, e itens gramaticais, do outro, signos linguísticos “vazios”, classes fechadas de palavras, lexemas abstratos, palavras acessórias, do outro;

(ii) consideram que as últimas categorias tendem a se originar das primeiras.

Meillet (1912), responsável pela acepção clássica de gramaticalização, distinguia três classes de palavras: as principais, as acessórias e as gramaticais. Do primeiro grupo fariam parte os substantivos, adjetivos, verbos e circunstanciais, e do último, as preposições, conjunções e auxiliares (Gonçalves *et al*, 2007, p. 21); assim, adere a uma concepção que entende gramaticalização como a passagem de uma construção do léxico para a gramática, em que o item gramatical comportaria a sequência [item sintático] > [item morfológico] (idem, p. 22). Lehmann, por sua vez, partilhando da definição utilizada por Kurilowicz, entende gramaticalização “como um processo de morfologização, que pode levar à mudança de estatuto de um item não somente de lexical a gramatical, mas também do menos para o mais gramatical”, (idem, *ibidem*) semelhante à concepção de Heine *et al* (1991a, p. 3). Já, Hopper & Traugott (1993, *apud* Gonçalves *et al*, 2007, p. 22) concebem gramaticalização como um processo gradativo de mudança, como demonstrado no esquema a seguir: [item de conteúdo]> [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo flexional] (HOPPER & TRAUGOTT, 1993, *apud* Gonçalves *et al*, 2007, p. 22).

Meillet, Lehmann e Hopper e Traugott, nessa fase de desenvolvimento de seus estudos, consideram ponto de observação as classes de palavras em sua dinamicidade, o que é um grande avanço na perspectiva, mas não dá conta de todos os tipos de mudança abarcadas pelo processo de gramaticalização. Nem sempre é necessário que um substantivo mude de classe para que o processo de mudança seja observável. É o que vemos, por exemplo, com a mudança de verbo pleno para verbo suporte em [dar uma opinião]. A construção toda é um verbo suporte, mas o substantivo não deixa de ser substantivo, se analisado atômica e isoladamente. Embora ainda se adote a concepção de gramaticalização clássica (Meillet, 1912), o conceito tem sofrido alargamento e outras concepções têm sido apresentadas, como é o caso de Givón (1979 *apud* Gonçalves *et al*, 2007, p. 23), que, em fases mais tenras de seu estudo, defende tratar-se de um processo cíclico: discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero, mas depois focaliza as intenções discursivo-pragmáticas como ponto de partida. Outros pesquisadores, por sua vez, adotam uma perspectiva de gramaticalização que privilegia os estudos sincrônicos, como Votre (1999), que admite que itens presentes na gramática podem sofrer deslizamentos menos perceptíveis,

tornando-se mais ou menos gramaticais; e outros estudos que se debruçam sobre os padrões fluidos de funções na língua (*idem, ibidem*).

Gonçalves, Lima-Hernandes; Casseb-Galvão e Carvalho (2007, p. 27) resumem a escala evolutiva dos estudos sobre gramaticalização depreendida dos estudos até o momento da publicação. Nessa obra afirmam haver a seguinte linha de desenvolvimento:

- (i) a versão de Meillet, que concebe a gramaticalização como a passagem do [lexical] > [gramatical];
- (ii) a oferecida por Kurilowicz, que adiciona ao *cline* de Meillet a passagem do [-gramatical] para o [+gramatical];
- (iii) as versões dos estudos atuais: [qualquer material linguístico] > [+gramatical]. (*idem, ibidem*)

Para alguns linguistas, a gramaticalização não é o único processo constitutivo da língua, mas pode co-ocorrer com a semantização e discursivização, termos propostos no modelo multissistêmico de Castilho (2002), que subdivide gramaticalização nos seguintes processos: fonologização, que se caracteriza por alterações fonéticas, morfologização (alterações nos radicais e afixos) e sintaticização (alterações nas categorias lexicais, arranjos sintagmáticos e funções nas sentenças) (GONÇALVES *et al*, 2007, p. 15). Castilho, como pudemos notar, propõe um modelo que entende que todas as expressões linguísticas possuem propriedades discursivas, semânticas e gramaticais, as quais podem acolher a distinção entre itens gramaticais e lexicais.

Um grupo norte-americano de linguistas dedicou-se ao estudo da evolução dos morfemas verbais na língua inglesa. Trata-se de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), que elencaram alguns mecanismos motivadores da gramaticalização, como a extensão metafórica, que se caracteriza pela mudança de um domínio mais concreto para um mais abstrato, havendo preservação de algum traço da estrutura original. Outros mecanismos discutidos foram: inferência, generalização, harmonia e absorção:

A inferência remete diretamente à implicatura, pois enquanto o falante obedece ao princípio da informatividade e da economia, o ouvinte extrai todos os significados necessários à compreensão da asserção. A generalização representa a perda de traços específicos de significado, com a conseqüente expansão de contextos apropriados para o uso (...). A harmonia, um mecanismo restrito a elementos gramaticais que se encontram desprovidos da maior parte de seu conteúdo semântico, é aplicável a

estágios mais avançados da gramaticalização. Por fim, a absorção representa a fase em que há a completa gramaticalização do item observado (GONÇALVES *et al*, 2007, P. 33).

Posteriormente, em trabalho solo, Bybee (2003) levou adiante a ideia de que a redução fonológica de uma forma está ligada à sua frequência de uso, visto que o aumento dessa frequência fazia com que a construção comece a ganhar autonomia e, conseqüentemente, perdesse componentes individuais; além disso, a habitualidade de uso de uma construção levava ao enfraquecimento de forças semânticas. Argumentou, além disso, que, ao perder transparência semântica entre seus componentes, uma forma passava a poder ser utilizada em outros contextos, o que a levaria à mudança (GONÇALVES *et al*, 2007, p. 35). Nem todos os estudiosos da gramaticalização, entretanto, concordaram com a ideia de desbotamento semântico (bleaching), por entenderem o termo de forma mais denotativa. Houve, então discussão sobre a abrangência do termo e chegaram à conclusão que o bleaching tanto sinalizava a perda de propriedades da forma-fonte quanto ganhos em direção à forma-meta (Sweetser, 1990).

Hoje, mais de dez anos após esses estudos, verificamos o consenso entre os linguistas no entendimento de gramaticalização, ou seja, compreende-se que ele se constitui como um processo contínuo e natural, em que atividades cognitivas e movimentos dentro da própria língua atuam em sua estrutura:

Nesse processamento, que se inicia por motivações devidas aos usuários da língua, sobreposições da combinação sentido/forma geram ambigüidades, polissemias, que se traduziriam numa assimetria. Tal assimetria, por se constituir um problema comunicativo ao falante-ouvinte, será resolvida pela reanálise e analogia que provocariam a paradigmática da nova forma. Portanto, a movimentação do processo de gramaticalização pode ser representada num continuum que tanto envolve a variação conceptual quanto a contextual. (GONÇALVES *et al*, 2007, P. 34)

Gonçalves *et al* (2007, p. 37) resumem os mecanismos atuantes na gramaticalização, com enfoque no princípio da unidirecionalidade, como demonstrado no quadro abaixo:

### QUADRO 3: MECANISMOS ATUANTES NA GRAMATICALIZAÇÃO

Nível	Mudança unidirecional	Processo
Fonologia	mais material fonológico > menos material fonológico	redução fonológica

Morfologia	lexical > gramatical > mais gramatical (forma livre > forma presa)	recategorização (morfologização)
Sintaxe	menos coesão > maior coesão	reanálise (alteração da fronteira de constituintes)
Semântica	concreto > abstrato	Dessemantização, processos metafóricos
Pragmática	estruturas pragmáticas > estruturas sintáticas	Sintaticização

Fonte: Gonçalves *et al* (2007, p. 37)

Considerando que as mudanças operam de categorias mais concretas – e, portanto, mais próximas ao indivíduo – para categorias cognitivas mais abstratas, Heine *et al* (1991a:157) propõem uma hierarquia que opera da esquerda para a direita, para explicar a trajetória de alguns itens (bem como ações humanas), que vão se abstratizando ou tornando-se mais complexas: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade. Depois, esses mesmos autores apresentam um segundo *continuum* (Heine, Claudi & Hünemeyer, 1991b:48), em que explicam a categoria “atividade” como “referida a uma situação dinâmica que inclui atos, atividades, eventos e processo”, reorganizando da seguinte forma o *continuum*: pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade. Anos depois, já com densos resultados de pesquisa, os membros do grupo de pesquisa Linguagem e Cognição (LinC-USP), ao qual esta dissertação se vincula, propõem uma reformulação de modo a incorporar subcategorias que permitiriam lidar com pontos de transferência metafórica mais gramaticais tal como expresso na representação a seguir:

(I) partes do corpo > pessoa > objeto > [instrumento] > espaço > [atividade] > tempo > [processo/evento] > qualidade<sup>10</sup> ...

Segundo Lima-Hernandes (2021, p. 32) argumenta com base nos estudos do LinC-USP, as subcategorias entre colchetes permitem compreender a complexidade embutida nos conceitos antecedentes em direção ao conceito mais abstrato subsequente:

O que se espera é que toda categoria mais à esquerda seja pressuposta nas categorias mais à direita porque a derivação está implicada. Como se poderia ter um processo sem se ter implicada a categoria tempo, responsável pela dinâmica no espaço físico? Estudos sobre as rotas de gramaticalização de verbos, dentre os quais cito Batista (2007) com o verbo *tirar*, têm ratificado essa inconsistência (LIMA-HERNANDES, 2021, p. 32)

<sup>10</sup> Cada categoria mais à direita incorpora naturalmente a categoria mais à esquerda. O refinamento de categorias, no entanto, permite análises mais pormenorizadas quanto à ação humana e a atuação de funções mais ou menos instrumentais.



Gonçalves *et al* (2007, p. 40) citam como exemplo desse *continuum* de abstratização o uso de palavras que representam o corpo humano para designar lugares físicos, como Costa Atlântica, bem como poderíamos citar termos referentes ao corpo (como o verbo *digerir*, *engulir*, *deglutir*), utilizados para representar outras atividades mais abstratas, como, por exemplo, na expressão “digerir informações”, em que um conceito concreto é utilizado para entendimento de um fenômeno mais abstrato, o que Heine *et al* (1991) explicam ao tratar do princípio de exploração de velhas formas para novas funções. No que tange à unidirecionalidade, esses mesmos autores (*idem*, p. 42) explicam que “metaforicamente falando, a unidirecionalidade seria o bisturi que recorta um tipo específico de mudança, a que promove o rebaixamento<sup>11</sup> de categoria de um elemento, rumo a uma estrutura mais gramatical, e nunca o contrário” (*idem*, p. 41). Os autores explicam a concepção de que processos metafóricos guiam mudanças semânticas dentro de processos de gramaticalização, visto que nossa linguagem é codificada a partir de nossa estrutura de experiência, assim

associada a processos de (des) semantização, a metáfora, em gramaticalização, envolve a abstratização de significados, os quais, de domínios lexicais ou menos gramaticais, são estendidos metaforicamente para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais. (*idem*, p. 43)

O conceito de metáfora envolvido nos processos de gramaticalização se diferencia daquele utilizado no campo das figuras de linguagem, visto que tem relação com a extensão de significados, permitindo a utilização de velhas formas para novas funções, e diz respeito à “transferência de um domínio para outro por meio de um elo estabelecido entre dois domínios conceptuais” (*idem*, p. 48).

Outro mecanismo que pode desencadear mudanças linguísticas é a metonímia. Nos estudos linguísticos, é considerada como um mecanismo que contribui para a reanálise de uma estrutura, como definem Heine *et al* (1991, *apud* Gonçalves *et al*, 2007, p. 46). Lembremo-nos de que reanálise é fenômeno cognitivo de manifestação sintática, já no campo criativo estilístico, trata-se de “uma figura de linguagem por meio da qual o nome de uma entidade é

---

<sup>11</sup> Atualmente, consideramos que o melhor termo a ser empregado seria “deategorizar” e não “rebaixar”.

usado para outra entidade de algum modo contígua à primeira”, assim, se trata de uma associação conceptual:

A mudança de significado por associação metonímica resulta de um raciocínio “abduativo”, por meio do qual o falante observa determinado resultado no discurso, invoca uma lei (da linguagem) e infere que, a um uso posterior, pode ser aplicada essa mesma lei (...). (idem, *ibidem*)

Ambos os mecanismos (metáfora e metonímia) ajudam a explicar os processos de mudança de itens na língua, visto que permitem a apreensão da extensão de significados, podendo atuar ao mesmo tempo em alguma etapa. Isso, evidentemente, traria algum efeito para a comunicação, seja em forma de ambiguidade, seja em forma de ruído interpretativo.

Todos esses conceitos tratados nesta seção são relevantes para que cumpramos o objetivo desta dissertação. Obviamente, lidar com frequência não se restringe à pura quantificação de os usos do gerúndio, mas, na abordagem funcionalista sobre gramaticalização abre um veio de reflexão sobre a distinção material quantificada de forma ou itens (frequência token) em relação à diversificação de funções (frequência type). Logo, entender quais suas formas e funções, quais sentidos expressam, e como esses usos refletem a estrutura de experiência é o que nos motiva a mobilizar essas ferramentas de análise. Somente adotando essa organização de primeiramente compartilhar conceitos para depois demonstrar com dados é que teremos condições de alcançar as formas de conceptualização subjacentes aos usos de construções gerundiais. A seguir, apresentaremos os procedimentos metodológicos remanescentes da aplicação dos conceitos aqui expostos.

## 2 METODOLOGIA

Parte do trabalho científico pode ser representado pela metáfora “de limões fazer uma limonada”. Nem sempre é clara a forma de aplicação de conceitos tão opacos para leitores que visitam inceptivamente o campo de estudos a que nos engajamos. Essa é a razão por que temos a missão, nesta seção, de apresentar sucintamente cada ferramenta facilitadora desse trabalho. Obviamente, a forma de esculpir ou limar esses instrumentos desde a segunda metade do século XX foi árdua e incansável tarefa assumida por toda uma rede de pesquisadores que nos antecederam. Foram esses esforços que, pesquisa após pesquisa, consolidaram um caminho seguro de análise que propiciará o entendimento de objetos aparentemente difusos, caóticos e abstratos, como é o caso das construções gerundivas.

Como anteriormente exposto, a pesquisa tem como objetivo central descrever e analisar comparativamente os usos do gerúndio no português falado, considerando três variedades: do Brasil, de Macau e de Portugal. A hipótese inicial é a de que existem motivações comunicativas, discursivas e cognitivas que acarretam o uso ora necessário ora optativo do gerúndio com efeitos avassaladores na adesão aos usos. Sendo assim, tanto poderemos constatar a diminuição da frequência de aparição quanto algum comportamento categórico desse objeto linguístico. É essa possibilidade que nos remete a controlar quantitativa e qualitativamente os enunciados reais do português, a partir da observação do uso linguístico em uma base em *corpora* (LABOV, 1972 *apud* SILVA, 1999, p. 71). Para isso, recorreremos a dados sincrônicos integrados no *corpus* de análise formado por entrevistas orais publicadas em rádios virtuais, com falantes das três variedades do português em suas respectivas regiões de habitação.

Como objetivos específicos, temos de analisar forma e função do gerúndio nas amostras de fala selecionadas, discutir as motivações cognitivas e comunicativas que acarretam o seu uso ou lhe diminuem a frequência de aparição dentro das variedades selecionadas, e investigar como o gerúndio (e as construções progressivas) é tratado em gramáticas do português/consultórios gramaticais.

Quando iniciamos esta pesquisa, muito antes de definir com clareza o objeto linguístico, bem como a quais dados recorreríamos para análise, já havíamos observado, em gramáticas do português, a manifestação de uma oposição na descrição entre o Português do Brasil e de

Portugal. Após observar esse caráter dicotômico na descrição entre as duas variedades linguísticas, realizamos uma pesquisa bibliográfica em gramáticas do Português – escritas por autores diversos, tanto de nacionalidade brasileira quanto portuguesa, e passamos a compreender a existência de formas diversas de tratamento de um mesmo conteúdo gramatical, bem como as referências que se fazem a usos “seus” e “do outro”. O que denunciava essa diferença era a forma da construção.

Nessa análise inicial, nos atentamos aos seguintes aspectos:

- Menção às origens do português;
- Como são apresentadas as variedades do português (se são apresentadas como variedades ou línguas diferentes);
- Menção a aproximações e distanciamento entre as variedades.

As fontes consultadas tanto de gramáticas normativas quanto descritivas, contemplavam versões atualizadas (escritas entre 1990 e 2020), de Almeida (1999), Azeredo (2000), Bechara (2009), Castilho (2010), Cegalla (2005), Coimbra e Leite (2014), Cunha e Cintra (2017), Mateus (2003), Neves (2020), Rocha Lima (2011) e de Perini (2005). Não encontramos, entretanto, nenhuma gramática que descrevesse o português utilizado em Macau. Mesmo havendo gramáticas que traçam as aproximações e diferenças entre as variedades independentemente da nacionalidade do autor, nos atentamos em selecionar aquelas escritas tanto por escritores brasileiros quanto portugueses, considerando que essa descrição não necessariamente seria pormenorizada, e que seria também possível observar as características de uma variedade não somente na descrição das suas características ou apresentação de normas linguísticas, mas ainda (ou, principalmente) na própria escrita do autor e nos exemplos selecionados por ele; por isso a importância da seleção de gramáticas escritas por autores de ambas as nacionalidades.

Analisar gramáticas do Português foi uma escolha que possibilitou o afunilamento da temática deste projeto, no qual, após mapear as principais diferenças e aproximações nos âmbitos sintático e morfológico, no que tange às variantes portuguesa e brasileira da língua, pudemos definir qual seria nosso objeto linguístico. Optamos por estudar o gerúndio devido ao fato de termos observado a rara menção (ou, em alguns casos, nenhuma) às situações de uso de cada forma desse objeto linguístico, por exemplo, no português falado em Portugal e em Macau.

Embora tenhamos selecionado edições atualizadas de gramáticas, no decorrer da pesquisa, ao procurar por gramáticas portuguesas, deparamo-nos com a de Cortesão (1907), cuja obra *Nova Gramática Portuguesa* foi produzida no século passado para concorrer, em Portugal, a um concurso de gramáticas que seriam adotadas nas escolas, ou seja, necessariamente seguia os moldes da norma culta da época. Embora não se trate de uma gramática atual, ela foi selecionada para por fazer referência aos usos do gerúndio do Português, descritos com mais detalhes do que em gramáticas atuais.

Ao analisar as gramáticas citadas, deparamo-nos com uma significativa menção às construções progressivas nos tópicos em que se abordam as divergências entre as variedades portuguesa e brasileira. Nestas menções, houve um apontamento de que, no Português falado em Portugal (PP), prefere-se a construção composta por verbo auxiliar, seguido da preposição *a* e infinitivo do verbo principal, o que nos fez questionar se isso ocorreria com todas as construções progressivas nas quais há um verbo auxiliar, ou apenas com o verbo *estar*, já que, nos exemplos observados, ele foi o mais citado, e se esse preterimento do gerúndio ocorreria em todos os tipos de construções progressivas, ou somente naquelas encabeçadas por auxiliar. Não houve qualquer menção, também, de situações nas quais poderia haver mais de um verbo auxiliar, e, nesses casos, se a construção seria estruturada num molde português ou brasileiro.

Em seguida, optamos por fazer incursão nos consultórios gramaticais digitais, a fim de examinar que crenças manifestariam sobre língua e variedade expressas, uma vez que consideramos que são uma fonte popular de adquirir informações, bem como divulgam uma prescrição gramatical a consulentes (pessoas que enviam suas perguntas para os consultores) interessados em falar e escrever “corretamente” (MARCONDES, 2008, p. 12). Além disso, as respostas dos consultores (pessoas, geralmente professores de português, que respondem às dúvidas e questionamentos) refletem crenças acerca da língua, que são reproduzidas e veiculadas nas mídias sociais.

Para verificar o tratamento do gerúndio em tais consultórios, utilizamos a ferramenta de buscas do *Google* bem como do *Cadê Yahoo*, digitando *língua portuguesa dúvidas*, em seguida *Português dúvidas* e *dúvidas gramaticais*, observando os resultados mostrados das 5 primeiras páginas, com vistas a selecionar os mais consultados por usuários, pois a ordem em que os sites aparecem nas ferramentas de buscas está relacionada à relevância da temática para os usuários (e, assim, à quantidade de visitas ao site). O critério de seleção foi pautado pela definição trazida por Marcondes (2008), de forma que selecionamos apenas aqueles consultórios que contém a seção de perguntas e respostas. Excluímos alguns que contavam apenas com colunas, vídeos e materiais de apoio, não exibindo uma seção destinada a perguntas dos consulentes. Chegamos,

então, a 4 consultórios: *Ciberdúvidas*, *FLiP*, *Sua língua* e *Conversa de Português*. Em cada um deles, digitamos na barra de busca alguns termos-chave: *gerúndio*, *variedades do português*, *Brasil*, *Portugal* e *Macau*, selecionando as 5 postagens mais acessadas e que necessariamente têm relação com a temática deste estudo, observando se, em alguma das postagens, havia exemplos em que o gerúndio tivesse sido citado (mesmo que não fosse a dúvida principal do consulente).

Obtivemos 16 postagens que tratavam – direta ou indiretamente – do gerúndio nas variedades do português, e estas permitiram a análise das concepções e crenças linguísticas ali expostas. Durante essa fase de estudo, deparamo-nos também com duas crônicas gramaticais que refletiam uma concepção negativa em relação a usos comuns na variedade brasileira, bem como com a exposição de como evitar o gerúndio. Encontramos, nessa ocasião, postagens que discorriam sobre o *gerundismo* – prática que pode ser definida como o uso do gerúndio em situações que não são indicadas pela norma culta, bem como seu uso de maneira excessiva, e sempre associada à variedade brasileira, como se o gerúndio fosse uma característica exclusiva do português do Brasil. Em outros posts, entretanto, foram mencionados alguns usos do gerúndio na variedade portuguesa, o que pretendemos verificar em nosso estudo.

Assim, retomamos as seguintes perguntas de pesquisa:

- (1) Com relação às divergências entre variedades:
  - (1.a) Haveria diferenças entre os usos do gerúndio nas variedades do português falado?
  - (1.b) As diferenças apontadas pelas gramáticas se refletiriam somente em perífrases, ou em quaisquer construções com aspecto durativo (portanto, indicando tempo)?
- (2) Com relação aos atributos e peculiaridades dos usos:
  - (2.a) Quais aspectos cognitivos e comunicativos motivariam o uso do gerúndio?
  - (2.b) Como se estruturam sintaticamente e quais sentidos expressam as construções com gerúndio em cada uma das variedades do português analisadas? (iconicidade e complexidade)
  - (2.c) Quais informações são organizadas em sentenças com gerúndio? Como se dá essa organização e o que ela reflete em termos de propósitos comunicativos? (estatuto informacional)
  - (2.d) Haveria alguma situação comunicativa na qual o gerúndio necessariamente ocorra? Haveria alguma na qual ele não possa ocorrer de forma obrigatória? (prototipicidade)

(2.e) Com quais verbos e em que construções o uso do gerúndio seriam mais comuns? (frequência de uso type e token)

Para respondê-las, optamos por extrair exemplares de língua portuguesa falada, por considerarmos que a fala é fator identitário, e também por haver nessa modalidade uma menor preocupação do indivíduo com a forma, visto que o foco é o que será comunicado. Além disso, utilizando entrevistas orais, poderíamos contar com um grupo plural de participantes. A questão da acessibilidade e variedade do *corpus* também emergiu como fator relevante, para, então, optarmos por extrair as amostras de rádios virtuais. Com base nessas preocupações convertidas em critérios, chegamos ao gênero textual entrevista de rádio.

Após pesquisa utilizando a ferramenta *google* para localizar rádios virtuais que disponibilizassem entrevistas em português, consideramos a quantidade de entrevistas disponibilizadas, bem como a pluralidade de participantes, visto que precisávamos de uma quantidade equivalente de tempo em relação às entrevistas com brasileiros, macaenses e portugueses. Optamos pelas rádios TDM, TSF e UNESP devido à quantidade de amostras de fala encontradas, pois, em cada uma delas, conseguiríamos encontrar falantes de cada uma das variedades.

Selecionamos, assim, entrevistas da rádio-notícias TSF, de Portugal, a qual disponibiliza entrevistas diversas, realizadas com profissionais de diferentes áreas. Essa rádio é associada à revista DN Life, na qual também encontramos entrevistas, porém de caráter mais descontraído. A rádio, além disso, conta com o programa *Volta ao mundo*, no qual são entrevistadas pessoas falando sobre suas diversas experiências de viagem. Selecionamos também entrevistas da rádio TDM, de Macau, na qual são entrevistados profissionais de diferentes áreas; e, no Brasil, optamos por entrevistas da rádio UNESP, também com profissionais falando sobre temas diversos.

Assim, foram selecionadas entrevistas da rádio-notícias *TSF Rádio Notícias*, de Portugal, a qual conta com um site bastante diversificado, no qual encontramos alguns programas, dentre eles:

- *Volta ao mundo*, (<https://www.voltaaomundo.pt/categoria/viajantes/>) página na qual, no ícone “viajantes”, são exibidos artigos e entrevistas exclusivamente sobre a temática de viagens; assim, são entrevistadas pessoas falando sobre suas experiências culturais e linguísticas em outros países. Dentre os materiais, selecionamos as entrevistas faladas.
- *TSF entrevistas* (<https://www.tsf.pt/tag/entrevistas.html>) franqueia o acesso a entrevistas realizadas com profissionais de diferentes áreas falando sobre sua atuação.

- *DN life* (<https://www.dn.pt/?referrer=HeaderGMG>) é uma revista associada ao site, a qual aborda temas como família, saúde, comportamento e bem-estar. As entrevistas e vídeos previamente gravados são disponibilizados na área "vídeos" em que o acesso a entrevistas de temas diversos é disponibilizado.

A sede da TSF – inicialmente chamada *Telefonia sem fios* – é localizada em Lisboa (Portugal). Essa rádio foi ao ar pela primeira vez em 29 de fevereiro de 1988, na condição de rádio pirata. Obteve, no ano seguinte, licença como rádio local de Lisboa, de forma que, oficialmente, é regional, mas tem cobertura nacional.

Inicialmente, digitamos na barra de busca do site a palavra “entrevistas”, o que nos direcionou ao link [entrevistas - TSF](#). Posteriormente, pudemos notar que a rádio continha outros programas, como o *Volta ao mundo*, uma área destinada apenas à temática viagens, que conta com entrevistas de pessoas falando sobre suas experiências em conhecer lugares diferentes. Explorando o site, deparamo-nos com a página [Diário de Notícias \(dn.pt\)](#), revista pertencente à rádio TSF, que se assemelha a um jornal virtual, no qual são publicadas notícias de Portugal. Na barra de pesquisas do *Diário de notícias*, também digitamos a palavra “entrevistas”, e observamos que, em sua maioria, as entrevistas disponibilizadas eram na modalidade escrita; entretanto, identificamos algumas faladas, as quais também pudemos analisar.

Selecionamos também entrevistas da rádio TDM (Teledifusão de Macau), rádio macaense, responsável também por assegurar o serviço de televisão pública em Macau. Na rádio, são entrevistados profissionais de diferentes áreas, em português, falando sobre temas diversos na seção "Rádio Macau entrevista"; todos possuíam nível superior de escolaridade. Deparamo-nos com uma quantidade inferior de entrevistas com macaenses e, dentre as que encontramos até o momento atual da pesquisa, todas tinham um caráter formal, visto que os entrevistados eram profissionais com formação superior de ensino falando sobre sua área de atuação.

Na rádio TDM, não são entrevistados apenas macaenses, mas também portugueses, assim, tivemos que verificar a nacionalidade de cada entrevistado, com vistas a contar também, em nossa pesquisa, com participantes macaenses. As entrevistas são disponibilizadas em formato de vídeo no link ([tdm.com.mo](#)), no qual se pode filtrá-las por datas de publicação.

Por fim, no Brasil, optamos por entrevistas da rádio UNESP (**Rádio Unesp FM 105,7**), emissora pública vinculada à Universidade Estadual Paulista e sediada no campus de Bauru. Foi ao ar pela primeira vez em maio de 1991, e conta com entrevistas diárias, publicadas no



formato de áudio, com profissionais falando sobre temas da atualidade e com níveis de escolaridade diversos.

Selecionamos entrevistas em português, publicadas nas rádios virtuais TDM, TSF e UNESP entre 01 de janeiro de 2019 e 01 de janeiro de 2021. Optamos por utilizar entrevistas com duração de tempo proporcional, tendo em vista que se fez também uma análise quantitativa a partir da discussão de marcação linguística – conceito discutido no capítulo 1. Embora algumas entrevistas tenham apresentado maior duração que outras, no total a duração foi contabilizada em termos de variedade, de modo que a soma total dos minutos de entrevistas transcritas em cada variedade não ultrapassasse 160 minutos.

Transcrevemos, das entrevistas, somente os trechos nos quais o gerúndio aparecia, e também trechos em que ele poderia ser empregado intercambiavelmente, visto que o objetivo consistiu em estabelecer padrões funcionais dos usos do gerúndio em três variedades do português, bem como detectar quais construções podem substituí-lo. Essa foi a estratégia para que, então, analisássemos em quais contextos ele é opcional ou preterido por outra construção, o que fizemos por meio de investigação quantitativa e qualitativa. Embora nem todas as falas dos entrevistados tenham sido incluídas na exemplificação – devido à extensa quantidade de exemplos de alguns padrões funcionais –, todos os usos foram contabilizados. É relevante também frisarmos que, embora tenham ocorrido, em alguns contextos, mais de um uso do gerúndio no mesmo período, cada um deles foi contabilizado separadamente e ligado ao padrão de uso pertinente.

Os entrevistados foram numerados de 1 a 19, sendo os sete primeiros, portugueses, seguidos de cinco participantes macaenses e sete brasileiros. O nome de cada entrevistado, bem como menções a empresas, organizações e instituições, foram retirados para a preservação de sua identidade. Assim, cada participante será identificado a partir de uma legenda, na qual a primeira letra se refere à sua nacionalidade (brasileiro, macaense ou português), seguido de um número identificador, nome da rádio e ano de publicação da entrevista. Houve menos participantes macaenses devido às entrevistas encontradas com participantes macaenses serem mais longas, assim, tentamos equiparar o valor total em minutos proporcionalmente. O resultado disso serão 19 participantes da seguinte maneira referidos neste estudo:

#### **QUADRO 4: PARTICIPANTES DO ESTUDO**

Participantes de Portugal	Participantes de Macau	Participantes do Brasil
<b>P1TDM, 2020</b>	M8TDM, 2019	B13UNESP, 2020
<b>P2TSF, 2020</b>	M9TDM, 2020	B14UNESP, 2020
<b>P3TDM, 2020</b>	M10TDM, 2020	B15UNESP, 2020
<b>P4TSF, 2020</b>	M11TDM, 2019	B16UNESP, 2020
<b>P5TSF, 2019</b>	M12TDM, 2019	B17UNESP, 2020
<b>P6TSF, 2020</b>		B18UNESP, 2020
<b>P7TSF, 2020</b>		B19UNESP, 2020
<b>Total (minutos): 152 m 4 s</b>	<b>147 m 2 s</b>	<b>145 m 4 s</b>

No que tange ao perfil dos participantes, dentre os entrevistados de Portugal, temos 2 mulheres (P2TSF, atriz portuguesa e P4TSF, médica internista portuguesa) e 5 homens (P1TDM, genealogista português P5TDM, psicólogo português, P5TSF, ator e modelo; P6TSF, jornalista e P7TSF, professor universitário).

Tivemos um pouco de dificuldade em encontrar participantes macaenses, mesmo em uma rádio de Macau, como é o caso da TDM, que continha poucas entrevistas com macaenses, porém, essas entrevistas tinham longa duração em comparação às demais encontradas no *corpus*. Dentre as participantes mulheres, temos: M8TDM, investigadora e acadêmica; e M12TDM, diretora de turismo. Dentre os participantes homens temos: M9TDM, coordenador pedagógico; M10TDM, médico e escritor; e M11TDM, advogado e diretor teatral.

Dentre os participantes brasileiros, cujas entrevistas foram extraídas da rádio UNESP, temos: B13UNESP, advogada; B14UNESP, técnico de futebol; B15UNESP, diretor de escola técnica; B16UNESP, secretário de esportes; B17UNESP, psicóloga perinatal; B18UNESP, professor universitário; e B19UNESP, gerente de enfermagem.

Para a transcrição dos trechos, seguimos as orientações recomendadas para o projeto NURC (PRETI, 1999):

FIGURA 1: NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DOS INQUÉRITOS NURC-SP

Normas para transcrição de entrevistas gravadas		
Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	Do níves de rensa ( ) nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição: desvio temático	- - -	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião.. “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc)</li> <li>2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por <i>está</i>: tá? Você <i>está</i> brava?)</li> <li>3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.</li> <li>4. Números por extenso.</li> <li>5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)</li> <li>6. Não se anota o <i>cadenciamento da frase</i>.</li> <li>7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa)</li> <li>8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.</li> </ol>		

Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no. 338 EF e 331 D2.

PRETI D. (org) **O discurso oral culto** 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

Figura 1: Normas para transcrição dos inquéritos NURC-SP (PRETI, 1999, p. 224).

Para uma precisão das decisões metodológicas nesta pesquisa, cronometramos também o tempo exato em que a fala transcrita se inicia e é terminada. Esse critério facilitou, ao longo

da pesquisa, a consulta posterior e gerou maior índice de confiança nos resultados da análise. A cada ocorrência de construções com o gerúndio, descrevemos suas formas e funções, termos antecedentes, posição sintática e mobilidade.

Em seguida, agrupamos os usos do gerúndio, estabelecendo padrões funcionais, em relação aos quais observamos como a construção com gerúndio é estruturada e quais os sentidos expressos; como será demonstrado no capítulo 4. Os padrões funcionais foram organizados de acordo os critérios de frequência token e frequência type (produtividade), e a atuação desses critérios pode ser depreendida da organização a que procedemos dos padrões funcionais. O resultado disso é a ordenação de números de ocorrências: o padrão 1 é mais frequente/produtivo que o padrão 2 e assim sucessivamente.

### 3 REVISÃO DO TEMA

Neste capítulo, discutiremos teorias acerca dos fatores que contribuíram para as diferenças entre as variedades do Português, apresentando possíveis fatores que podem ter contribuído para as particularidades de cada variedade, baseando-nos em Castilho (2010) e Cunha e Cintra (2017). Em seguida, apresentaremos como o gerúndio é descrito em gramáticas do português e também em consultórios gramaticais digitais, observando quais as crenças sobre língua e variedade são expressas.

#### *3.1 Português: uma mesma língua, diferentes variedades*

Neste item, trataremos das origens da língua portuguesa, discutindo quais fatores podem ter contribuído para o surgimento das particularidades de suas variedades. Sendo a língua materna de cerca de 180 milhões de pessoas (Mateus *et al.*, 2009), o português é adotado como língua nacional em Portugal e no Brasil<sup>12</sup>, Língua Oficial em Angola, Moçambique, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, e cooficial em Macau<sup>13</sup>. Trata-se de uma língua que possui diversas variedades, uma das características do que chamamos hoje de língua pluricêntrica, ou, como defendem Cunha e Cintra (2017), há relativa coesão apesar da variável distância geográfica; assim como Mateus *et al.* (2003), que consideram o português de Portugal e o do Brasil variedades nacionais da Língua Portuguesa, afirmam que a variação decorre do contato entre línguas e de um processo de evolução linguística que foi “deflagrado fora de país de origem”, em contato com outras línguas nativas e não nativas utilizadas pelas comunidades residentes nos diferentes territórios (MATEUS *et al.*, 2003, p. 35). Destacamos, entretanto, que não adotamos a esse critério que centraliza o grupo dominante, e consideramos aqui o português como uma língua pluricêntrica, em relação a qual há diversos centros e não apenas um do qual se derivam outras variedades, concepção colonialista muitas vezes

---

<sup>12</sup> No Brasil, temos o português como língua oficial, prevista na constituição, entretanto, existem outras línguas nacionais, como o Guarani, cooficial no Mato Grosso.

<sup>13</sup> Em Macau, as línguas cooficiais são o Português e o Chinês – a última, chamada na constituição desta forma como uma saída, utilizada pelo governo de Macau, para impor uma só língua chinesa como norma, visto que há várias línguas chinesas, como o Mandarim, Cantonês, dentre outras, de acordo com cada região.

reproduzida por aqueles que consideram o português europeu como norma, e as outras variedades, derivantes.

Cunha e Cintra (2017) dividem os dialetos do português de Portugal em três grandes grupos: dialetos galegos, dialetos portugueses setentrionais e dialetos portugueses centro-meridionais, destacando, entretanto, que essa classificação é “apoiada por sentimentos dos falantes comuns do português-padrão europeu <sup>14</sup>e funda-se principalmente nos sistemas das sibilantes” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 24). Em relação ao português do Brasil, baseiam-se em Antenor Nascentes para afirmar que há dois grupos de dialetos brasileiros, o do Norte e o do Sul. Em cada grupo, distinguem-se os subfalares, sendo eles o amazônico, o nordestino, o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista. Entretanto, sabemos que as regiões do Brasil estão também integradas por sistemas de transporte e midiáticos, de forma que pode não ser tão nítida a diferença entre tais regiões.

Em relação ao português da África, Ásia e Oceania, Cunha e Cintra (2017) distinguem dois tipos de variedades: as crioulas e as não crioulas; as primeiras são resultantes do contato do português com os sistemas linguísticos indígenas, e possivelmente derivadas do mesmo protocrioulo ou língua franca (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 34). Argumentam que as variedades não crioulas, por sua vez, têm como base a variedade europeia, porém com emprego de vocabulário derivado das línguas nativas, e algumas características gramaticais próprias, o que questionamos se aplicar ao português de Macau, por isso a relevância deste estudo.

É relevante destacar que, aqui, preferimos adotar aos termos Português do Brasil, Português de Macau e Português de Portugal, devido ao fato de se tratar de uma pesquisa que considera o português como língua pluricêntrica, ou seja, uma língua que foi construindo contextos de uso em várias ex-colônias, que, depois, se foram consolidando como centros polifônicos e compostos de outras variedades linguísticas ao lado de línguas pré-existentes e autóctones. Assim, é preciso sermos específicos acerca de qual português estamos estudando.

No que tange ao surgimento do português, conforme atesta Castilho (2010), no início do século VII a.C até III a.C., a sociedade romana era menos diversificada, entretanto, devido aos contatos com os gregos, e, conseqüentemente, a suas influências, foi dividindo-se em dois grupos socioculturais, sendo eles compostos por romanos incultos e cultos. De acordo com

---

<sup>14</sup> Aqui, não adotamos a essa divisão, visto que colocaria o português padrão europeu como centro, além disso, tais classificações tornariam o português de Macau falado por macaenses ausente da lista, visto que consideram somente o PM falado pelos portugueses, e não pelos próprios macaenses.

Cunha e Cintra (2017, p. 11), essas influências se deram, principalmente, no que tange ao aspecto literário, o que culminou na acentuação da diferença entre essa linguagem literária, e o latim utilizado diariamente por mais variados grupos sociais, e esse fato fez com que ficasse conhecido como *latim vulgar* (que não era único) em contraposição ao latim literário/clássico. Essa variedade chamada de *latim vulgar* foi expandida para as regiões conquistadas, através dos soldados, colonos e funcionários romanos, não conservando sua unidade. Como exemplo, podemos citar que a Romanização da península e domínio árabe, movida pela guerra santa, por exemplo, resultou no envolvimento dos árabes que invadiram a península com mulheres galegas, hispano-godas e bascas, o que explica a influência lexical de origem árabe no léxico português; nesse momento, houve um acentuamento das características distintivas dos romances peninsulares. O galego português, por exemplo, originou-se na região que compreendia a Galiza e a faixa lusitana entre o Douro e o Minho (CUNHA; CINTRA, 2017).

A partir do século XV, ocorreu o início dos grandes descobrimentos, quando foram instaladas feitorias portuguesas, o que possibilitou o desenvolvimento de crioulos de língua portuguesa (adaptações da Língua Portuguesa às línguas com as quais entrou em contato) e também a implantação da Língua Portuguesa no Brasil; que se deu a partir de 8 focos irradiadores, quase todos localizados no litoral brasileiro, e cada um gerando outros centros de irradiação (CASTILHO, 2010). Devido a alguns fenômenos fonéticos existentes no PB, Castilho atesta que houve uma provável predominância do Português do Sul vindo para São Paulo, através dos colonos dessa região, apresentando a hipótese chamada meridionalista, no que se refere à romanização da América. O autor afirma que Santa Catarina e Rio Grande do Sul, entretanto, ficaram à margem da influência meridionalista devido às fortes influências açorianas no seu povoamento, o que poderia explicar semelhanças da variedade do português catarinense com o português de Portugal.

Das gramáticas analisadas neste estudo, 3 dedicaram capítulo a tratar exclusivamente das diferenças entre o português de Portugal e o do Brasil (CASTILHO, 2010; MATEUS *et al*, 2003; CUNHA, CINTRA, 2017). Perini, embora não tratasse dessas diferenças, as menciona ao afirmar que

o termo “língua portuguesa” é bastante ambíguo e se aplica a diversas variedades nitidamente diferenciáveis. Por exemplo, todos podemos distinguir claramente a fala de um português de Lisboa da de um brasileiro de Belo Horizonte (...) (PERINI, 2005, p. 23)

Dentre as gramáticas em que não foi dedicado capítulo a tratar das variedades do português de forma comparativa, Bechara (2009) menciona diferenças e aproximações ao tratar das construções perifrásticas – como veremos no próximo item; Cegalla (2002), Rocha Lima (2011) e Almeida (1999) citam construções atribuídas à variedade de Portugal. Foram mencionadas, dentre as divergências entre as variedades, o uso dos clíticos (pronomes pessoais átonos que dependem do acento da palavra que está imediatamente antes ou depois) de terceira pessoa, a posição dos pronomes pessoais, tópico sobre o qual Mateus *et al.* (2003) destacam que no PB é comum o uso de pronomes pessoais em posição de objeto direto, tais como “eu vi ele na rua”, “quero lhe conhecer”, diferente do PP, em que destaca ser comum “eu vi-o na rua”, “quero conhecê-lo”. É interessante notar que, ao estabelecer tais comparações, Mateus *et al.* (2003) tomam como parâmetro o PB falado, que, como discutiremos, na coloquialidade diferencia-se da norma culta que é apontada nas gramáticas prescritivas; ou seja, para descrever as diferenças entre o PB e PP, Mateus *et al.* (2003) partem dos usos da variedade brasileira falada/informal. Tal fenômeno é também mencionado por Cunha e Cintra (2017, p. 302), que afirmam ser tal uso documentado com escreventes do português arcaico (documentos escritos dos séculos XIII e XIV).

Também foram mencionadas as seguintes diferenças: a posição dos pronomes átonos, o uso gerúndio em construções perifrásticas, as formas de pronomes pessoais tônicos, o emprego de pronomes pessoais do caso reto, o desaparecimento do acusativo *o*, e construções que exprimem distância temporal, bem como usos dos verbos *haver* e *ter* para indicar existência, perda do *s* indicador de plural e simplificação da morfologia verbal e posições sintáticas do sujeito.

Castilho (2010, p. 185-189) dedica um item em sua obra para apresentar algumas teorias que tentam explicar as motivações desse distanciamento entre as variedades portuguesa e brasileira, focando em discutir por que o PB é como é e quais os agentes responsáveis por sua formação, argumentando que, desde a independência do Brasil, os movimentos nacionalistas almejavam que o Brasil também se tornasse emancipado linguisticamente e, desde então, descrever, analisar historicamente e interpretar o PB se tornou um tema incorporado à cultura nacional. Castilho (2010, p. 186) elenca algumas concepções sobre isso, sendo elas:

- a de que já existe um PB, que seria uma evolução “biológica” do PP;



- a de que o PB é assim devido às influências indígenas e africanas em sua formação, e aos fluxos migratórios, que afetaram o modo como o português é falado;
- a teoria de que o PB seria uma continuação natural do PP, sendo hoje o que foi o português em Portugal do século XV.

Em relação à última hipótese, considera-se que quem mudou foi o PP, não o PB. Essa perspectiva apoia-se na concepção de que as línguas naturais mudam com o tempo, obedecendo a linhas de força desenhadas por sua própria estrutura; assim, o PB resultaria de uma mudança natural, explicada por tendências evolutivas que tinham começado já na península ibérica, sendo uma continuação do português arcaico, o que nos faz questionar quais aspectos linguísticos e culturais não permitiram que a modalidade europeia mudasse na mesma direção. Uma diferença de estilo entre o PB e o PP foi constatada no século XIX por Paranhos da Silva (1881, p. 279), que afirma que o uso do infinitivo preposicionado, em construções progressivas, era o suficiente para que um leitor brasileiro identificasse que aquele texto seguia a norma portuguesa; além disso, Martins (2019) cita que o gerúndio utilizado no português do Brasil remete a uma forma mais antiga do português médio, ao afirmar que uma diferença de estilo entre o PB e o PP já podia ser constatada no século XIX. Dados da dissertação de Mothé (2007), além disso, demonstram maior ocorrência de infinitivo preposicionado em dados do PP falado, o que lhe permite concluir que essa forma tenha se manifestado inicialmente na fala.

Castilho (2010) aborda a distinção entre as variedades, e afirma que o português é uma realidade heterogênea que não se pode descrever comparativamente apenas em relação ao PP moderno, pois “algumas questões gramaticais são derivadas das variantes linguísticas do português quatrocentista, cujo desenvolvimento está no domínio do PB” (CASTILHO, 2010, p. 184). Cita como exemplos: o enfraquecimento da morfologia verbal, o apagamento de um dos constituintes do redobrimento sintático, do qual deriva o uso do pronome tônico na posição de objeto e na estrutura possessiva, e a perda da ordem V-S.

A partir de indagações sobre mudança gramatical do PB, Castilho (1998), levantou a seguinte questão, com o objetivo de entender quais estruturas desenvolvidas no PB se deram a partir do português arcaico: a mudança gramatical do PB é uma mudança em relação a que gramática? (Ribeiro, 1998). Isso ocorreu porque alguns estudiosos, como Moraes de Castilho (1998/2001), mostraram que a gramática do português de Portugal quatrocentista explica muitas das características sintáticas do PB atual.

Já foi também muito debatida uma hipótese evolucionista que considerava que o surgimento do PB era uma questão de evolução natural, como a das espécies, entretanto, migrou-se para uma percepção social da língua, que considera que ela é o que nós somos; assim, como a nação brasileira foi formada pela mistura de muitas culturas, isso explicaria as diferenças em relação a Portugal. Os linguistas que sustentam essa posição estudaram os contatos linguísticos dos portugueses com povos indígenas, percebendo duas fases de contatos: pidgin e crioulo.

Sobre essa dinâmica, Coelho (1881:43) lançou a teoria de que existiria uma base crioula para o português do Brasil, o que explicaria as diferenças entre PP e PB. Essa base crioula teria vindo da Costa e teria sido levada ao interior pelas bandeiras paulistas. Há, entretanto, autores que argumentam contra essa proposta, como Tarallo (1986/1993), afirmando que, se isso tivesse sido realidade no Brasil, a europeização do país, ocorrida no século XX, teria resultado em um processo de descrioulização, o que nos conduziria a que falássemos da mesma forma que os portugueses. Esse branqueamento através da europeização na população brasileira das regiões sudeste e sul, entretanto, pode ter contribuído para afetar o PB dessa região, hipótese levantada por Castilho (2010).

Assim, não existe unanimidade no que se refere às motivações para o distanciamento entre as variedades, mas sabe-se que elas existem, bem como aproximações, o que faz com que as consideremos variedades de uma mesma língua.

### ***3.2 Gerúndio: o que dizem as gramáticas normativas e as gramáticas linguísticas?***

Neste capítulo, apresentaremos um panorama de como o gerúndio é descrito nas gramáticas do português, direcionando nosso olhar à menção (ou a ausência dela) em relação a aproximações e distanciamento entre as variedades. Seleccionamos tanto gramáticas descritivas quanto normativas, com o intuito de abranger mais possibilidades do tratamento do objeto linguístico gerúndio, atentando-nos também à autoria das gramáticas: se foram escritas por autores portugueses ou brasileiros.

#### ***3.2.1 Definições e possibilidade de uso do gerúndio***

Para tratar do gerúndio – definido por Perini (2005, p. 72) como verbo em forma não finita, bem como o infinitivo e particípio – o linguista lança mão de dois exemplos (2005, p. 256), sendo eles: (1) “Meu tio escreveu um livro” e (2) “Meu tio estava escrevendo um livro”, em relação aos quais destaca não haver uma diferença de referência temporal, já que

semanticamente ambas as orações localizam-se no passado, mas chama a atenção para uma diferença de aspecto. Segundo Comrie (1976, p. 3 *apud* Perini, 2005, p. 256), a função do *aspecto* consiste em codificar as “maneiras diferentes de encarar a constituição interna de uma situação”, tal como vemos, no segundo exemplo, em que se focaliza o tempo inespecífico de duração da ação, daí sua imperfectividade – mais especificamente pertencendo à modalidade progressiva (Perini, 2005, p. 257). É interessante destacar que, em seus exemplos de construções progressivas, o autor utiliza exclusivamente construções com gerúndio, não fazendo menção a outras formas. Ademais, analisa construções do tipo (3) “Sarita está dormindo” (id., p. 72) como predicados complexos, sobre os quais não se pode afirmar se há um ou dois núcleos do predicado (NdPs), mas

só se pode apurar um conjunto de traços de transitividade, aquele que se refere ao elemento dormindo. Isso é, a transitividade da sequência está dormindo é idêntica, em todos os pontos, à do verbo *dormir* sem verbo auxiliar. Isso ocorre sempre que ocorre uma sequência de *estar* mais um verbo no gerúndio. A presença ou ausência de *estar* nessas estruturas não faz diferença para efeitos de aceitação ou recusa de complementos” (PERINI, 2005, p. 73)

Esse mesmo autor salienta, entretanto, que não se pode generalizar, visto que há casos que nos obrigam a aceitar a existência de dois núcleos de predicado (NdPs) e dois predicados separados, como o exemplo citado pelo autor: (IV): *Toninho apanhou lutando* (PERINI, 2005, p. 73), no qual o verbo *apanhar* apresenta traços de transitividade próprios, podendo receber complementos independentemente do outro verbo, em contraposição ao exemplo (III), no qual a construção gerundial *dormindo* é tratada pelo autor como NdP, enquanto o verbo *estar* atua como auxiliar. Assim, um dos tópicos que visamos investigar nesta pesquisa é, se, nas três variedades do português, o gerúndio aparece nos predicados complexos (nos quais há dois Núcleos do Predicado), e com quais verbos seu uso é mais comum.

Acerca disso, Perini (2005, p. 128) afirma que são poucos os verbos que compõem predicados complexos, citando *ir + infinitivo*, *ter/haver + particípio*, *estar/vir/ir/andar+gerúndio*, *ser/estar+particípio*, tendo os verbos sublinhados a chance de ocorrer fora de predicados complexos. Destaca, ainda, que diferente do gerúndio, que pode formar uma oração separada (ex: *Daniel trabalha vendendo cimento*), o particípio nunca pode, visto que quando ocorre fora de um predicado complexo, possui as características de um adjetivo.

Faz-se necessário destacar, entretanto, que não existe um entendimento único para o termo *predicado complexo*, visto que Bechara (2009, p. 414) relaciona a complexidade de um predicado à extensão do conteúdo lexical entendido como núcleo, afirmando que

os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos (BECHARA, 2009, p. 415)

Dessa forma, observa-se que, enquanto Perini (2005) entende predicados complexos como aqueles nos quais há dois núcleos do predicado, Bechara considera a extensão lexical, ou seja, se o verbo mobiliza argumentos ou complementos verbais.

Na linguística cognitiva, há alguns critérios, derivados do princípio da iconicidade, que nos auxiliam nessa medição da complexidade, como a quantidade de forma, complexidade construcional e complexidade cognitiva, como explicam Cunha *et al.* (2021):

Tudo aquilo que for mais simples e esperado, já previsto pelos usuários da língua, será expresso com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo, receberá menor codificação; ocorrendo o oposto com informações imprevisíveis, que receberão, por sua vez, codificações maiores (com maior quantidade de forma) ou mais complexas, embora de mesmo tamanho. Então, o que está em jogo não é somente o tamanho formal, mas a complexidade do pensamento, que tende a refletir-se na complexidade de expressão (CUNHA *et al.*, 2021, p. 39)

No que tange às aproximações entre gerúndio e particípio, Azeredo (2014) inicia sua reflexão distinguindo três posições sintagmáticas ocupadas pelo gerúndio, sendo elas:

1. Predicador em locução verbal, precedido de um verbo auxiliar instrumental (AZEREDO, 2014, p. 157), ou seja, as construções chamadas por Mateus *et al.* (2003) de progressivas (conforme será visto na seção 3.4). Os exemplos dados pelo autor são: *Nós estávamos conversando, Continua chovendo no sul do país, Fiquei esperando por vocês.*
2. “Base de um sintagma adverbial decorrente da transposição de uma oração” (id. ib.), ou seja, a construção com gerúndio, nesses casos, equivale a uma oração adverbial devido a sua função e também ao fato de unir-se a uma outra oração. Azeredo cita duas situações como exemplos:

Assim é que *Eu caminhava pela praia e pisei num ouriço* pode resultar em *Caminhando* (= quando caminhava) *pela praia, pisei num ouriço*, e o período *O time explorou os contra-ataques e ganhou o jogo* pode resultar em *O time ganhou o jogo explorando os contra-ataques.* (ibidem)

3. Orações tradicionalmente chamadas adjetivas restritivas, as quais o gramático classifica como “base de um sintagma adjetival decorrente da transposição de uma oração” (p. 157), pois

também neste caso a construção gerundial se associa a uma oração independente. Assim é que *A polícia prendeu um homem: ele pichava a porta da igreja* pode resultar em *A polícia prendeu um homem pichando* (= que pichava) *a porta da igreja* (ibidem).

Em relação à segunda possibilidade, quando o gerúndio assume papel adverbial, indicando circunstância, Azeredo afirma que há três possíveis contextos a serem interpretados:

(a) meio, instrumento e modo  $\Rightarrow$  fato simultâneo; (b) tempo, causa e condição  $\Rightarrow$  fato anterior; (c) adição, conclusão e consequência  $\Rightarrow$  fato posterior. Leiamos o excerto correspondente:

Ao dar ao núcleo de um sintagma verbal a forma de um sintagma adverbial, o gerúndio absorve em si certos valores circunstanciais que normalmente vêm expressos pelas conjunções e pelas preposições, neutralizando, assim, essas distinções, que só podem ser recuperadas pela intuição do ouvinte/leitor. Confundem-se noções como meio, instrumento e modo – expressas pelo gerúndio que denota um fato simultâneo ao do verbo em forma finita; tempo, causa e condição – expressas pelo gerúndio que denota um fato anterior ao do verbo em forma finita; adição, conclusão e consequência – expressas pelo gerúndio que denota fato posterior ao do verbo em forma finita” (AZEREDO, 2014, p. 157)

Azeredo segue em suas reflexões evidenciando a expansão semântica do gerúndio. Segundo ele, o gerúndio assumiu o papel que cabia ao particípio, sendo que este segundo se converteu em sintagma adjetival, cujo papel semântico refere-se a adjetivo que demonstra passividade do ser designado na oração (AZEREDO, 2014, p. 156). Os exemplos que o autor apresenta são os seguintes: *livro rabiscado, cadeira quebrada, ele foi reprovado*. Nesses contextos, a função semântica de fazer referência a um nome/ pronome “ativo” foi assumida pelo gerúndio. Vejamos: “Voltando do trabalho (= quando voltava ou quando voltei), achei esta carteira; abrindo o embrulho (= quando abria ou quando abri), levei um susto”. O autor destaca, também, que tais construções são mais comuns quando o verbo é intransitivo, ao passo que o particípio ocorreria com verbos transitivos. Afirma, ainda, que nos casos de verbos intransitivos, o gerúndio pode exprimir qualquer valor aspectual, assumindo seu papel usual – de expressar processo durativo – ou um processo concluído – papel que Azeredo (p. 156) destaca que caberia ao particípio.

Essa incorporação de papéis semânticos também é mencionada por Bechara (2009), ao apresentar, como justificativa para chamar o gerúndio, particípio e infinitivo de formas nominais, o fato de o infinitivo poder desempenhar função de substantivo, o particípio de adjetivo e o gerúndio, por sua vez, de advérbio e adjetivo, como nos exemplos citados pelo autor: (I) *Amanhecendo, sairemos*, o qual ele equipara à *Pela manhã, sairemos*; bem como *água fervendo*, equivalente à *água fervente* (BECHARA, 2009, p. 224). Destaca, entretanto, que o uso do gerúndio com função adjetiva costuma ser apontado como galicismo, muito embora seja o uso mais antigo na língua por “ocupar lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal” (idem, ibidem). Neste trabalho, é totalmente irrelevante pensar galicismos como um fato fora da língua portuguesa, ainda mais se é um uso recorrente. De todo modo, essa postura que critica a interpenetração de línguas é derivada de uma visão purista e normativista, o que depõe contra a busca de entendimento de processos de mudança por contato linguístico ou cultural, tal como os estudos sobre gramaticalização tem evidenciado fartamente.

Além das possibilidades de uso mencionadas por Azeredo (2014), Cegalla (2002, p. 592) cita o emprego do gerúndio em descrições breves, para sugerir movimentação; também faz referência às orações adjetivas, sob a forma simples – como no exemplo citado por ele: “ao longo dos campos verdes, tropeiros *tocando* o gado... O vento e as nuvens *correndo* por cima dos montes claros” – bem como em locuções verbais nas quais há um verbo auxiliar (*andar, estar, ficar, viver, ir e vir*) sendo que "neste caso, pode o gerúndio ser substituído pelo infinitivo regido da preposição *a*" (CEGALLA, 2002, p. 593), não citando, entretanto, em quais situações e variedades.

Semelhante às possibilidades descritas por Azeredo (2014), Cortesão (1907, p. 99) afirma que o gerúndio se emprega de quatro modos:

1. Formando construções perifrásticas com um auxiliar;
2. Subordinado a outra oração, exprimindo função adverbial (circunstância) da ação do verbo principal (subordinante). Exemplo dado pelo autor: “Estudando bem a lição, ganharás um prêmio”;

3. Como o que o autor chama de *absoluto*, ou seja, construção contendo o gerúndio, a qual possui sujeito próprio e forma uma oração à parte. Exemplo dado pelo autor: “Sendo-nos dada esta carta, nos partimos ao outro dia ante manhã” (CORTESÃO, 1907, p. 99);
4. Como “simples qualificação”, em substituição a orações adjetivas. Exemplo: “contemplava absorto o mar e o sol ocultando-se no horizonte”. (CORTESÃO, 1907, p. 99)

Destacamos que o tipo de construção sinalizado no item 3 não havia sido mencionada explicitamente pelos outros autores; entretanto, tratando-se de uma gramática publicada no século passado, é interessante verificar a colocação, com vistas a investigar como tal uso mostra-se nos dias atuais. Cortesão destaca, ainda, duas motivações para o sujeito não vir expresso em construções com gerúndio: quando este é empregado impessoalmente e quando a ação expressa é referida a um sujeito que o enunciador não quer nomear.

Estruturalmente, notamos possibilidade semelhante em Cunha e Cintra (2017, p. 504) ao citarem o emprego do gerúndio na forma composta, “de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal”, tal como no exemplo: “Não tendo conseguido dormir, fui esquentar um chá na cozinha e dei de cara com a Rosa e a Idalina”. Coimbra e Leite (2014) também se utilizam de exemplos semelhantes ao dedicarem uma unidade de sua gramática para tratar do gerúndio composto, afirmando que a construção é formada com o verbo *ter* no gerúndio, seguido de particípio passado do verbo principal, como em “Tendo dito tudo o que tinha a dizer, foi-se embora sem mais demora” (COIMBRA; LEITE, 2014, p. 58).

### ***3.2.2 Usos do gerúndio: aproximações e distanciamentos entre as variedades do Português***

Neste tópico, dedicamo-nos a explicitar como são tratadas, nas gramáticas analisadas, as diferenças e aproximações entre as variedades do português, com foco no gerúndio. Apresentaremos se é constituída essa oposição, quais exemplos são utilizados e se as diferentes variedades são citadas.

Mateus *et al.* (2003), em um capítulo de sua obra dedicado a tratar das diferenças entre as variedades do português, citam, como uma delas, o uso do gerúndio em construções verbais

compostas. Afirmam que, no PB, o uso é comum quando o objetivo do falante é indicar uma ação contínua, como em “ela estava brincando”, enquanto, no PP, usa-se o auxiliar *estar* seguido da preposição *a* e infinitivo do verbo principal (MATEUS *et al.*, 2003, p. 48). As autoras diferem, além disso, o que chamam de infinitivo progressivo (exemplos anteriores) do predicado secundário, como em “passou um ano ouvindo” (PB) e “passou um ano a ouvir” (PP), não citando, entretanto, como e em quais casos o gerúndio pode aparecer nas construções de falante do português de outras variedades que não a brasileira, visto que a autora só menciona o uso do gerúndio no PB.

Rocha Lima (2011) não faz nenhuma menção às aproximações e aos distanciamentos entre as variedades. Ele afirma que

o modo caracteriza as diversas maneiras sob as quais a pessoa que fala encara a significação contida no verbo; distinguem-se três modos: indicativo, subjuntivo e imperativo. Ao lado destas três, outras formas há, às quais têm os gramáticos vacilado em chamar *modos*: o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*. Realmente, sem embargo de sua aparência de verbo, tais formas não possuem *função* exclusivamente verbal (ROCHA LIMA, 2011, p. 168)

O autor utiliza sua última afirmação para demonstrar que o gerúndio pode assumir outras funções, chegando a equipará-lo ao advérbio pelas circunstâncias que pode exprimir, ilustrando com os valores semânticos de lugar, de tempo, de modo e de condição (ROCHA LIMA, 2011, p. 168). Embora não cite as diferentes variedades do Português, Rocha Lima (2011, p. 340), em tópico destinado a tratar das orações reduzidas, descreve que a de gerúndio

somente ocorre com o chamado *gerúndio progressivo*, o qual, preso a um substantivo, ou pronome, da oração principal (e não a um *verbo*), expressa uma ação em desenvolvimento, um fato que se está passando momentaneamente com o ser representado por esse substantivo, ou pronome. Vale o gerúndio, em construções assim, por uma expressão formada de *a + infinitivo*. (ROCHA LIMA, 2011, p. 340)

Almeida (1999, p. 227), por sua vez, afirma que "gerúndio é a forma nominal terminada em -ndo: louvando, vendendo, partindo", mencionando diferenças entre as variedades portuguesa e brasileira ao tratar do verbo *estar* e suas possibilidades de significação quando seguido de preposição, afirmando que

O verbo *estar*, seguido da preposição *para* e um verbo no infinitivo, indica proximidade de ação: "O trem *está para* partir". Seguido da preposição *a* e um infinitivo, o verbo *estar* indica às vezes começo de ação: "O trem *está a* partir"; em tal caso, o infinitivo e a preposição podem ser substituídos pelo gerúndio: "O trem *está partindo*". Note-se que esta maneira - *está partindo*, *está fazendo* etc. - é a mais



comum no Brasil; sendo a primeira - está *a partir*, está *a fazer*, está *a cantar* etc. - a que se usa em Portugal. (ALMEIDA, 1999, p. 240)

Observa-se, assim, a menção das divergências e aproximações entre variantes apenas no que tange a construções durativas – as quais indicam ideia de ação frequentativa, continuada, reiterada (ALMEIDA, 1999, p. 314) – com verbos como *estar*, em que os comentários sobre isso se baseiam na oposição que atribui o uso do gerúndio ao PB e da construção com infinitivo ao PP.

Embora o autor em outros momentos de sua obra não cite o uso do gerúndio em outras variedades do português além do PB, observamos referência à possibilidade de substituição do gerúndio em construções adjetivas – nas quais, de acordo com Almeida (1999, p. 557), o gerúndio passou a exercer suas funções devido ao particípio presente latino ter se transformado em adjetivos terminados em *-ante*, *-ente*, *-inte*) – pontuando que:

Sempre que o autor queira ou a eufonia exija, tais formas gerúndiais podem ser substituídas pelo infinitivo precedido de *a*: Ouvi-o *a falar* – Vi-o *a voar* – Fazemos o milagre de Anfião *a arrastar* as pedras – Com os olhos *a vagar* por este quadro imenso (ALMEIDA, 1999, p. 557)

Cunha e Cintra (2017), por sua vez, ao tratarem dos usos de orações adjetivas, afirmam que

As orações adjetivas reduzidas de infinitivo são mais frequentes no português europeu. No português do Brasil, empregam-se de preferência as ADJETIVAS REDUZIDAS DE GERÚNDIO. (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 627).

Ao tratarem dos usos do infinitivo não flexionado, os autores citam a possibilidade de ele ocorrer em substituição ao gerúndio em locuções formadas com verbos, tais como *estar*, *andar*, *ficar* e *viver* (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 500), não fazendo menção, entretanto, às variedades. É relevante destacar que os autores mencionam o uso do infinitivo flexionado quando depende de auxiliares causativos ou sensitivos, tais como *mandar*, *deixar*, *fazer* e *ver*, *ouvir*, *sentir* (respectivamente), citando como um dos exemplos o período “Ninguém as vê brotar dentro da alma” (idem, p. 501) e, no caso da forma flexionada, o exemplo seguinte: “Vi teus vestidos brilharem” (idem, p. 502). Não fazem referências, contudo, às possibilidades com gerúndio, que se aplicariam em ambos os casos.

### 3.3 Aspecto verbal e a noção de duração

Nesta seção, trataremos de aspecto verbal com o intuito de definir e situar alguns termos utilizados para descrever as perífrases verbais aspectuais, que constituem um padrão funcional depreendido dos usos do *corpus*, apresentado no capítulo 4.

O termo *aspecto*, utilizado pela primeira vez com o intuito de se referir às diferenças entre o perfectivo e o imperfectivo nas flexões verbais em russo e em outras línguas eslavas (LYONS, 1979, p. 331) relaciona-se e, em muitos casos, pode ser confundido com a categoria de tempo, como argumenta Lyons (1979), a partir de Hockett. Lyons elabora que todas as distinções possíveis da categoria de aspecto se relacionam com “o contorno ou distribuição temporal” de uma ação, acontecimento ou estado de coisas, e não com sua “localização no tempo” visto que “o aspecto, diferente do tempo, não se refere ao momento enunciado” (idem, p. 331). Muito embora Lyons (1979, p. 329) mencione as diferenças entre tempo e aspecto, demonstra como, em algumas línguas, o aspecto combina-se livremente com o modo e o tempo, citando o exemplo do progressivo no inglês, que pode ter implicações modais, visto que, além de aspecto, pode indicar a intenção.

Garcia (2004, p. 87) também trata da relação entre tempo e aspecto, e pontua que, embora constituam categorias diferentes, se interrelacionam e podem se confundir numa mesma categoria verbal, exemplificando com o pretérito imperfeito, que, embora expresse fato decorrido no passado, “encerra também a ideia de duração, de contemporaneidade ou simultaneidade do outro” (idem, p. 88). Isso também pode ocorrer com o pretérito perfeito composto, em relação ao qual o tempo indica fato concluído, bem como a ideia de continuidade da ação, “desde certo tempo até o momento da comunicação” (idem, *ibidem*). Essa divisão também é abordada por Castilho (2010, p. 418), que, valendo-se dos conceitos de campo linguístico simbólico ou dêitico, propostos por Bühler (1934), defende que aspecto integra o campo simbólico, e tempo, o dêitico:

Tempo é uma propriedade da predicação cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala. É assim que se pode representar a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade. Só podemos entender essas fatias do tempo tomando como ponto de referência o sujeito falante. O tempo também depende da noção de intervalo ou de duração entre um ponto e outro. Por outras palavras, o tempo pressupõe o aspecto, mas este não pressupõe aquele. (CASTILHO, 2010, p. 418)

Garcia (2004, p. 87), por sua vez, define aspecto como a “representação mental que o sujeito falante faz do processo verbal como duração (...), a modalidade da ação, sua maneira de

ser”, que é expresso, no português, a partir de construções subsidiárias (perífrases ou locuções verbais), visto que não dispomos de uma morfologia exclusiva que indique aspecto. Embora afirme que os auxiliares muitas vezes emprestam ao verbo um matiz semântico, destaca que a temática também deve ser discutida em outras instâncias, por exemplo, na apresentação de padrões para a expressão das circunstâncias de tempo. Em seguida, exemplifica algumas das mais comuns, a partir da semântica do auxiliar, ou seja, do sentido que ele adiciona à construção. Começa por aquelas que indicam *duração* (progressão, decurso ou frequência), que têm como formas típicas o imperfeito e o gerúndio, e frisam a duração ou continuidade do processo/ação, “a qual pode intensificar-se cada vez mais (aspecto progressivo) ou desenvolver-se simplesmente (cursivo)” (GARCIA, 2004, p. 89):

Quase todas as gramáticas se referem às formas perifrásticas chamadas *freqüentativas [sic]* ou *progressivas*, constituídas pelo verbo auxiliar *estar* (ou outros que acidentalmente exerçam essa função — *andar, viver, continuar, ficar* —, ditos, então, auxiliares *modais*, ou, preferivelmente, *aspectuais*), seguido por um gerúndio ou por um infinitivo regido pela preposição “a”, construção esta mais comum em Portugal: *estou trabalhando* (ou *a trabalhar*), ele *anda falando* mal de você, ela *vive reclamando*, nós *continuamos esperando*.

Esse autor elege como uma variante do aspecto durativo o de iteração (repetição), exemplificando com as locuções verbais *tornar a* e *voltar a*, em seguida tratando das perífrases aspectuais de incoação, encabeçadas pelo auxiliar *começar* e preposição *a*, nas quais se têm a ideia de ação iniciada, mas não concluída.

No quadro a seguir, elencamos todos os tipos de perífrases aspectuais descritas por Garcia (2004, p. 87-91), com exemplos e os sentidos expressos.

### QUADRO 3: TIPOS DE PERÍFRASES ASPECTUAIS

Tipo de perífrase	Sentido expresso	Auxiliares comuns
<b>Duração (progressão, decurso, frequência)</b>	Frisa a continuidade ou duração do processo	<i>estar</i> ou “outros que exerçam acidentalmente essa função”
<b>Iteração</b>	Ideia de repetição da ação	<i>tornar a, voltar a</i>
<b>Incoação</b>	Ideia de ação iniciada, mas não concluída	<i>começar a</i>
<b>Cessação ou termo de a�o recente</b>	Indica que uma a�o foi finalizada (término pode ou não ser recente)	<i>acabar de, cessar de, deixar de, parar de</i>

<b>Causação</b>	Ideia de que uma ação é causa de outra	verbo <i>fazer</i> seguido de um infinitivo ou de uma oração substantiva, regida ou não pela preposição <i>com</i>
<b>Obrigação, compromisso, necessidade</b>	Expressa dever, promessa ou compromisso com a realização da ação	auxiliares <i>ter de, dever, precisar de, necessitar de</i> (obrigação, necessidade) e <i>haver de</i> (mais adequado à ideia de compromisso)
<b>Volição (desiderativo ou intencional)</b>	Expressa desejo, vontade ou intenção de praticar determinada ação	O auxiliar típico é <i>querer</i> , embora seja comum o uso de equivalentes ( <i>desejar, pretender, propor</i> )
<b>Permissão</b>		Auxiliares mais comuns: <i>deixar, permitir e autorizar</i>
<b>Possibilidade e Capacidade</b>		Auxiliares mais comuns: <i>poder e saber</i>
<b>Conação</b>	Expressa o esforço, a tentativa, o impulso ou o movimento para realização de uma ação	Auxiliar mais comum: <i>tentar</i> . Também podem ocorrer: <i>tratar de, procurar, ousar, atrever-se a, esforçar-se por</i> . <i>Ir e vir</i> também podem expressar conação.
<b>Iminência</b>	Expressa a ideia de ação próxima ou iminente	verbos <i>ir e estar</i> para seguidos de infinitivo, bem como verbo <i>ir</i> seguido de gerúndio.
<b>Resultado ou termo de uma ação</b>	resultado de uma ação ou o seu termo, em que se implica a ideia de consequência	<i>acabar por, chegar a, chegar ao ponto de, vir a</i> seguidos de infinitivo (ou, no caso de acabar, também gerúndio)

Fonte: Adaptado de GARCIA (2004, p. 87-91).

Notemos que se tratam de perífrases verbais aspectuais de caráter mais lexical, ou seja, todas incorporam à semântica original do verbo mais um traço relacionado à codificação do modo e/ou duração da ação/estado expresso. No que tange às perífrases aspectuais encabeçadas pelos auxiliares *ir e vir*, Garcia (2004, p. 91) afirma que podem expressar tanto aspecto de conação, ou seja, o esforço ou a tentativa empreendidos na realização de determinada ação, como no exemplo dado pelo autor: “vamos ver o que é possível fazer, venha procurar-me amanhã, vou-me preparar”, bem como aspecto volitivo ou desiderativo, visto que algumas perífrases com esses auxiliares podem expressar não apenas a intenção mas o esforço ou tentativa, como em “vou estudar” (GARCIA, 2004, p. 91). Também podem expressar iminência construída pelo valor semântico de aproximação do movimento a um determinado ponto em que está a ação codificada em sua completude, como em *o carro ia atropelando o menino* ou progressão: *ele vai indo bem; vai vencendo graças ao seu esforço* (idem, ibidem), assim, é preciso analisar não apenas o auxiliar que encabeça a perífrase, mas a construção como um todo.

Outros autores tratam dos auxiliares aspectuais, como Bechara (2006, p. 231), que afirma que, combinados ao infinitivo ou gerúndio do verbo principal, auxiliares acurativos determinam mais precisamente aspectos do momento da ação verbal que “não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro” (idem, *ibidem*). Assim como Garcia (2004), agrupa os auxiliares de acordo com o sentido que expressam na perífrase, que pode ser de:

- a. início de ação: começar a escrever, por-se a escrever, etc.;
  - b. iminência de ação: estar para (por) escrever, pegar a (de) escrever, etc.;
  - c. continuidade da ação: continua escrevendo, continua a escrever.
  - d. desenvolvimento gradual da ação; duração: estar a escrever, andar escrevendo, vir escrevendo, ir escrevendo, etc.
  - e. repetição da ação: tornar a escrever, costumar escrever (repetição habitual), etc.
  - f. término de ação: acabar de escrever, cessar de escrever, deixar de escrever, parar de escrever, vir de escrever, etc. (essa última sendo antiga no idioma, significava voltar de/chegar).
- (BECHARA, 2006, p. 231-232)

Igualmente trata dos auxiliares modais, que denotam o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal, e podem expressar o modo como se realiza a ação verbal, utilizando os seguintes exemplos:

- a. necessidade, obrigação, dever: haver de escrever, ter de/que escrever, deve escrever, precisar (de) escrever;
- b. possibilidade ou capacidade: poder escrever, etc.
- c. vontade ou desejo: querer escrever, desejar escrever, odiar escrever, abominar escrever, etc.
- d. tentativa ou esforço: buscar escrever, pretender escrever, tentar escrever, ousar escrever, atrever-se a escrever, etc.
- e. consecução: conseguir escrever, lograr escrever, etc.
- f. aparência, dúvida: parecer escrever, etc.
- g. movimento para realizar um intento futuro: ir escrever, etc.

(BECHARA, 2009, p. 232-233)

Castilho (2010), por sua vez, trata das categorias de aspecto verbal, levando em conta não apenas a semântica dos auxiliares, mas a flexão dos verbos, e também demonstra como outros fatores podem contribuir para o aspecto expresso naquele estado, como, por exemplo, advérbios. Introduz a temática de aspecto comparando duas sentenças: (a) *A criança brinca no jardim* e (b) *A criança caiu do balanço*, destacando que o verbo da sentença (a) constrói uma predicação imperfectiva, visto que basta que o sujeito inicie a ação de brincar para que tenha brincado, ou seja, para que a predicação do verbo exista, enquanto em relação à ação de *cair*, exige-se uma quase simultaneidade entre seu início e fim, assim, uma predicação perfectiva. O autor apresenta a trajetória histórica dos termos, demonstrando que sempre foram reconhecidos na literatura: Bello (1883), por exemplo, utilizara o termo *verbos permanentes* para aqueles “cujo atributo subsiste durando” e *verbos desinentes* para aqueles “cujo atributo chegou à sua perfeição” (CASTILHO, 2010, p. 416). Outros pares de termos foram utilizados para designar tais relações, como *verbos não-conclusivos/conclusivos* (Jespersen, 1924, 1971), *verbos de fase/verbos de ação global* (Sten, 1953), *verbos cíclicos/não cíclicos* (Bull, 1960), bem como *verbos télicos/atélicos* (Garey, 1957), como exemplifica Castilho (2010, p. 416). Todos os pares citados são pautados em uma diferenciação entre estados que envolvem diferentes fases em sua execução e aqueles em que o início e o término da ação coincidem.

Ainda Castilho (2010, p. 417) destaca que, para se fazer uma descrição aspectual dos verbos, é preciso levar em conta sua flexão, argumentando que “aparentemente, o presente e o imperfeito simples e o gerúndio favorecem a emergência do imperfectivo”, enquanto “formas de futuro e o particípio favorecem a emergência do perfectivo” (CASTILHO, 2010, p. 417). Em sua análise, levanta também a possibilidade de perífrase formadas por *ir* seguido de verbo no infinitivo parecerem bloquear aspecto, mas admite a necessidade de se examinar a questão mais de perto.

Esse mesmo autor define *aspecto* como “propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender” (idem, ibidem), recorrendo à linguística cognitiva ao afirmar que aspecto pode ser entendido como uma gramaticalização da categoria visão:

é como se o falante, tangido por um inesperado transporte místico, visualizasse de fora, do alto, do além, os estados de coisas que ele mesmo acionou, separando diligentemente (i) o que dura, (ii) o que começa e acaba, (iii) o que se repete. (CASTILHO, 2010, p. 417).

O autor utiliza três sentenças para explicar aspecto: a) *Você primeiro arruma as malas...você já está na rua...a mala já está arrumada*; b) *Fecha os olhos e concentra-se: por que os vizinhos vivem dizendo tantas coisas sobre sua família* e, por fim, c) *Pôs-se a citar de memória as dívidas de cada um de nós, calou-se por um momento, e acabou de fumar seu charuto* (CASTILHO, 2010, p.419)

Sobre as sentenças exemplificadas, o autor destaca o fato de, em algumas delas, o começo da ação coincidir com o seu desfecho, como é o caso de *fechar* e *concentrar*, em (b), em que as fases de seu desenvolvimento não são relevantes, que seria o aspecto perfectivo, definido por Castilho (2010, p. 419) como predicções que tendem a um fim. Em *calou-se por um momento* (c), por sua vez, o sintagma adverbial *por um momento* resulta em aspecto durativo. Acerca dos verbos *arruma*, *vivem dizendo* e *pôs-se a citar*, explica que constituem o aspecto imperfectivo,

expresso habitualmente por verbos de classe acional atélica, que representam uma predicação que tem existência tão logo iniciada, dispensando seu desfecho. É possível reconhecer diferentes fases de processamento no imperfectivo: uma fase inicial, exemplificada por *pôs-se a citar* (= imperfectivo inceptivo), uma fase medial, retratada em pleno curso de seu desenvolvimento, como em *arruma*, *vivem dizendo*, *calou-se por um momento* (imperfectivo cursivo), e uma fase final, dada por *acaba de fumar* (=imperfectivo terminativo). (CASTILHO, 2010, p. 419)

Assim, Castilho utiliza as noções de telecidade e atelicidade para descrever qualitativamente o aspecto verbal. Distingue, ainda, a frequência da ação expressa, afirmando que a ocorrência singular de uma ação caracteriza o aspecto semelfactivo, enquanto a ocorrência múltipla, habitual ou reiterada é chamada de iterativa, conforme se observa no quadro-resumo a seguir (CASTILHO, 2010, p. 420):

#### QUADRO 4: FACES DO ASPECTO VERBAL

Face qualitativa do aspecto		Face quantitativa do aspecto
Imperfectivo	Perfectivo	Semelfactivo
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	Iterativo

Terminativo		Imperfectivo/Resultativo
-------------	--	--------------------------

Fonte: Adaptado de Castilho (2010, p. 420)

Acerca do aspecto imperfectivo, afirma que ocorre com alta frequência nas construções de fundo (background) das narrativas, contendo informações que emolduram o evento central, e pode ser imperfectivo, inceptivo ou cursivo. Define as construções imperfectivas inceptivas como aquelas em que se destacam os momentos iniciais da ação, como em perífrases, com infinitivo e gerúndio, encabeçadas por auxiliares como *começar (a)*, *principiar (a)*, *pôr-se a*, *pegar a*; que seria correspondente do que Garcia (2004, p. 87) chama de incoação.

O imperfectivo cursivo, por sua vez, é definido por Castilho (2010, p. 421) como aspecto que “apresenta o estado de coisas em seu pleno curso, sem referência às fases inicial ou final”. Cita como exemplos o presente de verbos atélicos, ou verbos atélicos com aspectualizadores durativos. Afirma também que pode haver a recategorização semântica de verbos télicos, que podem ser considerados atélicos se associados a expressões progressivas ou que denotem “fases”, bem como se o verbo estiver conjugado no pretérito imperfeito e no gerúndio ou verbo conjugado no pretérito perfeito simples, acompanhado de adverbiais aspectualizadores durativos que o modifiquem. Assim, observa-se que as categorias mencionadas não são fixas.

Também nomeia um subtipo dos imperfectivos cursivos, que chama de perífrases progressivas, por indicarem uma mudança de estado, com duração mais gradual, como nos exemplos: *A cidade...está crescendo desordenadamente*, *À medida que for barateando...então (...) o empresário médio já pode (...)* e *Então essa linguagem vai evoluindo no seu país de origem* (CASTILHO, 2010, p. 422). Cita como progressivas as perífrases de gerúndio e infinitivo, que denotam as fases de duração daquele estado de coisas.

Também menciona o iterativo imperfectivo, citando como usos as perífrases de participio com verbo *ter*, em que podem se repetir durações ou pontualidades: “com verbos atélicos elas favorecem uma interpretação iterativa imperfectiva, ou seja, repetem-se durações (...) e com verbos télicos uma interpretação iterativa perfectiva, ou seja, repetem-se pontualidades” (CASTILHO, 2010, p. 423). Por fim, no que se refere ao imperfectivo terminativo, ele afirma que há destaque dos momentos finais de uma duração, sendo possível somente em perífrases formadas por *acabar de/por*, *cessar de*, *deixar de* ou *terminar de* + infinitivo.

Destacando os subtipos referentes ao aspecto perfectivo (pontual e resultativo), estabelece propriedades em comum a ambos:



1. apresenta a predicação em sua completude, sem qualquer menção a fases;
2. tal como o imperfectivo, ocorre em predicções dinâmicas, com sujeito /específico/ na maior parte das vezes;
3. ocorre na figura das narrativas, isto é, nos segmentos em que se narra o evento central. (CASTILHO, 2010, p. 424)

Cita como exemplos do perfectivo pontual o presente, pretérito perfeito simples, e pretérito mais que perfeito flexionados com verbos télicos (*idem, ibidem*); em relação ao perfectivo resultativo, afirma que assinala a mudança do sujeito, como em formas simples e perifrásticas, e tem as seguintes propriedades:

1. ocorre nas predicções estático-dinâmicas, associando uma ação a um estado;
2. a ação, necessariamente tomada no passado, é pressuposta;
3. o estado presente decorre dessa ação;
4. há relações entre o resultativo e a voz passiva

(CASTILHO, 2010, p. 425).

Assim, necessariamente há uma mudança no atributo do sujeito.

Em relação à iteração, defende que não constitui outro aspecto, pois quantifica o imperfectivo e o perfectivo, e cita como possibilidades de expressão do iterativo o presente, imperfecto, pretérito perfeito composto e também a repetição de um verbo, bem como algumas perífrases em que há um auxiliar iterativo, como *habituar-se (a)*, *costumar*, *andar (a)*, *viver (a)*. Argumenta que a perífrase *estar + gerúndio* também pode sinalizar iteração, como, por exemplo, em narrativas de eventos habituais (*idem, p. 430*)

Uma abordagem que associa esses conhecimentos até aqui expostos sobre perífrase e a ideia de inserir essa noção em categorias mais estáveis da linguística é aquela apresentada pelos estudos sobre Gramaticalização e Lexicalização. Neles, verificamos que as categorias cognitivas seguem uma linha mais primária de distribuição pareada com o desenvolvimento humano (ontogenia) e a evolução da espécie (filogenia). As categorias cognitivas organizam-se assim: corpo > pessoa > objeto > espaço > tempo > qualidade.

A categoria de tempo é, assim, concebida como uma categoria mais básica, que, a depender das necessidades comunicativas, pode desenvolver subcategorias. A de aspecto seria uma subcategoria originada na categoria de tempo que se combina com veios da categoria seguinte, a de qualidade. Daí que aspecto é uma das formas de qualificar tempo.

### **3.4 Construções perifrásticas durativas**

Nesta seção, abordaremos o tratamento das locuções verbais durativas tal como apresentadas nas gramáticas, visto que são os principais exemplos recrutados no que tange às comparações entre usos do gerúndio em variedades do português, o que pode ser observado em Mateus *et al.* (2003), que, ao tratarem do gerúndio, distinguem duas possibilidades de funções sintáticas para esse objeto linguístico: a *progressiva* e a de *predicados secundários*. Destacam que, em ambos os casos, na variedade brasileira, utiliza-se o gerúndio e, na portuguesa, “quase sempre construções com infinitivo” (MATEUS *et al.*, 2003, p. 48), embora incluam em nota de rodapé que “a construção com gerúndio se encontra, também, em dialectos do Sul de Portugal” (idem, *ibidem*). Cegalla (2002), por sua vez, afirma que, no caso de construções perifrásticas que formam locuções verbais com verbos como *andar, estar, ficar, viver, ir e vir*, se pode optar pelo infinitivo regido da preposição *a* (CEGALLA, 2002, p. 592), não mencionando relações entre usos e variedades.

Em capítulo intitulado “Dialectos e variedades do Português”, Mateus *et al.* (2003) listam uma série de diferenças no que tange às variedades do português faladas no Brasil e em Portugal, atestando que

as construções com gerúndio podem ter funções sintáticas de dois tipos: progressivo e de predicados secundários. Em ambos os casos se verifica que o PB apresenta construções com gerúndio ao passo que o PE (*sic*) apresenta quase sempre construções com infinitivo (MATEUS *et al.*, 2003, p. 48)

Em relação a ambas as possibilidades – progressivo e predicado secundário, Mateus *et al.* (2003) apresentam um quadro comparativo, pautado na oposição português falado no Brasil versus em Portugal (o qual a autora chama PE - Português Europeu<sup>15</sup>), que reitera a associação do gerúndio à variedade brasileira, muito embora, em nota de rodapé, as autoras tenham um

---

<sup>15</sup> Há uma tradição linguística que reverbera o rótulo Português Europeu. Mais expressivamente a partir do século XXI, com a valorização das variedades de línguas remanescentes de períodos coloniais, linguistas em geral assumem que se deve manter o paralelo entre as referências. Assim, para que fosse admitido um Português Europeu, deveríamos igualmente admitir um Português Americano. Como se torna imprecisa essa referência, utiliza-se contemporaneamente Português do Brasil e Português de Portugal como um paralelo aceitável.

comentário citando a possibilidade de o gerúndio encontrar-se, também, em dialetos do Sul de Portugal. Utilizam o seguinte quadro para ilustração de exemplos:

**QUADRO 5: COMPARATIVO EM RELAÇÃO AOS USOS DO GERÚNDIO.**

Construções com gerúndio	
As construções com gerúndio podem ter funções sintáticas de dois tipos: progressivo e de predicados secundários. Em ambos os casos se verifica que o PB apresenta construções com gerúndio ao passo que o PE apresenta quase sempre construções com infinitivo.	
<b>Progressivo</b>	
<b>Português Brasileiro</b>	<b>Português Europeu</b>
Estava brincando	Estava a brincar
Vinha correndo	Vinha a correr
Estava namorando	Estava a namorar
<b>Predicado Secundário</b>	
<b>Português Brasileiro</b>	<b>Português Europeu</b>
Passou um ano <i>ouvindo</i>	Passou um ano <i>a ouvir</i>
Você vê duas crianças <i>brincando</i>	Você vê duas crianças <i>a brincar</i>

Fonte: Adaptado de Mateus *et al.* (2003, p. 48)

Observa-se, aqui, uma descrição dicotômica no que tange às variedades portuguesa e brasileira, o que, entretanto, no estudo-piloto que realizamos não se verificou. Estrutura comparativa semelhante encontramos em Castilho (2010), ao organizar quadro que contempla as divergências fonéticas, fonológicas, morfológicas e sintáticas entre o PB e o PP (o autor adota a nomenclatura Português Europeu), afirmando que, no PB “amplia-se o uso das perífrases *estar* + gerúndio e *ir* + infinitivo, substituindo neste caso a forma do futuro presente: *estou falando, vou falar*” (CASTILHO, 2010, p. 193), ao passo que, no que tange ao PP, afirma que “prefere-se a perífrase *estar* + *a* + infinitivo, mais recente que a anterior: *estou a falar*”

(idem, ibidem). Ao tratar dos verbos auxiliares *ser*, *estar*, *ter* e *haver*, o autor também estabelece a comparação entre as duas variedades, afirmando que

Os auxiliares *ter/haver* e *estar* aparecem nas construções de voz ativa, na presença, respectivamente, de um particípio e de um gerúndio (no caso específico do português brasileiro, visto que o português europeu privilegia a estrutura com infinitivo precedido da preposição *a* como *estar a falar*). (CASTILHO, 2009, p. 166)

Além do observado consenso em relação à preferência, no PP, pela construção *auxiliar + preposição a + infinitivo* no que se refere às ações durativas, notamos também uma breve menção às mudanças ocorridas temporalmente, visto que, ao usar o adjetivo *recente* – excerto anterior –, Castilho (2010) aponta o uso com infinitivo como uma possibilidade posterior ao com gerúndio, discussão trazida em seu capítulo *História do Português Brasileiro*, no qual o autor explica que, desde a independência do Brasil de Portugal, os movimentos nacionalistas almejavam que o Brasil também se tornasse emancipado linguisticamente, e, desde então, descrever, analisar historicamente e interpretar o PB se tornou um tema incorporado à cultura nacional. O autor elenca algumas concepções sobre isso, citadas na seção 1.1, aqui retomadas:

1. A de que já existe um PB, que seria uma evolução biológica do PP;
2. A de que o PB é assim devido às influências indígenas e africanas em sua formação, e aos fluxos migratórios, que afetaram o modo como o português é falado;
3. A teoria de que o PB seria uma continuação natural do PP, sendo hoje o que foi o português em Portugal do século XV. Logo, nessa perspectiva considera-se que quem mudou foi a variedade de Portugal, e não a brasileira.

Embora não seja o foco desta discussão, é interessante retomar a percepção gramatical de Cortesão (1907), cuja gramática foi escrita no século passado (já referida no capítulo 2 deste volume). Nela, há a descrição detalhada dos usos do gerúndio inspirada na maneira de falar em Portugal.

Após estabelecer que as formas nominais designam o gerúndio e particípios, Cortesão (1907) seleciona alguns verbos auxiliares presentes em locuções verbais com o gerúndio ou infinitivo, explicando seus usos. Inicia pelo verbo *estar*, atestando que,

conjugado com o gerúndio ou com o infinitivo impessoal do verbo auxiliado, rejido da preposição *a*, exprime permanência ou continuação de acção

começada; e conjugado com o particípio passado denota acção já acabada, como: *estou escrevendo* ou *a escrever, está escrito*, etc (...). Conjugado com um infinitivo, rejido de *a* ou *para*, exprime acção futura: mais próxima com a preposição *a* (está a partir), menos próxima com a preposição *para* (está para partir); e com a preposição *em* denota intenção ou desejo, como no seguinte ex.: *Sem me ela conhecer estive em lhe falar*".

Além disso, Cortesão afirma que, no caso do verbo *estar*, é preferível usar a construção com infinitivo, principalmente nos pretéritos compostos, utilizando os seguintes exemplos: (I) Tenho estado a estudar; e (II) Tenho estado estudando.

Observa-se, para além de uma descrição linguística que engloba diferentes possibilidades de uso, que tais possibilidades não são atreladas pelo autor a uma variedade específica do português, visto que ele reconhece, cita e exemplifica ambas as possibilidades – gerúndio e infinitivo – em uma lógica que não dicotomiza as variedades, o que pode demonstrar que, diacronicamente, o gerúndio se equiparava em uso à possibilidade com infinitivo nas construções progressivas.

Na presente pesquisa, muito embora visemos a verificar como e em quais circunstâncias o gerúndio é usado em três variedades do português atualmente, é relevante apresentar como era tratado em gramáticas de outros períodos, a título de comparação.

Após tratar dos significados relacionados às formas que acompanham o verbo *estar* em locuções verbais, Cortesão (1907) cita os verbos *começar, deitar, entrar, meter, desatar* e *botar*, afirmando que o uso da preposição *a* seguida do infinitivo indica o começo da ação. Observa-se que, nesse caso, não são citados os usos com gerúndio devido ao fato de mudarem o significado do que está sendo expresso, como em (I) *Comecei a estudar*, que indica o início da ação, e (II) *Comecei estudando*, que enfatiza que a primeira ação realizada pelo sujeito foi a de estudar. Sobre esse leque de possibilidades que os auxiliares desempenham, Cortesão (1907) atesta que:

teem o nome de auxiliares porque, conjugados com o infinitivo, com o particípio ou com o gerúndio doutros verbos, os ajudam a formar certas locuções verbais, que eles de si não teem, para **exprimir os diversos modos de sua significação, começada, continuada ou acabada**. Destas locuções o último verbo representa a ação, estado ou qualidade que se deseja manifestar; ou que ou os que o precedem, exprimem a maneira de ser dessa acção, a época em que se realizou e a pessoa que a pratica. Ex.: vou estudando, ando a estudar, tenho estado a escrever; estava dormindo, ia aflito; começaram a trabalhar. (CORTESÃO, 2009, p. 30)

Cita também outros verbos e seus usos comuns, como *andar*, afirmando que, em relação a este, tanto o uso do gerúndio quanto do infinitivo indicam frequência da ação, como em “ando

lendo” ou “ando a ler”. Nesse caso, o autor não indica ou dá preferência a qualquer uma das construções, reconhecendo a ambas. O uso do gerúndio em construções com o verbo *andar* também é mencionado por Cunha e Cintra (2017), ao descreverem que “Andar seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de intensidade ou de movimento reiterado” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 507). Os autores citam como exemplos: (I) “João Fanhoso andava amanhecendo sem entusiasmo, sem coragem para enfrentar os problemas que enchiam aqueles dias compridos”; (II) “Andei buscando esse dia pelos humildes caminhos”; e (III) “a população andava agora vivendo dias grandes de chuva, ainda meio arrelampada com aquela prodigalidade da natureza”.

No que tange aos empregos do verbo *andar*, seguido ou não de gerúndio, de acordo com cada variedade do Português, Cunha e Cintra (2017) atestam que

**Andar**, à semelhança de *estar*, emprega-se com o GERÚNDIO, ou com o INFINITIVO do verbo principal antecedido da preposição *a*, para indicar uma ação durativa, continuada:

**Ando lendo** os clássicos

**Ando a ler** os clássicos

A primeira construção, como dissemos, é a mais usada no Brasil; a segunda, a preferida em Portugal. (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 412)

Em relação aos verbos *ir* e *vir*, Cortesão (1907) afirma que, seguidos do gerúndio, possuem “quase o mesmo sentido do verbo simples: o 1º significa um movimento progressivo, real ou virtual, como partindo de nós para fora” (CORTESÃO, 1907, p. 89-90), enquanto que, conjugados com o infinitivo, “raras vezes saem os equivalentes dos verbos simples, por que o auxiliar neste caso exprime uma ideia de modalidade (ibidem), citando os exemplos: *iam passear; fui estudar; vieram comer*. Ainda em relação ao verbo *ir*, afirma que este expressa o movimento físico para a realização de uma ação próxima, enquanto que *vir* indica o fim dessa ação. De acordo com o autor, a mesma lógica em relação aos verbos *vir* e *poder* se emprega ao *chegar*, em relação ao uso da preposição *a* mais infinitivo.

Cunha e Cintra (2017), por sua vez, afirmam que “*ir* seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 507), enquanto que com o infinitivo exprime “o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo” (idem, p. 411). No que tange ao verbo *vir*, atestam que, quando seguido de gerúndio, “expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos” (idem, p. 507), ao passo que, seguido do infinitivo do verbo principal, pode indicar duas possibilidades (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 411): Firme propósito de execução da ação, ou a certeza de sua realização

em futuro próximo; ou movimento em direção a determinado fim ou intenção de realizar um ato.

Em relação ao uso do verbo *vir* seguido da preposição *a* e infinitivo do verbo principal, os autores atestam que expressa o resultado final da ação, como nos dois exemplos citados: (I) “Vim a saber dessas coisas muito tarde”; e (II) “Veio a dar com os burros n’água” (idem, *ibidem*).

O verbo *ficar*, por sua vez, de acordo com Cortesão (1907), denota persistência em uma ação tanto no uso do gerúndio quanto na preposição *a* seguida de infinitivo; e, nesse caso, mais uma vez, o autor reconhece os dois usos tendo o mesmo significado, mas não aconselha a usar este ou aquele. Por fim, em relação ao verbo *dar*, afirma que “regido da preposição *em* ou *a*, emprega-se como auxiliar, na acepção de começar” (CORTESÃO, 1907, p. 30), não citando o uso com gerúndio, que entendemos expressar modo.

Observa-se na obra, assim, uma descrição linguística de algumas possibilidades de uso de construções com verbos auxiliares contendo tanto o gerúndio quanto o infinitivo regido da preposição *a*, visto que o autor utilizou exemplos em ambas as situações, o que demonstra reconhecimento delas, e também o fato de que, possivelmente, ambas eram comuns. Como alerta o autor, em algumas situações, o uso do gerúndio ou do infinitivo altera o significado do que está sendo expresso, justificando a preferência por aquele que melhor exprime o sentido que queremos. Alguns verbos, entretanto, permitem tanto a construção com gerúndio quanto a com infinitivo, mantendo os mesmos sentidos; estes discutimos no capítulo de análise (capítulo 4), baseando-nos nos dados coletados.

Considerando a análise das gramáticas referidas, notamos a possibilidade de ocorrência do gerúndio simples ou composto, sendo o primeiro um aspecto não concluído, e o segundo uma ação já finalizada. Observamos que o gerúndio pode aparecer em:

1. Construções progressivas;
2. Construções que exprimem circunstância, assumindo papel adverbial;
3. Construções adjetivas, interpretadas por alguns gramáticos como galicismo, conforme destaca Bechara (2009, p. 224), bem como Cunha e Cintra (2017, p. 628) ao afirmarem que

O emprego do gerúndio com valor de oração adjetiva tem sido considerado por certos gramáticos um galicismo intolerável. Cumpre, no entanto, acentuar que

é antiga no idioma a construção quando o gerúndio expressa a ideia de atividade atual e passageira. (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 628)

Essa interpretação pode justificar o fato de algumas gramáticas analisadas não citarem o emprego do gerúndio em orações adjetivas. Observamos que, embora Cegalla (2002) não as cite diretamente, faz referência a elas ao referir o emprego do gerúndio em descrições breves, para sugerir movimentação, utilizando como exemplo o seguinte: “Ao longo dos campos verdes, tropeiros *tocando* o gado...o vento e as nuvens *correndo* por cima dos montes claros” (CEGALLA, 2002, p. 592). Nele, observamos uma adjetiva reduzida de gerúndio.

4. Em construções afetivas (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 506), em que “O aspecto inacabado do gerúndio permite-lhe exprimir a ideia de progressão indefinida, naturalmente mais acentuada se a forma vier repetida”. Os autores citam como exemplos: (I) “Viajando, viajando, esquecia-se o mal e o bem”; e (II) “Andando, andando, escureceu-nos”.

Nesse tipo de construção, nota-se a codificação do modo como se exprime a ação. Logo, essa seria uma oração atrelada ao campo das orações subordinadas adverbiais modais.

5. Na forma imperativa utilizada na linguagem popular, construção também citada por Cunha e Cintra (2017, p. 506), ilustrada com o exemplo: “Andando!”, que equivale ao seguinte: “vá andando”! ou “ande”;

Está implicada nessa ordem ou imposição o modo como se deve proceder a partir do ato de fala. Sendo assim, a interpretação de oração subordinada adverbial modal é processada.

6. Para indicar realização gradual (COIMBRA; LEITE, 2014, p. 100), no caso dos usos com o verbo *ir* e, como mencionado por Almeida (1999, p. 314) do verbo *vir*, nos quais o gerúndio exprime começo ou desenvolvimento gradual de ação;

7. Em substituição a uma oração coordenada (COIMBRA; LEITE, 2014, p. 100), tal como no exemplo: (I) “Assaltaram a casa e levaram todos os valores”, que pode ser substituído por: (II) “Assaltaram a casa, levando todos os valores”;

Cabe ressaltar que a noção decorrente dessa sequência de orações ligadas por “e” é, na verdade, ambígua. Tanto se depreende um valor consecutivo (a segunda oração ocorre como resultado do conteúdo expresso na primeira oração) quanto um valor temporal (as duas ações



codificadas assumiriam um tempo simultâneo: enquanto assaltavam a casa, levaram todos os valores). Se ainda se quiser recorrer a um valor semântico extraído da sequência de ações, poder-se-ia, ainda, atribuir um valor causal (as duas ações estariam vinculadas em termos de causa-consequência). Em todas essas hipóteses interpretativas, estaríamos lidando com valores típicos de orações circunstanciais, ou seja, orações subordinadas adverbiais.

8. Em orações reduzidas de gerúndio, que corresponderiam ao ablativo absoluto latino (ALMEIDA, 1999, p. 558), como em: (1) “Reinando Tarquínio, veio Pitágoras para a Itália”, que, de acordo com o autor, ocupou o lugar de *regnante* (latim), podendo ser antecedido pela preposição *em*;

Esse tipo de sequência sintática é comumente interpretada nas gramáticas como orações subordinadas adverbiais causais, posto que a orações subordinada anteposta seria a causa para que a oração principal posposta fosse levada a termo.

9. Como aposto do sujeito (ALMEIDA, 1999, p. 558), tal como em: (1) “Tudo, vendo-me chegar, me perguntava por ela”, construção na qual, de acordo com o autor, o gerúndio ocuparia a função de aposto do sujeito *tudo*;

Esse tipo de oração é comumente um resultado interpretativo de orações subordinadas adjetivas explicativas, caso seja possível a inserção de um pronome relativo. No entanto, a leitura típica nesse contexto seria contemporaneamente a de causa (porque me via chegar).

10. Como sujeito (ALMEIDA, 1999, p. 558), como em: (1) “Seria satisfazer a vossos desejos *calando-me*”.

O modo é nitidamente presente na codificação dessa oração gerundiva. Desse modo, novamente atrelaríamos a oração reduzida de gerúndio a uma interpretação de oração subordinada adverbial modal.

Sendo todas as orações ilustradas agregadas ao espectro das orações circunstanciais em semânticas diferentes, podemos com segurança afirmar que os itens 1 (progressivas) e 2 (circunstanciais) representariam o contorno mais geral implicado em todas as intenções materializadas nas construções discutidas nesta seção.

### 3.3 O gerúndio nos consultórios gramaticais

Uma forma de alcançar a avaliação positiva, logo, considerada correta, de usos gramaticais é acessar instâncias em que uma voz de autoridade orienta e critica construções linguísticas. Optamos, nesse quesito, por analisar *consultórios gramaticais*, por considerarmos que são uma fonte popular de adquirir informações e divulgadores de uma prescrição gramatical. Assim, permitem-nos analisar quais crenças estão sendo veiculadas nas mídias sociais sobre as possibilidades de usos do gerúndio. Esse gênero discursivo é definido por Marcondes (2008) como

textos metalinguísticos apresentados na forma de perguntas e respostas sobre a norma tradicional prescritiva da língua portuguesa. Os interlocutores desses textos são denominados consultores e consulentes. Estes são os falantes comuns que, interessados em falar e escrever “corretamente”, mandam por escrito suas dúvidas àqueles que, em geral, são professores de português ou gramáticos e, por isso, assumem a função de sanar a dúvida de seus consulentes (MARCONDES, 2008, p. 12)

Em sua tese, a autora faz referência aos consultórios gramaticais físicos surgidos no final do século XIX, destacando, entretanto, o retorno desse gênero nas mídias digitais. Nessas instâncias, os consultórios mantêm a mesma forma, visto que “utilizam também as perguntas dos interlocutores como ‘mote’ para explicações gramaticais e possuem além do formato pergunta/resposta, o consultor e o consulente como par enunciativo” (MARCONDES, 2008, p. 24). Afirma, em seguida, que

o que realmente caracteriza o gênero consultório gramatical é o uso das perguntas dos consulentes e das respostas dos consultores para que sejam expostos enunciados sobre a gramática normativa da língua portuguesa, pois observamos que o uso das saudações iniciais, saudações finais e assinatura nos consultórios gramaticais, assim como a assinatura ao final das colunas metalinguísticas, é facultativo e não utilizado por todos os consultores (MARCONDES, 2008, p. 36-37)

Trouxemos essa definição por ser importante destacar que tanto a estrutura quanto o conteúdo são relevantes para se delimitar o que é um consultório gramatical, que deve englobar os participantes *consultor* (aquele que responde às perguntas dos internautas) e *consulente* (aquele que envia sua dúvida); e cuja estrutura deve ser formada pelo par pergunta/resposta (MARCONDES, 2008, p. 34); entretanto, na pesquisa que empreendemos, deparamo-nos com postagens nas quais a pergunta do consulente não era mencionada em discurso direto, embora no consultório houvesse a afirmação de que os textos eram construídos com base nas dúvidas

enviadas pelos leitores. Assim, todo o consultório selecionado aqui, necessariamente, contém a seção de perguntas/dúvidas do leitor, entretanto, optamos por utilizar mesmo aqueles textos em que as perguntas não eram citadas em discurso direto.

Para verificar o tratamento do gerúndio em tais consultórios, utilizamos a ferramenta de buscas do *Google* bem como do *Cadê Yahoo*, digitando *língua portuguesa dúvidas*, em seguida *Português dúvidas* e *dúvidas gramaticais*. Analisamos os resultados mostrados das 5 primeiras páginas, com vistas a selecionar os mais consultados por usuários, pois a ordem em que os sites aparecem nas ferramentas de buscas está relacionada à relevância da temática para os usuários (e, assim, à quantidade de visitas ao site). Muitos dos resultados mostrados nas buscas, entretanto, não consistiam em consultórios gramaticais, mas, sim, em colunas “soltas”, vídeos, exercícios de português ou materiais para *download*. Diante desse cenário, pautamos o critério de seleção na definição trazida por Marcondes (2008), de forma que selecionamos apenas aqueles consultórios que continham a seção de perguntas e respostas. Chegamos, então, aos seguintes 4 consultórios:

1. Ciber dúvidas
2. FLiP
3. Sua língua
4. Conversa de Português

Em cada consultório, digitamos na barra de busca alguns termos-chave: primeiramente, a palavra *gerúndio*, então os termos-chave *variedades do português*, *Brasil*, *Portugal* e *Macau*, observando se, em alguma das postagens, havia exemplos em que o gerúndio fosse citado (mesmo que não fosse a dúvida principal do consulente). Foram encontradas poucas postagens que necessariamente tivessem relação com este estudo, então, selecionamos as 5 postagens mais acessadas de cada consultório.

O primeiro consultório analisado, *Ciberdúvidas*, é um site gratuito em funcionamento desde 1997, fundado pelos jornalistas João Carreira Bom e José Mario Costa, passando a ser administrado pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, desde julho de 2019. De acordo com o artigo introdutório, “Ciberdúvidas da Língua Portuguesa – em linha, ao serviço de todos” (ROCHA, 2015), publicado no próprio site, o consultório tem como principal objetivo promover o uso consciente e responsável da Língua Portuguesa, com foco nas formas

padronizadas e normativas. É indicado para habitantes de Portugal, Brasil, Angola, Moçambique e Cabo Verde, como citado no artigo introdutório, mas tem a finalidade de sanar dúvidas “em uma perspectiva de afirmação cultural de todos os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)” (ROCHA, 2015). Os usuários enviam suas dúvidas através de um formulário gratuito e, caso elas sejam total ou parcialmente novas, as respostas são publicadas na seção de dúvidas. A rede de colaboradores, além disso, é formada por portugueses, brasileiros e consultores de alguns países da África.

Na barra de pesquisas localizada no canto superior direito do site, digitamos a palavra *gerúndio* e obtivemos 26 resultados de respostas, sendo a primeira delas, *O gerúndio* (ROCHA, 2007), composta por uma definição do gerúndio e alguns de seus usos. Após definir *gerúndio* como a forma verbal terminada em *-ndo*, a autora enumera duas possibilidades em que esse objeto linguístico pode aparecer: (1) nas construções perifrásticas – nas quais, de acordo com Rocha (2007), os auxiliares utilizados podem ser *estar*, *andar*, *ir* e *vir*; e (2) nas construções que exprimem modo. Em relação à primeira situação, afirma que “Em Portugal, usa-se o verbo no infinitivo (*estava a dormir*, *está a fazer*), mas no Brasil usa-se no gerúndio (*estava dormindo*, *está fazendo*)” (ROCHA, 2007). Os exemplos citados pela autora, de origem portuguesa, são:

- (1) Os trabalhos recomeçaram, processando-se a bom ritmo.
- (2) Lá foram eles, cantando e rindo.
- (3) Quando entrei, ela estava a dormir (ou estava dormindo) profundamente.
- (4) Ele está a fazer o que pode para resolver a situação (ou está fazendo).
- (5) Ele anda a estudar este assunto há algum tempo (ou anda estudando).
- (6) Vou vendo o que acontece.
- (7) As luzes iam-se acendendo à medida que ela passava.
- (8) O tempo vai passando, e continua tudo na mesma.
- (9) Olhem quem vem chegando!

Observamos que, nos exemplos 3, 4 e 5 – referentes a construções perifrásticas que exprimem ações durativas decorrentes em momento específico –, a autora cita tanto a possibilidade com gerúndio (em segundo plano), quanto com infinitivo. Nos exemplos com os verbos *ir* e *vir*, bem como naqueles indicando modo, entretanto, é apresentada apenas a construção com gerúndio. A autora conclui da seguinte forma:

Em suma, o gerúndio é usado precisamente para traduzir uma acção que se prolonga no tempo. A língua portuguesa tem esta riqueza de poder traduzir diferentes matizes de uma acção.

É diferente dizer **eu faço** — que é um presente do indicativo, na conjugação simples — e **eu estou fazendo** — que é a conjugação perifrástica, que utiliza o gerúndio. Ambas as formas estão no presente, mas a forma simples enuncia um facto actual, pontual, de realização imediata, breve, enquanto **eu estou fazendo** sugere a duração, eventualmente a demora, o prolongamento no tempo. (ROCHA, 2007)

Observamos que, no excerto destacado há pouco, a consultora defende o uso do gerúndio, afirmando que ele expressa um efeito de sentido próprio e que diverge do presente do indicativo ao demonstrar duração e prolongamento da ação. A relevância disso deve-se ao fato de que a autora é de origem portuguesa e não cita as construções com infinitivo em nenhum momento ao enfatizar esse aspecto durativo da ação que o gerúndio expressa. Tal percepção nos permite questionar se haveria alguma diferença de sentido, mesmo que sutil, entre as duas possibilidades. No final de seu texto, Rocha (2007) ainda cita uma notícia (FOLHA DE SÃO PAULO, 2007), a qual descreve a proibição do uso do gerúndio no funcionalismo público de Brasília:

Um mês depois da decisão polêmica do governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, de acabar com o gerúndio em seu governo, diversas placas com a logomarca do Governo do Distrito Federal (GDF) espalhadas por Brasília mantêm o tempo verbal proibido.

A medida, publicada no Diário Oficial do Distrito Federal no dia 1º de outubro em forma de decreto, demitiu o "gerúndio" de todos os órgãos do governo. O decreto com a nova medida também previa a proibição do uso do tempo verbal como desculpa de ineficiência no GDF, mas parece que a decisão não surtiu muito efeito. (ÉPOCA, 2007)

O segundo post selecionado foi *O gerúndio e a perífrase «estar a» + infinitivo* (MARQUES, 2018), na qual um consulente posta a seguinte pergunta: “Gostaria de saber em que contextos se utiliza o gerúndio propriamente dito em Portugal, e quais são os contextos em que se substitui pela perífrase *estar a + inf.* Muito obrigada e parabéns pelo site”.

O consultor afirma que, semanticamente, as construções são similares, entretanto,

se cotejarmos o português europeu (sic) e o português do Brasil, constatamos que no primeiro se verifica uma preferência pela construção com o infinitivo, enquanto no segundo se prefere a construção com gerúndio. (MARQUES, 2018)

O terceiro post, respondido por Mourato (2016), tem como título *Uso do gerúndio em Portugal*. A resposta é formulada da seguinte maneira: “Por que em Portugal não se usam os verbos no gerúndio?”. Nele, a autora afirma não ser correta a crença de que o gerúndio não é utilizado em Portugal, atestando que é utilizado nos dialetos centro-meridionais (principalmente nas regiões do Alentejo e Algarve) e nos dialetos insulares (arquipélagos da Madeira e Açores) (MOURATO, 2016). Além disso, estabelecem-se algumas comparações entre os significados de construções perifrásticas com o gerúndio ou com o infinitivo, ao afirmar que,

se o verbo auxiliar for o verbo *estar*, a construção perifrástica indica uma ação durativa que decorre num momento específico (ex.: «Ele estava a estudar/estudando, hoje de manhã»). Se, por outro lado, utilizarmos o verbo auxiliar *andar*, a ação continua a ser durativa, mas predomina a ideia de movimento (ex.: «Ela anda a ler/lendo sempre o mesmo livro»). Na construção perifrástica com o verbo *vir* constrói-se uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção ao momento ou ao espaço onde nos encontramos (ex.: «Olha quem vem a chegar/chegando!»). Por fim, se a construção tiver como auxiliar o verbo *ir*, tem-se a ideia de duração, de uma ação que se prolonga no tempo, realizando-se progressivamente por etapas sucessivas (ex.: «Vou ver/vendo o que acontece»). (MOURATO, 2016)

Observamos, assim, que ambas as possibilidades são apresentadas e validadas pela autora ao afirmar que exprimem o mesmo significado, seja a construção com preposição *a* seguida de infinitivo, seja a construção com gerúndio; entretanto, podemos questionar o fato de não haver qualquer menção a situações em que, em Portugal, se prefira o gerúndio: notamos que, em todos os exemplos dados, a autora necessariamente coloca a construção com infinitivo antecedendo a com gerúndio, como um par semelhante. No caso do verbo *ir* (último exemplo), entretanto, é a única situação em que a preposição *a* não aparece.

Em outro post, chamado «*Deitaram meu gerúndio fora*» (MÁRTIRES, 2017), observamos uma discussão sobre o fato de uma construção com gerúndio, em entrevista concedida por Caetano Veloso, ter sido substituída, por jornalista portuguesa, pela construção com preposição *a* seguida de infinitivo, o que reflete uma concepção linguística que privilegia uma das variantes de Portugal, aquela que parece ter mais prestígio. Essa crença pode ser explicada pela relação entre os dois países: de um lado, Brasil, o país colonizado, cuja língua trazida de Portugal (colonizador) sofreu diversas influências em solo brasileiro; de outro, Portugal (colonizador), o qual, por sua condição histórica, é apontado como possuidor da língua “mais correta”, como discutiremos mais à frente). Defendendo a ideia de que o gerúndio não é de uso exclusivo dos brasileiros, a consultora, Mártires (2017), afirma que

Em Portugal, o gerúndio usa-se no Alentejo (e no Algarve) no nosso dia-a-dia. Já se usava muito antes do Português chegar à América do Sul. Veja-se, a título de exemplo, um pequeno excerto, ao acaso, da Crónica de D. João I, de Fernão Lopes (n. entre 1380 e 1390 / m. cerca de 1460): «E começando de dar na galé, era aí presente João Rodrigues de Sá, (...) e vendo tão apressurada pelega dentro da galé, como cavaleiro mui prestes e de maravilhosa ardidez, foi por cima dos remos para lhes acorrer, valendo-se dos pés e das mãos. 'Acontece que na região de Lisboa e no território a norte da capital, o gerúndio **foi dando** lugar ao infinitivo, por razões e influências várias que não chegaram ao Alentejo interior (região que ocupa cerca de um terço do território nacional, mas que, por ironia, é das mais abandonadas), mais resistente à mudança, onde o povo tem outro jeito de ser e, como a língua é veículo de cultura, ela manifesta traços das gentes. O alentejano é alvo de chacota e de chistes jocosos sobre a sua lentidão ou preguiça... **A vida aqui é mais calma, delibamos o tempo e, por isso, usamos o gerúndio, o verbo no seu aspecto durativo, indicando a acção continuada, demorada, saboreada.** (MÁRTIRES, 2017, *grifos nossos*)

A autora, assim, argumenta que isso acontece porque algumas influências que atingiram Lisboa e a área norte da capital não chegaram ao Alentejo interior, região, de acordo com Mártires (2017), mais abandonada e resistente a mudanças, ou seja, defende que o gerúndio é uma construção antiga no idioma e não foi “inventada” no Brasil. Essa posição endossa as hipóteses explanativas (1) e (3), apresentadas por Castilho e sintetizadas por nós na seção 1.1 desta dissertação, conforme segue:

- (1) a de que já existe um PB, que seria uma evolução “biológica” do PP;**
- (2) a de que o PB é assim devido às influências indígenas e africanas em sua formação, e aos fluxos migratórios, que afetaram o modo como o português é falado;
- (3) a teoria de que o PB seria uma continuação natural do PP, sendo hoje o que foi o português em Portugal do século XV.**

É interessante destacar que, mais uma vez, é mencionado o uso do gerúndio em “dialetos x ou y”, como partindo da premissa de que, nas regiões centrais, ele não é utilizado, já que foram regiões que “cederam às mudanças”. Percebe-se, ainda, o uso do gerúndio em sua escrita, na construção “foi dando”, o que a própria consultora indiretamente explica ao afirmar que “a vida *aqui* é mais calma” (MÁRTIRES, 2017, *grifos nossos*), e isso resulta-nos no entendimento de que ela se inclui como parte do povo alentejano.

O quinto post selecionado faz referência ao uso do gerúndio composto, intitulado *Gerúndio de novo* (SILVAS FILHO<sup>16</sup>, 2008), e responde à seguinte pergunta feita por um

---

<sup>16</sup> O autor, em suas postagens, opta pelo pseudônimo D’ Silvas Filho, adotado aqui.

consulente: “Gostaria de saber o que é correcto (e porquê) neste caso e noutros verbos similares: João emigrou para Marrocos aos 19 anos, tendo-se convertido ao Islamismo aos 23; João emigrou para Marrocos aos 19 anos, tendo se convertido ao Islamismo aos 23”. Em sua resposta, Silvas Filho (2008) afirma que, nesse caso, tradicionalmente em Portugal, aconselha-se o uso de orações coordenadas em substituição ao gerúndio. Ele explica da seguinte forma:

Na frase em apreço, «João emigrou para Marrocos aos 19 anos, tendo-se convertido ao islamismo aos 23», a locução verbal «tendo-se convertido» pode substituir-se mais correctamente por: «e converteu-se». Se a sua dúvida é haver ou não hífen, a próclise neste caso não é habitual em Portugal. Note, porém, que a forma composta do gerúndio, com valor adverbial, é perfeitamente legítima quando exprime uma acção anterior. Por exemplo, já seria correcto escrever: «Tendo emigrado para Marrocos aos 19 anos, o João converteu-se ao islamismo aos 23.» (SILVAS FILHO, 2008)

O autor destaca, ainda, o não consenso em relação à temática, visto que alguns autores defendem o uso do gerúndio simples no início das sentenças, como em “Ligando o projetor, o apresentador começou logo a falar”. Denota-se uma rejeição explícita ao uso do gerúndio, o que também observamos em postagens feitas por consultores brasileiros, ao demonstrarem crítica ao *gerundismo*, como discutiremos ainda neste capítulo.

Partimos, agora, ao segundo consultório selecionado, *Flip* (acrônimo de *Ferramentas para a Língua Portuguesa*), que consiste em um site com ferramentas auxiliares de tradução, conjugador de verbos, conversor para o Acordo Ortográfico e corretor ortográfico e sintático, bem como possui um tópico no site chamado “dúvidas linguísticas”, atuando desde 1995. Há uma ferramenta de busca na seção, na qual o pesquisador pode digitar palavras-chave e ter acesso aos tópicos já existentes sobre a temática. Se a dúvida do consulente, entretanto, persistir, é possível que ele entre na seção “enviar-nos sua questão”, para cuja finalidade é preciso, antes, criar uma conta no site.

O primeiro post selecionado refere-se ao uso do gerúndio antecedido da preposição “em”, no qual Figueira (2013) afirma que “no português contemporâneo, a construção com o gerúndio antecedido da preposição *em* é possível, apesar de relativamente rara”, não se diferenciando do gerúndio simples. No caso de construções adverbiais, explica que o uso indica simultaneidade ou anterioridade imediata, como em (1): “em chegando o tempo quente, vamos à praia” ou valor condicional, como em (2): “em querendo, ele consegue”. Não há qualquer menção às variedades do português, entretanto, é algo que, nesta análise de dados, podemos discutir.



O segundo *post* se refere ao uso do gerúndio em locuções verbais, em que uma usuária faz a seguinte pergunta: “Tenho uma dúvida em relação ao gerúndio. Posso utilizá-lo da seguinte forma: Eu estarei recolhendo os tickets... ou deve ser no presente?”. Tal dúvida entendemos ter surgido devido às recentes críticas ao que se tem chamado “gerundismo” – o uso do gerúndio em construções verbais que indicam futuro simples, entretanto, não fazendo referência a uma ação durativa, como em “vou estar enviando”.

Em sua resposta, Figueira (2005) enumera algumas possibilidades de ocorrência para o gerúndio, sendo elas: gerúndio com valor de advérbio e gerúndio em locuções verbais. Em relação ao gerúndio nas locuções verbais, afirma que

são construídas com um verbo auxiliar ou semiauxiliar conjugado e um verbo principal no gerúndio, mas têm o mesmo valor se forem construídas com um verbo auxiliar ou semiauxiliar conjugado seguido de preposição *a* e de um verbo principal no infinitivo (ex.: Estava a construir uma casa de férias; Andou a estudar muitos anos). Tanto num caso como noutro, o verbo auxiliar ou semiauxiliar pode estar conjugado em qualquer tempo verbal (ex.: Daqui a um ano estará construindo uma casa de férias; Anda estudando há muitos anos). (FIGUEIRA, 2005).

Desse modo, a autora apresenta e reconhece construções tanto com o infinitivo regido pela preposição *a* (construção comumente que reflete a variante portuguesa) quanto o uso com gerúndio, afirmando que tais construções podem ser expressas em qualquer tempo verbal. Portanto, “eu estarei recolhendo os tickets” deveria ser considerado um uso “correto”; entretanto, não foi dada qualquer explicação para o sentido expresso por tal construção, em quais variedades ela é mais utilizada e se corresponderia à construção no futuro simples (*recolherei os tickets*). Há alguns consultores, entretanto, que não compartilham de sua crença, como será discutido nos demais exemplos.

No terceiro *post*, intitulado “Variedades de português [Variação e mudança linguística]”, o consulente afirma querer saber algumas diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal, sendo respondido por Pinto (2004), que aponta como uma das diferenças no nível sintático a utilização do gerúndio, afirmando que “o uso do gerúndio é preferencial no português do Brasil: “Ele está escrevendo um romance” (PB) / “Ele está a escrever um romance” (PT)” (PINTO, 2004), não especificando, entretanto, em que tipos de construções isso ocorre e se tal afirmação, de fato, se adequa a todas as regiões de Portugal.

O quarto *post* selecionado se refere a uma dúvida sobre infinitivo flexionado e infinitivo gerundivo, na qual o consulente traz questionamentos focados na concordância verbal:

Se me permitem, vou transcrever-vos duas frases que me surgiram e alterei, por senti-las erradas. Agradeço antecipadamente a vossa ajuda. Frase 1: A estabilidade e a sincronização facultam-nos o grau de previsibilidade que precisamos para funcionarmos como indivíduos em grupos sociais e especialmente na economia. Para além de ter corrigido o que precisamos – parece-me que deve ser de que precisamos, lá vem a grande questão. Transformei o funcionarmos em funcionar. De que precisamos para funcionar. Puro instinto, e espero que acertado. Há uma regra geral? Frase 2: E das velhinhas enregeladas, nas escadarias dos edifícios públicos, a tentar vender uma esferográfica ou uma pega de cozinha – os seus únicos pertences. Aqui foi o contrário. Achei que o correcto seria a tentarem vender. (FIGUEIRA, 2006)

Embora fuja um pouco ao que buscamos, um dos exemplos dados por Figueira (2006) chamou-nos a atenção. Em relação à frase trazida pelo usuário – “velhinhas [...] a tentar vender”, que afirmou estar em dúvida se a concordância correta seria “velhinhas (...) a tentarem vender”, a consultora afirma o seguinte:

Este tipo de estrutura **pode ser substituído por um gerúndio (ex.: “velhinhas [...] tentando vender”)**, pelo que se designa por infinitivo gerundivo (cf. Maria Helena Mira MATEUS *et al.*, Gramática da Língua Portuguesa, Lisboa: Editorial Caminho, 5.<sup>a</sup> ed., 2003, pp. 643-645) e também por infinitivo de narração ou infinitivo histórico (cf. Celso CUNHA e Lindley CINTRA, Nova Gramática do Português Contemporâneo, Lisboa: Sá da Costa, p. 483 e Evanildo BECHARA, Moderna Gramática Portuguesa, Rio de Janeiro: Lucerna, 37.<sup>a</sup> ed., 2002, p. 284 e p. 528). (FIGUEIRA, 2006, *grifos nossos*).

Assim, percebemos reconhecimento tanto da possibilidade com gerúndio quanto com infinitivo, neste caso, expressando sentido adjetival. É importante destacar aqui que, em relação às chamadas completivas com infinitivo gerundivo, em sua gramática, Mateus *et al.* (2003) iniciam o tópico apresentando os seguintes exemplos: (1): “Eu vi [os meninos a devorar (em) o gelado]” e (2): “Ouvimos [os pais a chamar (em) os miúdos]” (MATEUS *et al.*, 2003, p. 643). Afirmam, em seguida, que tais construções podem ser parafraseadas por “frases em que ocorra o gerúndio na completiva e por frases contendo pseudo-relativas”, e citam os casos mencionados, destacando em nota de rodapé, entretanto, que “em variedades dialectais do português europeu e em português brasileiro, é o gerúndio e não o infinitivo preposicionado o tempo verbal que ocorre nesta construção” (*idem*, *ibidem*). Em seguida, atestam que “a preposição *a* funciona nesta construção como um núcleo funcional de natureza aspectual, ou seja, o complexo *a*-infinitivo tem traços aspectuais idênticos aos do gerúndio” (MATEUS *et al.*, 2003, p. 645).

Na página seguinte, *Mateus et al.* apresentam 20 exemplos do caso com infinitivo preposicionado (atribuído, pela autora, ao Português de Portugal), o que nos permite hipotetizar ser uma preferência portuguesa pela construção. A verificação dessa hipótese é uma das metas que temos.

Em relação aos consultórios gramaticais, o quinto post selecionado, embora não faça referência direta aos usos do gerúndio nas variedades do português, é relevante considerarmos os exemplos apresentados pela autora (FIGUEIRA, 2007). A consulente traz, na postagem, a seguinte pergunta: “De acordo com as regras de colocação pronominal, usa-se próclise após advérbios e ênclise após gerúndios, sem o EM. Sendo assim, como ficaria a frase: quase o arrastando ou quase arrastando-o?”. A resposta foi elaborada pela consultora Figueira (2007), que apresenta as diferenças entre as posições comuns do clítico no PB e PP, em seguida afirmando que

Tanto na norma de Portugal, como na norma do Brasil, a maioria dos advérbios e das preposições têm (sic) a propriedade de atrair o clítico, motivo pelo qual, com a utilização do gerúndio antecedido da preposição *em* ou do advérbio *quase*, o clítico é habitualmente colocado antes da forma verbal (ex.: em o arrastando; quase o arrastando). (FIGUEIRA, 2007)

Sua explicação é relevante, pois, mesmo nos exemplos que se referem ao português de Portugal, a autora utiliza o gerúndio, que, no caso das orações citadas por ela, ocorre em construções adverbiais.

O terceiro consultório selecionado foi *Sua Língua*, criado por Claudio Moreno, doutor na área de morfologia, o qual responde a perguntas feitas por consultores na seção “faça sua pergunta” do site. *Sua língua* conta, além disso, com uma barra de pesquisas na qual o consulente pode digitar palavras principais e verificar se alguma resposta corresponde ao item que procura. Foi justamente esse procedimento metodológico que adotamos para verificar se havia postagens sobre o gerúndio. Encontramos apenas uma postagem referente a esse uso linguístico, intitulada “Vou estar verificando: Não seja injusto! O erro chamado de GERUNDISMO não é culpa do pobre gerúndio”. A resposta formulada por Moreno (2014) explica o termo *gerundismo*, que o autor define a partir do exemplo “vou estar verificando”:

Embora esse tipo de erro seja chamado de “gerundismo”, ele não se origina no pobre gerúndio, mas sim em um dos vários recursos que a língua oferece para expressarmos a ideia de futuro. No Português atual (falo do Brasil, apenas), é mais usada a construção [ir + qualquer verbo no infinitivo]: “Amanhã vou sair bem cedo”; “Desse jeito, vais perder o marido”. Em segundo lugar, a preferência fica simplesmente com o presente do indicativo do verbo: “Amanhã eu saio bem cedo”; “Desse jeito, perdes o marido”. Nossa terceira e

derradeira escolha passou a ser, há muito tempo, o futuro do presente, quase extinto no uso comum: “Amanhã sairei bem cedo”; “Desse jeito, perderás o marido” (aliás, deve ter sido a raridade de seu emprego que levou o Pinheiro Machado, nosso Anonymus Gourmet, a escolher “Voltaremos!” como bordão de seu programa). (MORENO, 2014)

Partindo de uma lógica normativa, ao caracterizar a construção como “erro”, o consultor demonstra uma tentativa de explicar as motivações para o surgimento desse uso, elencando, como fatores motivacionais do gerundismo, o uso de algumas construções no Português do Brasil, como a de locuções verbais para indicar futuro. Também menciona a sequência *estar + gerúndio*, utilizada “para expressar uma ação continuada, seja no presente, no passado ou no futuro”, justificando que, no caso das construções indicando futuro, a tendência brasileira é utilizar a locução formada por [ir + infinitivo], tal como nos seguintes exemplos: (1) “Quando chegares, vou estar dormindo”, (2) “Na hora do jogo, vou estar dando aula”, as quais afirma estarem corretas pelo fato de [*ir+estar+gerúndio*] ser uma construção prevista na língua, destacando que construções como (3) “Vou estar verificando” causam estranhamento devido ao fato de que

o problema, na verdade, é a incompatibilidade do verbo verificar com o verbo estar, já que não tem caráter durativo, mas pontual (“vou estar verificando” significa, no fundo, “vou verificar”). É o mesmo motivo que nos faz rejeitar “vou estar chamando um táxi” ou “vou estar enviando o relatório”, mas aceitar “venha, que vou estar esperando na porta” ou “quando você defender a tese, vou estar torcendo aqui em casa”. (MORENO, 2014)

O autor parece não perceber que verbos processuais implicam certo caráter durativo, o que torna sua resposta pouco coerente com as descrições de línguas em uso. Embora não houvesse mais nenhuma postagem com referência direta ao gerúndio, ao digitarmos as palavras *variedades do português* na ferramenta de buscas do consultório, deparamo-nos com uma postagem cujos exemplos faziam referência a esse objeto linguístico. Ao discutir a diferença entre as variedades do português, questionada por um dos consulentes, Moreno (2018), na postagem intitulada “Língua brasileira?”, afirma que

As diferenças que existem entre essas variedades, se por um lado ajudam a identificar sua proveniência, são insuficientes para caracterizar um idioma diferente. Um brasileiro diria “Passei a manhã lendo o jornal”, “Te amo”, “Preciso falar com você”; já um português preferiria “Passei a manhã a ler o jornal”, “Amo-te”, “Preciso falar consigo” — mas isso é muito pouco. Na pronúncia, é verdade, o Brasil e Portugal (com sua redução do quadro das vogais) se afastaram muito, o que exige de brasileiros como eu e tu, diante de um programa de TV gerado em Portugal, um esforço inicial para acomodar o ouvido ao novo sistema. (MORENO, 2018)

Observamos, em sua escrita, a concepção que entende o português falado em Portugal e aquele utilizado no Brasil como variedades de uma mesma língua, sendo, entretanto, essas variedades postas como dicotômicas. No que se refere ao uso do gerúndio, observamos que o consultor utiliza a frase “Passei a manhã lendo o jornal” (atribuída ao PB) em contraste a “Passei a manhã a ler o jornal” (atribuída ao PP).

O quarto consultório gramatical selecionado foi *Conversa de Português*, criado em outubro de 2008, sendo desde então utilizado para responder a perguntas e para tecer comentários acerca de dúvidas dos leitores. No ano seguinte à sua criação, passou a ser utilizado também como estratégia de ensino de Língua Portuguesa, contando com seções destinadas a simulados, vídeo-aulas, resenhas e materiais de estudo disponíveis para *download*, sendo todo o site – bem como a seção de perguntas e respostas – administrados pela professora brasileira Andréa Motta.

Ao realizarmos a busca, deparamo-nos com a postagem intitulada *Gerúndio denuncia espiões brasileiros. Você sabe usar essa forma verbal?* (MOTTA, 2016), a partir do que a autora define o gerúndio e explica seus usos, enumerando 5 deles: **com valor adjetivo, com valor adverbial, expressando uma ação contínua, sob a forma composta** – indicando, neste caso “uma ação durativa ou uma ação concluída antes da expressa pelo verbo da oração principal” (MOTTA, 2016) – e em **substituição ao modo imperativo**, na linguagem coloquial. Em seguida, discorre sobre a temática *gerundismo*, utilizando as seguintes sentenças como exemplos:

1. “Não posso sair com você às 14h, pois vou estar dando aula.”
2. “A senhora vai estar recebendo seu cartão de crédito nos próximos quinze dias.”

Acerca dos exemplos, afirma que

Na frase 1, temos o anúncio de uma ação verbal futura e concomitante a uma outra ação expressa no período (sair às 14h). Na frase 2, o mau uso do gerúndio dá a entender que o cliente receberá o tal cartão infinitamente. Lembre-se: o gerúndio indica uma ação contínua! Quantos cartões o banco enviará ao tal cliente e por quanto tempo? Um só, certo? Então, o uso daquela forma nominal não se justifica! (MOTTA, 2016)

Notemos que o critérios para discriminar funções descritas pela professora não são uniformes, já que utiliza classe de palavras para associar às duas primeiras funções, abandonando esse critério logo depois. Por outro lado, assim como Figueira (2005) e Moreno (2014), a autora condena o uso do gerundismo, justificando que o gerúndio apenas deve ser

utilizado para expressar ações durativas. Em seguida, afirma, entretanto, que existe outra forma no português de se expressarem ações durativas, sendo ela “menos comum no português brasileiro, mas bem mais usada no português europeu” (sic) (MOTTA, 2016), citando como possibilidade de uso o infinitivo regido da preposição *a* após verbos como *estar*, *andar*, *ficar*, *viver* e semelhantes. Não é especificado, contudo, qual o critério a se adotar para identificar o que seriam esses verbos “semelhantes”.

A segunda postagem selecionada, *Senhora, nós vamos estar enviando...* (MOTTA, 2008) trata do uso *do* chamado *gerundismo*, e a autora segue a mesma lógica da postagem anterior, ou seja, condena o uso do gerúndio em construções não durativas; todavia, observamos que, nessa postagem – mais antiga que a anterior –, a autora não traz exemplos de outros usos do gerúndio, o que associamos ao fato de sua postagem mais recente (publicada em 2016) emergir como um complemento à anterior. A autora, no final do texto, ainda afirma o seguinte:

Devemos lembrar que, em língua portuguesa, **as locuções verbais são compostas por apenas dois verbos: um auxiliar** (que pode ser usado no plural, se necessário) **e o verbo principal**, que pode ser o gerúndio, infinitivo ou particípio: “Eu estou escrevendo um livro” (como se diz no Brasil), “Eu estou a escrever um livro” (como é a preferência em Portugal) e “O livro foi escrito por mim”. (MOTTA, 2008, *grifos nossos*.)

É certo que a autora não incluiu locuções verbais mais complexas, compostas por mais de dois verbos, como é o caso de “podem ser apresentados, começam a ser revelados, pararam de ficar falando”, em que verbos modais ou aspectuais integram a locução para compor o sentido pretendido. Tal explicação, na verdade, parece ser utilizada como argumento para condenar frases como “eu vou estar escrevendo”, visto que Motta (2008) afirma serem as locuções verbais compostas por apenas 2 verbos, o que sabemos não proceder como uma simples observação de usos cotidianos, quanto lendo em Perini (2005, p. 75), que trata dos predicados complexos:

o predicado complexo é, pois, sempre composto de auxiliar (Aux) mais NdP; e pode haver mais de um auxiliar, posicionados sempre segundo uma ordenação rígida (que é a mesma mostrada na lista acima: primeiro o auxiliar seguido de infinitivo, depois o auxiliar seguido de particípio e, por último, o auxiliar seguido de gerúndio (...)). Digamos, então, que vamos montar uma frase com um Aux no infinitivo e outro no gerúndio; o resultado deverá ser algo como (59) Manuel vai estar contando piadas. (PERINI, 2005, p. 75)

No excerto acima, observamos que Perini (2005) se utiliza de um exemplo contendo dois auxiliares, possibilidade que não é mencionada na postagem mais antiga do consultório (MOTTA, 2008), mas é citada na mais recente (MOTTA, 2016).

Na terceira publicação selecionada, *Como usar o gerúndio?* (MOTTA, 2010), a autora cita seu primeiro texto sobre a temática, acrescentando outros exemplos de usos do gerúndio:

“Estou ligando para a casa de meus avós.” A locução verbal indica que há uma ação em processo.

“Tendo terminado as tarefas domésticas, a menina foi ao cinema com as amigas.” A ação concluída antecipa a saída com as amigas.

“Eu ando acordando indisposta.” A locução enfatiza uma ação durativa ou a insistência de um acontecimento.

“A conversa estava boa, o tempo foi passando e perdemos a hora do ônibus.” O verbo *ir* seguido de gerúndio expressa uma ação durativa realizada progressivamente.

Na linguagem popular, pode substituir a forma imperativa: “Andando!” (=Vá andando! Ande!). (MOTTA, 2010).

Notamos que a autora expande a quantidade de exemplos de usos do gerúndio em relação à primeira postagem sobre a temática, explicando também alguns dos sentidos expressos por esses usos. No que tange ao *gerundismo* – temática mais uma vez abordada no consultório, dessa vez Motta (2010) explica o porquê de esse uso ser considerado um problema, não o condenando no geral:

Na construção que originou nossa reflexão, o problema reside no fato de não existir ali uma ação durativa. A intenção da atendente, ao dizer “Vamos estar enviando”, é comunicar ao cliente o procedimento de sua operação, que certamente não duraria o dia inteiro. (MOTTA, 2010)

O gerúndio é novamente mencionado por Motta (2020) em postagem intitulada *Hipercorreção linguística. Já ouviu falar dela?*, na qual a consultora aponta o gerundismo como uma hipercorreção linguística e argumenta que atende à suposição do falante sobre ser aquela uma forma elegante de se expressar. Cita, também, uma experiência pessoal na qual foi corrigida por utilizar o gerúndio:

Podemos entender como um caso de hipercorreção o comentário que fizeram perto de mim, um dia desses, na esperança de que eu concordasse: “O povo agora deu para usar gerúndio!”. Reagi apenas com a seguinte pergunta: “E por que não usariam se é uma das formas nominais da língua portuguesa?”. O problema não é usar o gerúndio; é não usar direito (...). (MOTTA, 2020)

Entendemos que uma das possibilidades de explicação para haver considerável rejeição ao gerundismo – o que, como cita a consulente, pode resultar no julgamento (ao qual ela própria afirma ter sido exposta) do gerúndio em *qualquer situação* – é o fato de existir o mito de que o português falado em Portugal é o mais “belo” ou mais “correto”; concepção que podemos observar na crônica gramatical *Onde se fala português mais correctamente* (VortexMag, 2019). Nela, o autor se pauta em uma hierarquização linguística que considera a existência de uma língua *mais bem falada*: aquela utilizada em Portugal (que, como é relevante lembrar, foi o país colonizador do Brasil), ao afirmar que

Vários especialistas defendem que a faixa que vai desde a Figueira da Foz, passa por Coimbra e continua até à Guarda é um bom exemplo de uma região onde se fala português. Curiosamente, essa faixa coincide com o lado Espanhol onde se fala **melhor Castelhana**, que passa por Salamanca e vai até Toledo. **Mas o português falado nesta região também tem os seus defeitos.** O uso exagerado do “você” em vez do “tu” é o mais evidente. **Dizer “vocês são” em vez de “vós sois” é uma deturpação do português correcto.** (VortexMag, 2019, *grifos nossos*)

Nos trechos destacados, observa-se que o autor entende como “português correto” aquele que segue a norma culta que, muitas vezes, não corresponde à língua utilizada no dia a dia pela população; e, no caso do Brasil, ainda notamos, em gramáticas normativas, um preterimento a formas não mais usuais na *fala* não controlada (podemos citar, por exemplo, o fato de estabelecer-se, nas gramáticas normativas, que não se inicia período por pronome átono, como aponta Bechara (2009), ao afirmar que esse princípio é, “em nosso falar espontâneo, desrespeitado”, ou seja, o gramático reconhece tais usos, entretanto não parece de fato legitimá-los, devido à não menção de como a fala e escrita são duas modalidades diferentes da língua, cada uma delas com suas próprias regras e normas.

Esse ideário de que existiria um português puro e verdadeiro, em comparação a um português deturpado ou miscigenado, é antigo, como defende Martins (2019, p. 53), e se prolonga dos oitocentos até o século XX, guiando o projeto civilizatório brasileiro.

Voltando às ideias de Bechara, notamos que o autor se orienta por uma regra aplicável à modalidade escrita, muito embora, em situações de fala altamente controlada, seja possível que isso também ocorra. Essa orientação difere daquela encontrada na gramática portuguesa de Mateus *et al.* (2003, p. 47), em que, ao discorrer sobre as divergências e aproximações entre o PB e PP, as autoras se pautam nos *usos brasileiros*, destacando a preferência pela próclise no



caso dos clíticos no PB, como em “me diga uma coisa”, o que se difere do PP “diga-me uma coisa”.

Ainda no que tange a essa comparação entre as variedades portuguesa e brasileira, podemos citar outra crônica gramatical *Principais diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil*, de Batista (2018), na qual a autora afirma o seguinte:

No Brasil, é clássico e até já virou piada a quantidade de gerúndio que utilizamos no dia a dia. É natural, as pessoas falarem: “estou esperando você” ou “você está arrumando tudo errado” ou ainda “estarei ligando para você no próximo dia útil”.

Em terras lusitanas, é mais usual falar-se: “estou a esperar por você”, “você está a arrumar tudo errado” e “estarei a ligar para você no próximo dia útil”. (BATISTA, 2018)

Observamos novamente, a partir do excerto acima, uma concepção dicotômica que associa o gerúndio à variedade brasileira, em tom de deslegitimação; afinal, como afirma a própria autora, “até já virou piada a quantidade de gerúndio que usamos no dia a dia”. Entendemos, assim, que essa concepção – também vista em VortexMag (2019) – de que a variedade brasileira é inferior à portuguesa decorre do fato de que a gramática que brasileiros aprendem no processo de escolarização difere, muitas vezes, da utilizada no dia a dia por parte considerável da população, e também devido a uma questão cultural que resulta em sentimento de inferioridade por parte do brasileiro, problemática discutida por Motta, Alcadipani e Bresler (2001).

Além disso, é importante se considerar que tardamos a ter estudos sobre a história e o português do Brasil: mesmo o primeiro texto a alcançar sucesso, sobre a história do Brasil, “História da América Portuguesa” (PITA, 1730), enquadra a história brasileira como parte da história maior de Portugal, o que demonstra que o Brasil sequer era visto como uma nação própria, logo, utilizado para justificar que sua língua fosse vista como inferior àquela falada em Portugal (MARTINS, 2019, p. 40). Como demonstra Martins (idem, ibidem), os laços entre Portugal e Brasil eram tidos como naturais e qualquer ameaça a eles era rejeitada, de maneira que formas comuns ao PB eram tratadas como rebeldia à monarquia portuguesa, o que se reflete até os dias atuais, visto que usos comuns ao Português Brasileiro são vistos como deturpação da língua correta, desvios, erros; sempre à sombra da legitimada variedade portuguesa, considerada a forma não marcada da língua.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, descrevemos os tipos de uso do gerúndio encontrados no *corpus*, atentando-nos a suas formas e funções, bem como as possíveis variações, destacando exemplos baseados em padrões funcionais<sup>17</sup>.

Analisando os usos, chegamos a um conjunto de 5 padrões funcionais, que serão, a seguir, descritos em suas peculiaridades. A ordem dos padrões revela a ordenação com base em frequências, assim, o padrão funcional 1 é aquele que teve maior frequência *token* no *corpus*, e assim sucessivamente. Destacamos que, para melhor entendimento das possibilidades interpretativas de cada construção, realizamos em alguns casos o exercício de paráfrase, de modo que esse artifício permita a justa categorização em determinado padrão, ou seja, é um recurso metodológico que não reflete o uso, logo são formas criadas e modificadas por nós, mas que não refletem a fala dos participantes. Essas paráfrases, dado seu caráter puramente metodológico, não entrarão em nossa contagem. Caso uma fala já apresentada de determinado participante seja mencionada em outro momento deste capítulo, para comparação com alguma outra construção, ela será representada pelo mesmo número identificador.

Há algumas situações nas quais ocorre mais de um uso diferenciado de gerúndio no mesmo período, assim, cada uso será contabilizado para análise quantitativa no pertinente padrão.

### **4.1 Padrões funcionais:**

Apresentamos um quadro prévio dos padrões funcionais levantados e a seguir descrevemos cada uma das construções encontradas:

---

<sup>17</sup> Todo padrão funcional inclui traços e propriedades contextuais típicas a cada conjunto de usos, incluindo características fundamentais aos variados subsistemas linguísticos.

Padrão funcional	Construções gerundiais	Tokens
1 – Aspectuais de caráter durativo	<i>estar</i> + gerúndio	54
	<i>Ir/vir</i> + gerúndio	35
	<i>Continuar</i> + gerúndio	12
	<i>Ficar</i> + gerúndio	3
	<i>Viver</i> + gerúndio	2
	<i>Ter</i> + gerúndio + prep. <i>A</i> + infinitivo	2
	<i>Acabar</i> + gerúndio	1
	<i>Ter</i> + gerúndio	1
2 – Orações circunstanciais	Atos de fala colaborativos	11
	De base condicional	10
	De base causal	7
	De base modo-temporal	6
	De base concessiva	2
	Meio/instrumento	1
	Outras <sup>18</sup>	2
3 – Orações de caráter adjetivo		4
4 – Gerúndio Composto	<i>Ter</i> (ger.) + Particípio	2
5 Operador Argumentativo de Conclusão	“assim sendo”	1

Tabela 1: Síntese de Padrões e Construções Gerundiais

**Padrão funcional 1: Construções gerundiais aspectuais de caráter durativo, formadas por verbo auxiliar seguido de gerúndio, constituindo perífrase verbal.**

Identificamos oito tipos de construções imperfectivas formadas pelos auxiliares *estar*, *ir*, *vir*, *continuar*, *ficar*, *viver*, *ter* e *acabar*, as quais descreveremos explicando os sentidos expressos e possibilidades encontradas. Agrupamos tais construções em um mesmo padrão funcional por representarem estados em pleno curso de desenvolvimento (CASTILHO, 2010, p. 421).

**Construção gerundial 1: Verbo auxiliar "estar" + (pronome pessoal oblíquo ou advérbio) + verbo principal no gerúndio.**

Trata-se de construção perifrástica aspectual de caráter durativo, encabeçada pelo verbo *estar* conjugado no tempo previsto para a informação pretendida pelo falante, o qual é seguido de um verbo principal no gerúndio, que reveste semanticamente a construção. Essa construção forma uma unidade semântica que expressa o valor durativo da ação, ou seja, “frisa a continuidade ou duração do processo, da ação” (GARCIA, 2004, p. 89), podendo haver pronome pessoal oblíquo ou advérbios intercalados. O auxiliar *estar* pode ser realizado com

<sup>18</sup> Atuam como aposto e exibem mais de uma circunstância, como é o caso de alguns exemplos em (66).

alteração fonética por aférese: “tar”, “tá” , “tão” – no caso da terceira pessoa do plural ou “tamo”, no caso da primeira pessoa do plural. Tais alterações fonéticas ocorreram no PB, majoritariamente, e no PM. No PP, por sua vez, houve apenas um uso de auxiliar *estar* seguido de gerúndio, porém sem alteração fonética.

Identificamos um total de 54 ocorrências e observamos uma alternativa a esse uso: *estar* + preposição *a* + infinitivo (72 ocorrências). Na construção com infinitivo, observamos a possibilidade de ocorrência de advérbio de lugar após o auxiliar.

Exemplário:

(3) <sup>19</sup>bom...as áreas de tradução automática e inteligência artificial são áreas que o \*\*\* **tá investindo** muito... nos anos recentes... tal como acabou de referir... (M9TDM, 2020)

(6) (a revista) vai dar quase 50 página...Pedro...de tanta informação que **tá dando...** de tantas empresas que querem...participar desses setenta anos...que **tão mandando** então a propaganda da sua empresa...**dando** felicitações à escola... (B15UNESP, 2020)

(7) muitas vezes a tua boa fé ela não reflete a boa fé de quem **tá te vendendo** um serviço...então é importante sempre no ato da contratação...ler com atenção aquilo que você **tá assinando...**que você **tá de fato contratando...** porque você **tá se vinculando** a um compromisso (B13UNESP, 2020)

(8) nós **tamo passando** por um momento realmente delicado. (B13UNESP, 2020)

(9) os dois **tão indo** bem... nós **tamo trabalhando** com 2 e meia... 1 só...apesar que 1 meia nosso é um meia atacante... que é o \* ne, então praticamente nós ficamos com três atacante. (B14UNESP, 2020)

(10) os dois estádios **vão tar...recebendo** grama sintética ainda em 2020. (B16UNESP, 2020).

(11) desde Bielorrússia cujos protestos continuam desde a guerra que é contínua na parte oriental da Ucrânia nem vamos falar na anexação da Crimeia ...passamos para o Cáucaso e temos esses conflitos que...que **estão nutrindo** entre Armênia e o Azerbaijão e agora na Ásia central os protestos no Quirguistão. (P2TSF, 2020)

Em (10), temos uma perífrase de futuro (*ir* + infinitivo), com sentido idêntico ao verbo *estar* conjugado no futuro. Pode ser parafraseada por: “Os dois estádios receberão grama sintética ainda em 2020”, visto que a perífrase [vão tar] indica futuro, sendo bastante comum no português brasileiro o uso do auxiliar *ir*<sup>20</sup> para esse tempo verbal. Optou-se pelo gerúndio,

<sup>19</sup> Exemplo já citado anteriormente.

<sup>20</sup> Caso claro de gramaticalização em muitas línguas, nas quais o verbo *ir* perdeu seu sentido de deslocamento espacial, e passou a ser utilizado para expressar futuro, ou seja, de um verbo pleno, tornou-se auxiliar. Neste processo, “*ir* segue uma trajetória unidirecional que vai de um *status* menos gramatical para um mais gramatical” (CUNHA, 2016, p. 76).

possivelmente, para indicar que a ação será gradativa: a grama será enviada para os estádios em um período *no decorrer* de 2020, podendo ser esse envio parcial.

Embora tenhamos observado evidente preferência pelo uso do auxiliar *estar* seguido de preposição *a* e infinitivo nas variedades portuguesa e macaense, houve dois usos do gerúndio nesse tipo de construção em fala de participantes diferentes. No caso da participante P2TSF (2020), portuguesa, foram encontradas em sua fala 5 construções perifrásticas durativas encabeçadas pelo auxiliar *estar*, sendo 4 delas formadas por *estar* + preposição *a* + infinitivo, em contrapartida, apenas uma com gerúndio, como observamos abaixo. Para comparação, retomamos o uso (11) e exemplificamos alguns outros usos na fala da mesma participante:

(11) Desde Bielorrússia cujos protestos continuam desde a guerra que é contínua na parte oriental da Ucrânia nem vamos falar na anexação da Crimeia ...passamos para o Cáucaso e temos esses conflitos que...que **estão nutrindo** entre Armênia e o Azerbaijão e agora na Ásia central os protestos no Quirguistão. (P2TSF, 2020)

(12) A região de que **estamos todos aqui a falar** é...toda essa região que no fundo é pertence à União soviética e que após a queda da União soviética deu origem a uma série de países indecentes. E **eu é estava a pensar** é que ontem é Vladimir Putin celebrou 68 anos é e **estava a ver** a mensagem oficial de quem é que deu os parabéns ao presidente. (P2TSF, 2020)

(13) Essa transição que é em alguns casos tem evidentemente uma enorme responsabilidade de quem está no poder é lukashenko com Bielorrússia é um bom exemplo...mal exemplo do que **estamos aqui a falar**. (P2TSF, 2020)

É possível que, neste caso, o uso do gerúndio (que constitui aqui a categoria marcada) se deva ao fato de o sujeito (conflitos) ser mais abstrato. Embora as construções formadas por verbo auxiliar *estar* seguido de gerúndio tenham sido as que mais apresentaram usos no *corpus*, esses usos majoritariamente se encontram nas entrevistas de falantes brasileiros, como se observa abaixo:

Variedade	Ocorrências	Alternativas ao gerúndio
PP	1	36
PB	53	0
PM	1	36
Total	55	72

Tabela 2: Construções gerundiais 1 (*estar* + gerúndio)

Por *alternativas ao gerúndio* compreendemos construções que, embora apresentem diferença na estrutura em relação à não presença do gerúndio, demonstram mesmo sentido ou sentido semelhante. No caso de construções aspectuais formadas por auxiliar *estar* seguido de gerúndio, as substituições encontradas que mantinham o mesmo sentido foram formadas por auxiliar *estar* seguido de preposição *a* e infinitivo do verbo, conforme exemplos (8) e (9).

Além disso, na fala de uma participante brasileira (B19UNESP, 2020), foi observado uso recorrente do auxiliar *estar* antecedido por outro verbo e seguido de gerúndio, expressando mesmo sentido de verbo no infinitivo, como demonstramos a seguir. Todas as sentenças demonstram planos ou acontecimentos que poderão ocorrer no futuro e que têm um tempo durativo:

(14) Hoje as vagas são todas disponibilizadas via sistema crós... que veio pra contribuir pra toda essa regulação de vagas...toda essa organização....né....pra que os municípios **possam** realmente **tá aí escolhendo** a especialidade;

(15) Hoje o ame ele **tem** aí **como objetivo**...como missão... é...**tá fazendo** o diagnóstico né...ser resolutivo;

(16) As cirurgias estão aí ...com tudo aí...desde...um certo tempo já...pra **poder tá melhorando** toda essa demanda aí levantada.

Podem ser substituídas por:

(14a) Hoje as vagas são todas disponibilizadas via sistema crós... que veio pra contribuir pra toda essa regulação de vagas...toda essa organização....né....pra que os municípios **possam** realmente **escolher a especialidade**;

(15a) Hoje o AME ele **tem** aí **como objetivo**...**como missão**... é...**fazer o diagnóstico** né...ser resolutivo;

(16a) As cirurgias estão aí ...com tudo aí...desde...um certo tempo já...pra **poder melhorar** toda essa demanda aí levantada.

Entendemos que o uso da construção formada por [*estar* + verbo no gerúndio], ao invés de [*auxiliar* + verbo no infinitivo], como nas paráfrases acima, muito embora não se trate de ações de caráter durativo, pode ter sido motivada pelo fato de a falante entender que tais ações poderão ocorrer em um futuro próximo, e que há um processo gradual envolvido, por serem ações que demandam determinado tempo, por isso, a escolha do gerúndio. Além disso, observamos que em 14-16 as construções formadas por *estar* seguido de verbo no gerúndio contribuem para que se crie a ideia de movimento para a realização de determinada ação, que,

como mencionamos, envolve um processo gradual. Esse desenvolvimento gradual da ação culmina na noção semântica de permanência: o sujeito da ação se manterá realizando aquela determinada ação por um período não especificado de tempo. Podemos ilustrar essa noção comparando dois usos diferentes: retomemos o exemplo (15), e a paráfrase<sup>21</sup> (15a):

(15) Hoje o ame ele **tem aí como objetivo...como missão... é...tá fazendo** o diagnóstico né...ser resolutivo;

(15a) Hoje o AME ele **tem aí como objetivo...como missão... é...fazer o diagnóstico** né...ser resolutivo.

Observamos que em (15), o gerúndio carrega a noção de que o sujeito da ação *permanecerá* realizando a ação de fazer o diagnóstico, enquanto que em (15a) a noção de duração não ocorre, o que nos permite entender que a ação seria mais pontual; assim, a escolha pelo uso do gerúndio tem a ver com a noção semântica que se busca atribuir à ação.

Em todas as construções gerundiais do grupo 1, observamos que o gerúndio traz aspecto durativo para a ação, bem como pode contribuir para a ideia de movimento, logo, têm-se como valores semânticos os de tempo e movimento.

### **Construção gerundial 2: Verbo auxiliar *ir* ou *vir* + (pronome pessoal oblíquo ou advérbio) + verbo principal no gerúndio.**

Trata-se de construção perifrástica de carácter aspectual durativo, expressando a noção semântica de progressão (desenvolvimento gradual), encabeçada pelos verbos de movimento *ir* ou *vir* conjugados no tempo previsto para a informação pretendida pelo falante, os quais são seguidos de um verbo principal no gerúndio codificando a semântica da construção. Funciona como unidade semântica, indicando o progresso do desenvolvimento gradual da ação.

Como aponta Garcia (2004), os auxiliares *ir* e *vir* em construções perifrásticas podem, em alguns casos, não apenas indicar a progressão da ação, mas conação, “esforço, a tentativa, o impulso ou o movimento para realizar determinada ação”, volição (a intenção, desejo ou vontade de realizar alguma ação) ou iminência (a ideia de ação próxima).

Seguem alguns exemplos dentre os 35 usos encontrados. Um deles, embora não constitua construção com gerúndio, foi exemplificado aqui para comparação:

---

<sup>21</sup> As paráfrases são criadas por nós.

- (17) Mas é... as crianças ficam sempre fartas d-das viagens mais cedo do que nós... nós **vamos nos habituando** a conformar com o tempo. (P5TSF, 2019)
- (18) A gente tem que ter um pouco mais de compreensão em relação à reorganização da malha aérea, porque isso **vem sendo** modificado (B13UNESP, 2020)
- (19) A partir do momento que você tem uma base física... aí você já começa a trabalhar com bola... e dentro desse trabalho com bola, você **vai também aprimorando** a parte física né (B14UNESP, 2020)
- (20) Mesmo em Moçambique é a comunidade chinesa festejava éh por tradição as festas éh éh havia também é oratórios e deuses chineses (...) E é esta procura que eu faço e provavelmente **à medida que vou fazendo vou também revelando** às pessoas aquilo que **vou conhecendo** (M10TDM, 2020)
- (21) A indústria ela tem que **ir se modernizando...**e existe uma competição uma com a outra (B15UNESP, 2020)
- (22) À medida que **vou ou estou a envelhecer...** provavelmente tenho que ir à procura de minhas raízes. (M10TDM, 2020)

Em algumas dessas construções, indicando progressão, notamos o uso do gerúndio antecedido por pronome, como nos exemplos (17) e (21). Todas são locuções formadas por um auxiliar e um verbo no gerúndio para fins aspectuais.

Observamos que, embora haja uma tendência, nas variedades brasileira, portuguesa e macaense, a se utilizar o gerúndio nas construções perifrásticas durativas encabeçadas pelos auxiliares *ir* e *vir*, no exemplo (22) isso não ocorre, o que pode ser explicado pelo fato de que o auxiliar mais próximo – e portanto, mais integrado – ao V2 é o *estar*, assim, é ele quem define qual forma nominal o verbo *envelhecer* irá assumir. Como exemplificado em relação às construções perifrásticas do tipo 1, nas variedades portuguesa e macaense o uso do gerúndio pós auxiliar *estar* é de pouca frequência (item marcado), o que explica a estrutura da construção (22), em que atua o subprincípio icônico da integração. Além disso, entendemos que a opção pelo auxiliar *estar* se deve a sua ancoragem no presente, o que implica que a troca é motivada.

Identificamos, também, no *corpus*, dois usos de construções na voz passiva, formadas por auxiliar *ir/vir* + gerúndio + verbo no participípio, os quais indicam prolongamento da ação: ocorreu em um tempo passado e se estende ao presente ou ao momento indicado do passado.

- (23) A gente tem que ter um pouco mais de compreensão em relação à reorganização da malha aérea, porque isso **vem sendo modificado** (B11UNESP)
- (24) Às vezes tínhamos que remendar tudo outra vez e **fui me vendo obrigado** a ter que fazer consultoria e aconselhamento... (P3TDM, 2020)



Em todos os usos identificados, observamos que os auxiliares *ir* e *vir*, gramaticalizados, não mais indicam deslocamento físico do sujeito, mas o movimento de realização daquela ação. Além disso, não é somente o gerúndio (normalmente associado à ideia de duração/progressão) que traz o valor semântico de tempo para as construções, mas o próprio auxiliar, que demonstra o impulso ou movimento para realização da ação.

Variedade	Ocorrências	Alternativas ao gerúndio
PP	17	3
PB	20	0
PM	3	0
Total	40	3

Tabela 3: Construções gerúndiais 2 (*ir/vir* + gerúndio)

Foram identificadas apenas 3 alternativas ao gerúndio ao gerúndio nesse tipo de construção, ambas na fala do mesmo participante, P7TSF (2020). O participante utilizou tal construção no momento em que foi perguntado pelo entrevistador se acreditava que um candidato mencionado anteriormente poderia se tornar líder do partido mesmo com seu afastamento da política.

(25) eu acho que...claramente o próprio doutor \* já ahm tornou claro que essa será uma consequência normal... mas acredito que ele tem todas as possibilidades de **vir a ganhar** essas eletivas...mas estamos muito cedo pra isso...Acho ele alguém com muitas qualidades...que tem ainda muito a oferecer ao país...e que o pode fazer de forma muito diferente...acho que não faz sentido...já o disse isso várias vezes.... neste momento...a ponderar um regresso do \* <sup>22</sup>ao PSD. Acho que o \* tem que demonstrar ser capaz de sobreviver a um líder político... específico e ele próprio reconhece isso...penso. é... mas há muitas outras formas de ele ter uma participação política...e de ele poder **vir a ser útil** não apenas ao PSD mas até de forma mais importante...ao país. (P7TSF, 2020)

Notamos que a construção aspectual *vir a ganhar* parece expressar o que Garcia (2004, p. 90) chama de *resultado ou termo de uma ação*, podendo ser substituída pelos auxiliares aspectuais *acabar por*, *chegar a*, ou *chegar ao ponto de*, em que “quase sempre se infiltra a ideia de consequência (aliás, resultado é consequência) de algo expresso ou apenas mentado” (idem, ibidem). No trecho “ele pode *vir a ser útil*”, na fala destacada acima, do participante

<sup>22</sup> O participante cita nomes de figuras públicas, que foram omitidas.

P7TSP, observamos que a construção “vir a ser” pode ser substituída por “tornar-se”, demonstrando mudança no atributo do sujeito. Assim, as construções utilizadas pelo participante parecem expressar uma mudança inesperada, que resultaria como consequência de outra, o que não se assemelha ao sentido expresso pelas construções formadas pelos auxiliares *ir* ou *vir* seguidos de gerúndio, em que se destaca o aspecto gradativo de realização da ação. Podemos entender que, nesses casos, prefere-se a construção formada por [*vir* + preposição *a* + verbo no infinitivo] no PP, enquanto que, quando o falante expressa a noção semântica de progressão (desenvolvimento gradual), utiliza-se do gerúndio, como vimos em alguns exemplos de 17-24.

Destacamos também que, a esse tipo de construção, aplica-se o princípio da iconicidade linguística, visto que há um alongamento do tamanho da construção, sintaticamente, para expressar a distância cognitiva, ou seja, a ideia de que o fato descrito na sentença pode ou não ocorrer em um futuro, que está temporalmente distante.

### **Construção gerundial 3: [Verbo modal ou auxiliar] + Verbo auxiliar *continuar* + gerúndio.**

O verbo *continuar*, nessa construção de aspecto durativo, representaria um sinônimo de “ainda realiza x ação”; logo, é um verbo que em posição de V1 assume a função aspectual continuativa de algo que já ocorre no presente, como uma projeção de futuro expressa pelo verbo *continuar*, enquanto que o gerúndio marca a duração do presente. Em alguns usos, encontramos verbos modais antecedendo o *continuar*, acrescentando mais um sentido à construção, como no caso de (25) e (27), em que os modais *dever* e *ter* expressam necessidade, obrigação ou compromisso com a realização de determinada ação:

(25) ele **deve continuar tendo** todo o serviço prestado como se estivesse né adimplindo corretamente as os pagamentos (B13UNESP, 2020);

(26) eu **espero que eles continuem comparecendo** no estádio (B14UNESP, 2020);

(27) eles **vão ter que continuar estudando** pelo resto da vida né rapaz (B15UNESP, 2020)

Em (25), a construção é iniciada pelo auxiliar *deve* – que indica obrigação, compromisso ou necessidade, e exige que o próximo verbo esteja no infinitivo – verbo *continuar* no infinitivo e gerúndio do verbo *ter*, o que indica duratividade da ação. Em (27), por sua vez, temos uma construção formada por 4 verbos: [*ir* + *ter*], substituível por “terão” + prep. *que*, substituível por *de*, + infinitivo + gerúndio. Novamente, indica-se noção de obrigatoriedade, compromisso ou necessidade. Em ambos os casos, bem como em (26), o gerúndio encontra-se após o verbo

*continuar*, indicando continuidade da ação, por isso optamos por agrupá-los no mesmo padrão funcional. Nos três casos, o gerúndio concede à construção aspecto durativo. Em (26), a oração principal “espero que” também funciona como modalizadora, e expressa desejo ou vontade, noções que estão na base do imperativo.

Identificamos construção semelhante a (27), na qual o verbo *ter* antecede a preposição *que*, em:

(28) estamos a...**temos que continuar a trabalhar** com a indústria... também com alguns distritos de Macau (M12TDM, 2019)

Destacamos, também, que a expressão [temos que] assume função modal de obrigação, resultante de um processo de gramaticalização, com sentido semelhante à [devemos].

Outras alternativas ao gerúndio apareceram nas seguintes construções:

(29) os macaenses sempre têm preservado a sua cultura maravilhosa... especialmente a língua patuá ( )...De macaenses e outras coisas e eu tenho certeza que isso num vai ser isso num vai... desaparecer, não é? Então...ahn:... de qualquer forma eu acho que eles vão preservar e **continuar ahmm a transmitir** sua cultura às novas gerações (M8TDM, 2020);

(30) E por causa disso eu acho que daqui pra frente **vamos continuar a trabalhar** com os nossos parceiros tradicionais e vamos procurar novos parceiros ahm em que...tem interesses em trabalhar com o governo (M12TDM, 2019);

(31) Presumo que...**deva continuar a ser** assim... porque as coisas na áustria são muito para durar e para continuar a ser como eram (P5TSF, 2019).

(32) Também **queremos continuar a trabalhar** com Europa, e...com com a Austrália, que constantemente temos...estamos a ter visitantes de lá (M12TDM, 2019).

Nota-se que a construção (31), proferida por falante português, assemelha-se à construção (25), produzida por um falante brasileiro, ao se constituírem pelo modal *dever* em posição de v1, seguido de verbo *continuar* no infinitivo; com exceção do fato de que, na fala do entrevistado português, opta-se pelo infinitivo regido de preposição *a* em posição de v3, e, na fala do entrevistado brasileiro, opta-se pelo gerúndio. Em (32), por sua vez, observamos que o modal *querer* modifica o aspecto expresso na construção, expressando volição, ou seja, desejo, vontade ou intenção em praticar determinada ação (GARCIA, 2004, p. 90), entretanto, a estrutura após o auxiliar *continuar* se mantém: preposição *a* seguida de verbo no infinitivo, o que nos permite entender que há uma tendência em utilizá-la nas variedades macaense e portuguesa, o que não ocorre na brasileira, em que se prefere o gerúndio. Observamos, assim, que algumas crenças (apresentadas em capítulo 3), sobre o gerúndio nas variedades brasileira e portuguesa de fato se refletem no corpus, porém isso não ocorre em todos os casos.

Variedade	Ocorrências	Alternativas ao gerúndio
PP	0	4
PB	4	0
PM	0	8
Total	4	12

Tabela 4: Construções gerundiais 3 (*continuar* + gerúndio)

#### **Construção gerundial 4: (Verbo em forma finita ou infinita) + Verbo auxiliar *ficar* + (Advérbios) + Verbo principal no gerúndio.**

A construção inclui aspecto iterativo, visto que [ficar xANDO] implica repetição da ação, bem como permanência, durante um período de tempo, na realização da ação verbal.

Identificamos dois desses usos em fala da entrevistada 17, brasileira (B17UNESP, 2020):

(33) Não necessariamente que a gente **vá ficar aí fazendo** apologia a aborto...alguma coisa nesse sentido; (B17UNESP, 2020)

(34) E pra quem é família... pra quem é colega...pra quem é rede de apoio...aí... é: fica de olho...né... e **evitar ficar falando** que ela tá fazendo errado...ou não. (B17UNESP, 2020)

Entendemos que em (33) a locução integrada [vá ficar] indica um futuro que é suposto (*irrealis*), e, devido à presença do gerúndio, implica realização durativa da ação. Em (34), por sua vez, temos uma oração encaixada<sup>23</sup>, em que a perífrase corresponde a [evitar falar], sendo esses dois verbos os principais, e o gerúndio indicando também realização durativa da ação. No que se refere ao aspecto que cada auxiliar soma à construção, observamos que ambos indicam um futuro que é suposto, em que *evitar* carrega noções subjacentes ao modo imperativo (com polaridade negativa), servindo como um alerta, aviso ou recomendação, enquanto, hierarquicamente, *ficar falando* ocupa posição mais baixa, devido aos modalizadores “não necessariamente”.

Encontramos uma substituição ao gerúndio nesse tipo de construção, na fala de participante macaense, como exemplificado abaixo:

(35) São essas questões que eu tento passar nos romances que escrevo...no primeiro que escrevi sobre os espíritos...é... os espíritos não é também o o mundo dos mortos, mas são os espíritos

<sup>23</sup> Chamada pela gramática tradicional como Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta.

que **ficam a navegar** é na terra... que é no fim de contas aquilo que Sebastião queria ser (M10TDM, 2020)

Variedade	Ocorrências	Alternativas ao gerúndio
PP	0	0
PB	3	0
PM	0	1
Total	3	1

Tabela 5: Construções gerundiais 4 (*ficar* + gerúndio)

As construções gerundiais do grupo 5, portanto, indicam permanência na realização de determinada ação, que, por sua vez, é durativa; noções semânticas geradas pelo uso do gerúndio bem como do auxiliar *ficar*.

#### **Construção gerundial 5: Verbo auxiliar *viver* + Verbo principal no gerúndio.**

Essa construção, de aspecto cursivo, indica frequência habitual da ação do verbo, e representa fase de processamento medial (CASTILHO, 2010, p. 419). Nos exemplos, observamos iteração, que, de acordo com Castilho (idem, p. 430), não constitui outro aspecto, pois quantifica o imperfectivo e o perfectivo. Vejamos as ocorrências que representam esse uso, que pode ser exemplificado como segue:

(36) Verificamos que também existe muito essa tendência, isto é, a tendência de que a população chinesa **vive circulando** a população indonésia ou a filipina, **vive circulando** e não interagem entre si. (M10TDM, 2020)

Variedade	Ocorrências	Alternativas ao gerúndio
PP	0	0
PB	0	0
PM	2	0
Total	2	0

Tabela 6: Construções gerundiais 5 (*viver* + gerúndio)

Entendemos que o auxiliar *viver* agrega à construção o aspecto cursivo, enquanto o gerúndio contribui para a ideia de duração. Não foi encontrada alternativa que substituísse a construção. Apesar disso, não podemos concluir que o gerúndio seja a única possibilidade para o sentido expreso, devido à baixa frequência desses usos no *corpus*.

### Construção gerundial 6: Verbo auxiliar *acabar* + Verbo principal no gerúndio

Essa construção, de aspecto resultativo, organiza o enunciado como uma ação sendo resultante (consequência) de outra. Identificamos, no estudo realizado, somente 1 uso:

(37) mas a grande maioria que vem de família...às vezes humilde... que não teria possibilidade de entrar numa faculdade...é...**acaba tendo** então um emprego que se mantém e mantém...e dá pra pagar a faculdade e resolver sua vida (B15UNESP, 2020).

Observamos que o verbo *acabar*, inserido na construção locucional [acaba tendo] contribui com a ideia de consequência, resultado de uma ação, como apresenta Garcia (2004, p. 89):

Pode-se expressar o resultado de uma ação ou o seu termo, usando-se geralmente como auxiliares aspectuais acabar por, chegar a, chegar ao ponto de, vir a seguidos de infinitivo (ou, no caso de acabar, também gerúndio): "No ardor da discussão, acabaram por (chegaram a, chegaram ao ponto de) se agredir (ou acabaram se agredindo). Mas eu só vim a saber disso ontem." Nessas perífrases aspectuais, quase sempre se infiltra a ideia de consequência (aliás, resultado é consequência) de algo expreso ou apenas mentado.

No que tange às variedades portuguesa e macaense, deparamo-nos com uma alternativa ao uso do gerúndio:

(38) que nós **acabamos por encontrar** como resultado muito interessante é de facto quando há uma posição abusiva mais 4 5 horas sistemáticas seguidas num fim por exemplo é isso pode estar associado a fatos negativos (P3TDM, 2020)

Em (38), encontramos construção perifrástica formada por verbo *acabar* seguido de preposição *por* e infinitivo do verbo principal, com sentido semelhante a (37), o que nos leva a crer que é uma alternativa ao uso do gerúndio.

Variedade	Ocorrências	Alternativas ao gerúndio
PP	0	3
PB	1	0

PM	0	0
Total	1	3

Tabela 7: Construções gerundiais 6 (*acabar*+ gerúndio)

### Construção gerundial 7: Auxiliar “Ter” + “Vir” no gerúndio + Prep. A + Verbo no infinitivo.

No *corpus*, identificamos outra construção perifrástica na qual o gerúndio ocupa posição de V2, após o auxiliar *ter*. Essa construção, de caráter perifrástico durativo e projetivo, consiste em uma unidade semântica formada por Auxiliar *Ter* + *Vir* no gerúndio + Prep. *A* + Verbo no infinitivo, em que o sentido durativo da construção é estabelecido pelo gerúndio, que torna a ação verbal contínua e ininterrupta, enquanto o pretérito perfeito composto, por sua vez, indica que a ação, iniciada no passado, se prolonga até o presente. Além disso, há mudança na condição do sujeito. A preposição *a* seguida de infinitivo pode indicar uma projeção, ou seja, ação que decorrerá em futuro próximo, bem como pode também indicar caráter durativo (como o gerúndio, que, já usado em posição de v2, não é repetido pelo falante).

Deparamo-nos, na coleta de dados, com duas ocorrências desse tipo de construção:

(39) Eu sei que os professores **tem vindo a ser obrigados ou convidados** a fazer muita formação (P3TDM, 2020)

(40) Eu penso ahmm de forma ahm regular é ... naquilo que gostaria de concretizar e **têm-se vindo a alterar** ao longo do tempo...primeiro que quando eu aceitei esta função... não estava à espera que viesse uma covid 19... com tudo aquilo que implicou de ahm de impacto que pra atividade do próprio \*\*\* quer para as comunidades (P4TSF, 2020).

Em (40), observa-se a presença de pronome ligado ao auxiliar, o que não ocorre na primeira construção. Entendemos que a construção pode ser parafraseada por “vem alterando-se”, assim como a (39) por “vem sendo obrigados ou convidados”, o que demonstra aspecto durativo e resultativo da ação. Observa-se que a complexidade estrutural (mobilização de mais material linguístico para codificação) culmina na complexidade cognitiva: identificamos caráter durativo e projetivo na construção, bem como mudança na condição do sujeito.

É importante destacar que esse tipo de construção ocorre apenas com o verbo *vir* no gerúndio, o que também ocorre na construção gerundial 8, apresentada no próximo item. Não encontramos outras possibilidades de verbos nesse tipo de construção, o que nos permite

entender que a construção consiste em uma unidade semântica, na qual a proximidade cognitiva dos termos pode ter culminado em sua proximidade sintática (processo de gramaticalização).

Identificamos, na fala de entrevistadores portugueses, outros 5 usos da construção, com mesma forma e sentido, o que nos permite entender que é comum no PP. Na variedade portuguesa, a construção seria, portanto, não marcada, visto que não é exceção, mas uso comum na sintaxe da língua.

Não foi encontrado uso desse tipo no *corpus* do PB analisado, o que pode ser explicado pelo fato de que, em sentenças com *ter* seguido de particípio, o auxiliar exibe o mais alto grau de gramaticalização (CASTILHO, 2010, p. 423), e afirma, ainda, que “sendo muito raras no corpus do Projeto NURC, parece que essa forma está em processo de desaparecimento, pelo menos na modalidade falada” (idem, *ibidem*).

Variedade	Ocorrências
PP	2
PB	0
PM	0
Total	2

Tabela 8: Construções gerundiais 7 (*ter*+ gerúndio + prep. *a* + inf.)

### **Construção gerundial 8: Construção perifrástica formada por verbo *ter* + gerúndio do verbo *vir*, indicando passagem de tempo.**

No caso do verbo *ter* no passado, a construção perfectiva “*tinha vindo*”, de tempo verbal composto, pode ser parafraseada por “*havia vindo*”, sendo uma construção de tempo composta, como observamos em:

(41) fui uma segunda vez... e só nessa segunda vez é que conheci a minha mulher... minha mulher **tava** também **vin- tinha vindo** do sul da África para Viena para fazer um trabalho (P5TSF, 2019)

Nessa construção, parece-nos que o gerúndio substitui o particípio passado, o que pode gerar ambiguidade, visto que uma mesma forma [*vindo*] passou a desempenhar, no curso histórico da língua, duas funções, devido ao processo de gramaticalização. É o que descreve



Coutinho (1962) em sua *Gramática Histórica do Português*, ao tratar do verbo [venire] (latim), que se tornou o verbo [vir]: “Gerúndio: venindo por veniendo> **vēido**>vīdo>vindo. Particípio passado: venīto por ventu>**vēido**>vīdo>vindo” (COUTINHO, 1962, p. 376, grifo nosso)

Observamos similaridade na morfologia entre as duas formas destacadas, que pode ter resultado em uma analogia sintática. Isso explica, salvo engano, o processo de extensão de usos e significados.

Variedade	Ocorrências
PP	1
PM	0
PB	0
Total	1

Tabela 9: Construções gerundiais 8 (*ter*+ gerúndio)

Em relação às 9 construções perifrásticas gerundiais descritas, formadas por verbo auxiliar (*estar, ir/vir, continuar, ficar, viver, acabar e ter*) seguido de gerúndio, notamos que, embora cada auxiliar traga uma noção semântica diferente para a construção – como de permanência, movimento, repetição ou consequência – o valor expresso pelo gerúndio é o mesmo: duração/processo, que é uma representação mental da noção de *tempo*, categoria cognitiva base.

Argumentamos, assim, que a categoria de aspecto, e suas diversas possibilidades, relaciona-se à distribuição temporal de uma atividade, evento ou estado. Tais nuances semânticas, por sua vez, somente podem ser entendidas se remetidas à situação de fala, visto que “só podemos entender essas fatias de tempo tomando como ponto de referência o sujeito falante. O tempo também depende da noção de intervalo ou de duração entre um ponto e outro” (CASTILHO, 2010, p. 418).

## **Padrão funcional 2: Gerúndio como construção de Espaços Mentais**

**[Preposição] + [Pronome oblíquo] + Verbo auxiliar ou pleno no gerúndio + (Pronome oblíquo)**

Refere-se a uma construção oracional circunstancial em que o gerúndio aparece como parte de uma oração reduzida, com potencial desenvolvimento em oração com função adverbial, indicando circunstância de causa, modo, tempo, concessão, finalidade e condição. Em alguns exemplos, as construções podem ser interpretadas como ambíguas, ou seja, exibem mais de uma circunstância. Possuem mobilidade potencial no período e, sintaticamente, exercem função de adjunto adverbial em relação à oração principal.

**Construção Gerundial 1 – a base condicional<sup>24</sup>**

Analisemos as construções seguintes, todas de caráter condicional:

(42) E eu estive em dezembro ainda que num congresso sobre imunologia do fígado e houve muitos trabalhos de imunologia do fígado de ponta...é feito por médicos e jovens chineses... e portanto acho que se...**havendo parcerias** que..ahm... a faculdade tem pernas pra andar. (M10TDM, 2020);

(43) É **tendo a percepção** do que são as famílias macaenses...qual a origem exata das famílias macaenses...que nós podemos tentar construir uma teoria sobre o que é ser macaense. (P1TDM, 2020)

(44) E portanto a realidade de Macau é outra, e portanto a academia vai existir... é...um centro de formação a pós graduada...e portanto **havendo um Centro de formação pós graduada que consiga...**e essa é que é o o o grande objetivo... **estabelecer as parcerias...** porque se se nós conseguimos estabelecer parcerias...parcerias no PRÉ graduado E continuar com as parcerias no pós graduado é ótimo e portanto É função da academia estabelecer essas parcerias ...e portanto...que hoje em dia não existem...e portanto ... com a formação da academia isso passa a existir...ótimo. (M10TDM, 2020)

(45) PSD diz claramente que não tinha rasgado um contrato de estado...queria saber era se para o estado cumprir a sua parte...a outra entidade...a entidade privada também tem que cumprir a sua...e aquilo que o psd disse... é que quer garantir que esse cumprimento também exista na entidade privada... e **existindo...** desde logo..em primeiro lugar é difícil pra nós...pra qualquer um de nós...fazer um juízo claro sobre aquela decisão porque...com honestidade... nós não sabemos qual é o conteúdo do contrato...é difícil pra mim...que não sou jurista dizer quais são as consequências daquela decisão pra um contrato do qual eu desconheço o teor (P7TSF, 2020)

Observa-se, nos exemplos anteriores, uma estrutura em comum: a prótase (oração condicional, expressa com gerúndio) antecede apódose (oração que expressa a consequência decorrente da prótase). Assim, a relação condicional é alimentada por uma *hipótese* do falante:

<sup>24</sup> Deixamos em negrito as orações com gerúndio, que exercem papel condicional em relação às orações principais, sublinhadas nos exemplos. Entretanto, houve casos, como o uso (45) em que não fica clara a oração principal, visto que o falante interrompe seu fluxo de ideais.

a de que A somente ocorrerá se a condição estabelecida em P (prótase, oração com gerúndio) for preenchida. Em (42), inferimos que a faculdade (somente) terá pernas para andar se (quando) houver parcerias; em (43), pode-se tentar construir uma teoria sobre o que se é macaense se (quando) houver a percepção do que são essas famílias, em (44), se (quando) houver um centro de formação/academia, as parcerias serão estabelecidas. Nesse exemplo, a oração principal não aparece textualmente expressa, mas entendemos pelo contexto da fala do participante que, se houver um centro de pós-graduação, será possível estabelecer parcerias, o que ele afirma ser ótimo. Em (45), o falante parece interromper seu fluxo de ideias, não explicitando a consequência do preenchimento da condição destacada (houver o cumprimento da iniciativa privada). Logo, nas quatro situações, há uma hipótese projetiva que depende de uma condição para ocorrer, sendo essa condição (necessária e suficiente) representada pela oração com gerúndio; e certo grau de causalidade na apódose, com exceção do uso (45).

Nas paráfrases, utilizamos uma oração temporal introduzida por *quando* visto que entendemos que, nas orações condicionais, pode haver um componente de temporalidade, devido ao fato de que *tempo* é uma categoria mais concreta que *condição*.

Em (43), observamos estrutura focalizadora, na qual o gerúndio ocorre entre [é que], oração clivada que enfatiza a condição. Além disso, observamos que a noção de condicionalidade já havia sido expressa, só que se optou pelo uso de verbo em forma nominal (gerúndio).

Vejamos outros exemplos:

(46) Esse tipo de argumento não vinga...e o consumidor deve saber que ele tá resguardado sim pela legislação do consumerista... e que **em havendo resistência...ele pode procurar o Procon** (B13UNESP, 2020).

(47) Vale a pena pra que isso possa ser avaliado antes e verificar se tem algum fator de risco ou não...**não tendo ok...mas tendo já é possível fazer um trabalho preventivo** (B17UNESP, 2020)

(48) E isso é monitorado pelo Procon... e **se constatando uma abusividade... é passível a mutação**. (B13UNESP, 2020)

(49) Olhando pra frente... é claro que nenhuma escola, nenhum jardim de infância pode garantir em absoluto que uma situação dessas não volte a acontecer... é mas que garantias é que o jardim de infância pode dar aos pais... que... **acontecendo... o caso é acompanhado da maneira que deve ser?** (M10TDM, 2020).

Nos casos exemplificados de (46) a (49) , temos uma relação condicional mais tênue, visto que a oração com gerúndio (prótase) constitui uma possibilidade que, se vier a ocorrer, têm como resultado o fato descrito na apódose, mas não parece ser algo necessário, como nos

exemplos (42) a (45). Esse enfraquecimento da condicionalidade pode se dar por alguns elementos nas sentenças: em (46), pela presença da preposição *em*, que parece expressar a ideia de concomitância: assim que houver/quando houver resistência, a pessoa *pode* procurar o PROCON; em (47), pela presença da conjunção *mas*, em (48), pela presença de “se<sup>25</sup>” antes do gerúndio, que enfatiza a condicionalidade, e em (49), pelo fato de o falante ter afirmado anteriormente que nenhum jardim de infância pode garantir em absoluto que aquela situação não ocorra novamente. Além disso, em (47) há uma construção em paralelo, que funciona para reforçar a polaridade positiva.

Em todos os casos apresentados (42-49), observamos que a prótase (oração com gerúndio/condição) antecede a apódose (oração resultativa), o que não ocorre em somente um dos usos encontrados:

(50) Estivermos a ver o-os números em... novembro e dezembro de facto... quer dizer...esses dois meses estamos a ter... aumentos pra além dos dez por cento... e por causa disso nós estamos a ver...a se criar...quer dizer é com o ano novo chinês... é possível atingir... quer dizer...entre 9 a 10 por cento de do aumento **comparando com o ano passado** (M12TDM, 2019).

No exemplo acima, a prótase vem posposta à apódose, pois se trata de informação nova. Parte do conhecimento compartilhado está na apódose, pois o aumento já foi mencionado anteriormente pelo falante, o que justifica a inversão. Assim, a estrutura utilizada tem relação com sua função, ou seja, reflete as intenções comunicativas do falante, visto que

Qualquer língua natural precisa codificar uma grande variedade de funções, valendo-se apenas dos recursos limitados do canal acústico-articulatório. Ao definir a ordem dos constituintes, o falante, de uma certa forma, subverte tais limitações e consegue sinalizar significados, leituras, sutilezas que não se deixam apreender tão somente pelo conteúdo referencial dos itens lexicais. (NEVES, 2020, p. 128)

Observa-se também que não houve pausa, na fala do entrevistado, separando as construções “entre 9 a 10 por cento de do aumento” e “comparando com o ano passado”, ou seja, há proximidade sintática, que reflete dependência conceptual entre os eventos codificados.

Entendemos que as orações com caráter condicional dizem respeito a um fato que não ocorreu (imperfeito), portanto, são abstratas; entretanto, aquelas com gerúndio nos parecem menos abstratas, mais ancoradas no presente, pelo fato de o gerúndio carregar aspecto durativo,

---

<sup>25</sup> Entendemos que, em (48), *se* pode ser interpretado como pronome, como em *constatando-se*, ou também como conjunção condicional (não necessária, devida à presença do gerúndio), mas que reforçaria a ideia de condição.

bem como existir uma coincidência temporal entre o evento ou processo descrito e o contexto de produção da sentença.

Muitas das orações condicionais expostas têm caráter também temporal, visto que *tempo*, sendo mais concreto, é a base para enxergarmos *processos*, *atividades* e *eventos*, que, por sua vez, são mais abstratos. Um dos exemplos em que essa leitura é possível é o (50), referido anteriormente:

(50) Estivermos a ver o-os números em... novembro e dezembro de facto... quer dizer...esses dois meses estamos a ter... aumentos pra além dos dez por cento... e por causa disso nós estamos a ver...a se criar...quer dizer é com o ano novo chinês... é possível atingir... quer dizer...entre 9 a 10 por cento de do aumento **comparando com o ano passado** (M12TDM, 2019).

Sua paráfrase pode ser a seguinte: “estamos a ver... quer dizer é com o ano novo chinês... é possível atingir... quer dizer...entre 9 a 10 por cento de do aumento **quando comparamos/se comparamos com o ano passado**”.

Considerando-se o *continuum* de abstratização apresentado no capítulo 2, cada categoria mais à direita incorpora estruturalmente uma mais à esquerda:

Se as categorias mais à direita incorporam as categorias mais à esquerda, então é esperado que a elisão de categorias segundo seu estatuto informacional [+conhecida] caminhará em sentido inverso no continuum: qualidade > evento > tempo > espaço > instrumento > objeto > pessoa > partes do corpo. Em outras palavras, **o que já é conhecido e supostamente compartilhado em situação interativa é elidido da sequência sintática**. (LIMA-HERNANDES, 2021, p. 33, grifos nossos).

Considerando, ainda, que a categoria *tempo* engloba aquelas mais à esquerda, como por exemplo *espaço*, podemos, então, admitir que, nos usos condicionais do gerúndio, faz-se menção a um espaço que não é físico, mas metafórico, que serve para se estabelecerem referências, ou seja, atua como *fundo* no plano discursivo, como uma espécie de moldura que situa espaço-temporalmente se o acontecimento codificado na sentença principal poderia vir a ser verdadeiro. Para entender o uso do gerúndio como construtor de espaço metafórico, evocamos o conceito de espaços mentais (*space builders*), explicado por Ferrari (2011), que os define como “domínios conceptuais locais que permitem o fracionamento da informação, disponibilizando bases alternativas para o estabelecimento da referência”, ou seja, indicadores linguísticos como orações temporais e condicionais, sintagmas preposicionais e morfemas modo-temporais (FERRARI, 2011, p. 111).

A elisão do que já é conhecido e compartilhado (informação velha), que culmina no descarte daquilo que é concreto (portanto, mais à esquerda do *continuum* de categorias

cognitivas) em prol do mais abstrato, por sua vez, pode ser observado em outros usos de orações circunstanciais com gerúndio, as quais, entretanto, não pudemos classificar gramaticalmente em termos de circunstância expressa. Embora nos pareçam, à primeira vista, adverbiais, por ocuparem na cadeia sintática posição topicalizada, como é comum às orações adverbiais, esse deslocamento e independência parecem mais usos estratégicos do falante, os quais refletem como a sintaxe se serve da pragmática para construir intenções, o que nos leva ao segundo tipo de construção gerundial.

### **Construção Gerundial 2 – atos de fala cooperativos: uma abstratização do gesto de apontar**

(51) Temos que passar, temos que abrir um novo capítulo do do é do da história, do do jardim de infância e... **ponderando isso**... os prós e os contras... achamos por bem que vamos por isto é...por um tempo. Esta é a questão... (M10TDM, 2020)

(52) **Falando dessas questões** de novas tecnologias que já não são tão novas assim ... é é... mas **falando destas questões** comé que vê por exemplo a questão do controle parental em relação aos conteúdos que os que as crianças e os adolescentes podem exceder...acha que é importante? (P3TDM, 2020)

(53) **Olhando pra frente**... é claro que nenhuma escola, nenhum jardim de infância pode garantir em absoluto que uma situação dessas não volte a acontecer... é mas que garantias é que o jardim de infância pode dar aos pais... que... acontecendo... o caso é acompanhado da maneira que deve ser? (M10TDM, 2020).

(54) É um...é um país onde é difícil porque é muito longe... mas: lá está.. e aqui...**recorrendo àquela questão anterior das crianças**... sim se fosse sozinho... eu e minha mulher... seria mais fácil... principalmente pois também depende da idade das crianças...não é? (P5TSF, 2019)

(55) E **só lembrando** aqui que eu deixei de mencionar...quem me procurou no final do ano passado e nós atendemos... foi a equipe de baseball (B16UNESP, 2020).

(56) Primeiro ponto... e **partindo desse pressuposto** que é a própria análise que o governo tinha feito sobre iss..., e não vê grande problema em condicionar a existência da verba do futuro há uma averiguação do cumprimento por parte do novo banco das circunstâncias do contrato. (...)acho que dev...é necessário discutirmos por que razão é que o contrário não é público e qual é a justificação pra assim não ser? (P7TSF, 2020)

(57) Por isso é aquilo ...**admitindo e não fazendo um juízo** moralmente negativo sobre aqueles que defendem o contrário...sou claramente contra coligações desse tipo (...) (P7TSF, 2020)

(58) **Economicamente falando**... é...embora os componentes macros possam ser muito positivos...quando chegamos nos componentes micros ... é...esses componentes positivos desaparecem... Né? Tanto é que nós temos um aumento da desigualdade e aumento da pobreza...né...em termos de ajuste macro...se ele conseguir privatizar...se ele conseguir de alguma forma implantar as ideias que o \* tá falando... é ...**economicamente falando** em termos macros vai ser sim um ano tranquilo (B18UNESP, 2020)

Inicialmente, tendemos a classificar tais orações como temporais, visto que todas ocupam pontos considerados salientes da oração, tal como afirma Neves (2020, p. 128):

Aquelas que aparecem antes da oração nuclear criam o pano de fundo, isto é, a oração temporal para os eventos que serão referidos nas seguintes; as que aparecem pospostas delimitam, restringem a asserção codificada pela oração nuclear (...). A análise também revelou que a essa função podem superpor-se outras, tais como **a sinalização de uma mudança na orientação do discurso que se vinha desenvolvendo (a indicação do início de um novo episódio, um novo argumento, uma nova sequência)**. Esses segmentos estariam, então, funcionando como marcadores linguísticos formais de começo de parágrafo (NEVES, 2020, p. 128, grifos nossos)

Nos exemplos citados, observamos que, mais do que codificar tempo (a partir da orientação temporal do ouvinte em relação aos eventos apresentados), as orações destacadas do *corpus* consistem em atos de fala com um objetivo discursivo: o falante utiliza o gerúndio para apontar, linguisticamente, para o objeto referenciado, focalizando-o, ou seja, criando o *fundo* daquela interação com o intuito de situar o ouvinte em termos de *tempo*, *espaço* e *atividade*, demonstrando o que fará em seguida. Assim, cria-se um Espaço de Atenção Conjunta<sup>26</sup>, em que se considera a interação entre sujeitos como “ponto de partida para a observação dos processos que envolvem a cognição” (COSTA FILHO, 2017, p. 188), dentro do qual, ao mesmo tempo em que o gerúndio destaca o elemento-foco da interação, o falante, ao enunciar o que ocorrerá, também realiza uma ação, expressa pelo verbo no gerúndio: *olhando*, *falando*, *recorrendo*, *lembrando*, com uso de verbos de percepção (como *olhar*), bem como de elocução (*falar*), e atividade mental. Assim, o gerúndio é utilizado com a função discursivo-pragmática de orientar o discurso, de forma a contribuir cooperativamente com o interlocutor, e também falar sobre o próprio discurso, ou seja, com função metadiscursiva. O uso do gerúndio emerge como uma moldura que cria um espaço mental conjunto de entendimento entre os participantes da interação, espaço esse que engloba dentro de si diversas outras categorias, como de *tempo* (concomitante à fala), *corpo/sujeito* (eu) e *espaço* (aqui/agora).

Em todas as sentenças acima demonstradas, o gerúndio é utilizado em posição de *tópico* (após uma pausa e em início de sentença), embora seja *fundo*, visto que em alguns casos se trata de uma informação já dada, e reflete motivações cognitivas: tentativa do falante de agir colaborativamente, acrescentando informação relevante que situa o ouvinte em termos de desenvolvimento do discurso. Além disso, muito embora o gerúndio nesses casos constitua uma

---

<sup>26</sup> Pode ser definida como a habilidade de voltar a atenção para um mesmo objeto-foco (de interesse mútuo) e mantê-la (TOMASELLO, 2003)

estratégia de organização do discurso, para guiar o ouvinte em termos de intenção-ação do falante, o falante não precisa mencionar que é ele quem realizará aquela ação: isso já é conhecido, rotinizado; portanto, sendo o sujeito uma informação velha e esperada, não é necessária sua explicitação via sintaxe: o próprio verbo já o engloba. O processo, constituindo uma categoria mais abstrata cognitivamente que *pessoa*, já incorpora as categorias mais concretas, como, por exemplo, o *sujeito*:

Quando se elide uma informação muito recorrente do sequenciamento sintático é porque ela já teve um percurso histórico de uso tão frequente e rotinizado que já integra a lista das experiências a serem pressupostas e inferidas nos contextos de uso. Apaga-se da sintaxe porque já está suficientemente gravada na memória do indivíduo, já é possível incluí-la como informação típica do repertório pragmático do interlocutor também (LIMA-HERNANDES, 2021, p. 35)

Levantamos a possibilidade de, quando o sujeito for desconhecido, ou seja, se o falante precisar mencioná-lo, não ser comum o uso do gerúndio, mas sim uma oração adverbial desenvolvida, como identificamos nas falas de um participante brasileiro (B18UNESP, 2020):

(59) Em primeiro lugar, **quando a gente olha o mapa do do Oriente Médio...** é muito preocupante...por conta do petróleo...ver que todo ele sai por um canal chamado golfo pérsico....

(60) Então nesse mapa todo né \* é...nós não sabemos qual vai ser o desdobramento...mas de cara nós já temos aí um anúncio do Irã de que vai retomar o processo de armamento nuclear...o que é muito perigoso...não é.... Porque **se nós temos emissões internas no Irã**, e nós temos a-a subida de um grupo muito radical, isso pode criar um sistema instável é...muito significativo para o desenvolvimento deste ano.

A organização da sentença, portanto, se deve ao cálculo realizado pelo interlocutor daquilo que já é conhecido. Logo, objetivando economia de energia, bem como economia em termos de peso da construção, omite-se o que é esperado. Além disso, uma oração com gerúndio parece ferramenta sintática útil para quando informações mais concretas precisam podem ser omitidas, uma vez que já são conhecidas pelo ouvinte.

Nesta seção, verificaremos a organização de dados nem sempre centrais em sua categorização, o que é totalmente esperado para as orações gerundiais. A explicação para isso é que a categoria de tempo está na base de todos os sentidos mais complexos em circunstâncias. Assim, nem sempre conseguimos determinar somente um sentido para as orações combinadas.

### **Construção Gerundial 3 – a base causal**



Passemos agora para a análise de orações circunstanciais que exprimem centralmente **causa**, que – como já explicitamos – deriva de uma organização temporal que, muitas vezes, tem sua leitura induzida pelos reflexos de um contexto maior sinalizado. Vamos explicar mais claramente a partir de alguns exemplos. Examinemos mais detidamente os exemplos 61,65 e 66.

(61) Eu trabalhei muitas horas e num me queixo nada...**porque não seria capaz de ficar em casa parada tendo a profissão que tenho** (P4TSF, 2020)

(62) O objetivo é continuar como um Espírito maldito é...no mundo dos vivos para se vingar da pessoa que lhe fez mal...e ao mesmo tempo pedir a deus **só que... sendo ele de descendência chinesa... não vai parar ao deus católico**, mas vai parar ao mundo dos mortos chineses, e ele não percebe. (M10TDM, 2020)

(63) Posso lhe explicar que uma das coisas que tem acontecido comigo na minha...na minha vida **é que sendo nascido em Moçambique... tendo uma cultura chinesa e também ocidental...as tradições chinesas foram passadas pelos meus pais... é...a medida que vou ou estou a envelhecer...provavelmente tenho que ir a procura de minhas raízes;** (M10TDM, 2020)

(64) Será que eu... como \*\*\*...o personagem desse romance...vai parar ao mundo dos mortos chinês... e ele tem que prestar contas ao mundo dos deuses chineses... portanto essa é uma interrogação que eu faço... e também **PORQUE...convivendo com as pessoas em Macau... verifico que essas tradições existem e há muitas pessoas que acreditam que realmente há vida para além da morte.** (M8TDM)

(65) Na posição em que tenho...**não tendo posição ainda por cima nos órgãos do partido... estou à vontade pra manifestar aquilo em que concordo** (P7TSF, 2020)

(66) eu até acho... que há instâncias próprias ...eu sou alguém que tem uma posição em termos públicos ahm... e que até... faz comentário regularmente neste momento também na na televisão...e portanto é natural que assuma uma posição pública sobre... sobre esse tema...e entendi isso... \*...ainda por cima através... subscrevendo essa carta... que não era especificamente sobre a coligação dos Açores mas que naturalmente eu sabia também iria ter essa leitura...e não tive **pois** nem é é: **nem me condicionei no sentido... nem exprimi minha posição contra os açores... reconhecendo a legitimidade dentro da autonomia regional do \*** ...compreendendo por que é que terão feito mas discordando de-dessa posição. (P7TSF, 2020)

Consideramos que todas as ocorrências podem ser substituídas por “já que/porque/uma vez que + verbo principal), por exemplo, a ocorrência (61) poderia ser parafraseada por “Eu trabalhei muitas horas e num me queixo nada, porque **não seria capaz de ficar em casa parada já que/porque/uma vez que tenho a profissão que tenho**”, mantendo sentido semelhante, bem como no caso dos outros exemplos. No entanto, cabe-nos alertar para uma estrutura subjacente a esses usos. Os três refletem uma posição argumentativa subjetiva construída para a adesão a uma posição que denuncia uma condição inabalável do “eu”: “tenho a profissão que tenho” (exemplo 61) e “reconheço a legitimidade dentro da autonomia regional” (exemplo 66).

Ambas refletem mais do que um argumento, a condição do ser. Essas duas construções têm como oração principal uma oração com veios causais na relação com a anterior: “porque não seria capaz...” (exemplo 61) e “pois nem exprimi minha opinião” (exemplo 66). Ambas, além disso, são erigidas com base numa polaridade negativa que permite negar uma condição inequívoca (polaridade negativa) à sua condição peculiar de sem quem é (polaridade positiva).

Chama a atenção também a combinação de orações presentes num revestimento temporal simultâneo, qual seja, aquela expressa no exemplo 65: {justificativa [polaridade negativa, irrealis]} + [polaridade positiva, realis]. Ademais, a oração subordinada adverbial temporal apresenta-se anteposta, sinalizando uma possível primazia dessa informação em relação à informação com que se combina.

Embora não seja o foco deste estudo, verificamos que esses três exemplos permitem hipotetizar que há níveis de justificativas dentro do espectro de causalidade. Assim, podemos questionar até que ponto as conjunções causais atuam num mesmo nível de especificidade nas camadas argumentativas. Talvez esse mesmo raciocínio proceda com relação ao contexto mais geral contrastivo, que sugere, no exemplo (62), ser “só que” não uma adversativa comum, mas uma materialização de um argumento irrefutável pela condição do ser: “ele é de descendência chinesa”. Similar raciocínio é verificado no exemplo (63), devido à presença de uma condição do ser antecedida pelo focalizador “é que” que joga luzes sobre o argumento irrefutável: “nasceu em Moçambique” e “tem cultura híbrida”. Estaríamos diante de um tipo novo de oração reduzida de gerúndio, com função altamente argumentativa, especialmente porque traz em seu teor o argumento irrefutável.

A oração (64), por sua vez, parece ter sido gerada em um contexto de causalidade devido à anteposição de um PORQUE; entretanto, após realizar as paráfrases entendemos que pode também ser interpretada como temporal, pois pode ser substituída por: “Será que eu... como \*\*\*...o personagem desse romance...vai parar ao mundo dos mortos chinês... e ele tem que prestar contas ao mundo dos deuses chineses... portanto essa é uma interrogação que eu faço... e também PORQUE...enquanto convivo/ao mesmo tempo em que convivo com as pessoas em Macau... verifico que essas tradições existem e há muitas pessoas que acreditam que realmente há vida para além da morte”.

Destacamos que em todas as orações causais exemplificadas há também um componente de *condicionalidade* bem como *temporalidade*, visto que, em todas as construções,

há um evento-causa e um evento-consequência ou evento-efeito, que implicam uma sequência temporal “à qual se soma a ideia de que o segundo evento é previsível a partir do primeiro (ou porque tem nele a sua razão, ou porque há entre eles uma sucessão regular)” (NEVES, 2020, p. 131). Esse componente de temporalidade nos parece mais visível em (66), em que há uma concomitância de acontecimentos: “nem me condicionei no sentido... nem **exprimi** minha posição contra os Açores... **reconhecendo** a legitimidade dentro da autonomia regional do \* ...compreendendo por que é que terão feito, mas discordando de-dessa posição. (P7TSF, 2020): a distância temporal entre a expressão de sua posição e o reconhecimento da legitimidade dos Açores parece inexistente ou quase inexistente. Novamente, a oração com gerúndio emerge como fundo, que emoldura a oração/evento/ação principal.

Observamos, que em 4 dos 6 casos em que ocorreram orações adverbiais causais, a oração com gerúndio (causa) antecede a consequência, com exceção dos usos (61) e (66). Em (61), “Eu trabalhei muitas horas e num me queixo nada...porque não seria capaz de ficar em casa parada tendo a profissão que tenho (P5TSF)”, o primeiro evento tem sua razão no segundo, inversamente ao que ocorre nos outros exemplos, provavelmente porque a oração com gerúndio se encontra mais integrada com uma oração explicativa. No exemplo (66), a oração que antecede a causal com gerúndio funciona como aposto (uma explicação) da oração anterior, portanto, há uma maior integração: o falante expande sua explicação do fato de não ter tido aquela leitura, ao dizer “naturalmente eu também iria ter essa leitura...e não tive pois nem é é: nem me condicionei no sentido...nem exprimi minha posição contra os açores... **reconhecendo a legitimidade dentro da autonomia regional do \***”, em que o verbo com gerúndio apresenta a causa/razão de ele não ter se posicionado daquela forma.

Retomemos a fala do mesmo participante, com vistas a analisar outros usos do gerúndio: (66) eu até acho... que há instâncias próprias ...eu sou alguém que tem uma posição em termos públicos ahm... e que até... faz comentário regularmente neste momento também na na televisão...e portanto é natural que assuma uma posição pública sobre... sobre esse tema...e entendi isso... \*...**ainda por cima através... subscrevendo também essa essa carta...** que não era especificamente sobre a coligação dos Açores mas que naturalmente eu sabia também iria ter essa leitura...e não tive pois nem é é: nem me condicionei no sentido.... **nem exprimi minha posição contra os Açores... **reconhecendo a legitimidade dentro da autonomia regional do \***** **...compreendendo por que é que o terão feito mas discordando de-dessa posição.**

No trecho “Nem me condicionei no sentido.... nem exprimi minha posição\_contra os açores... reconhecendo a legitimidade dentro da autonomia regional do \* **...compreendendo por que é que terão feito mas discordando de-dessa posição**”, Inferimos que a posição do falante não está condicionada nem expressa contra os Açores, e o gerúndio nos verbos

*compreender* e *discordar* nos parece indicar fatos que ocorrem simultaneamente à ação de reconhecer (circunstância de tempo), assim, tem-se uma sequência de três orações circunstanciais, coordenadas entre si, que ocorrem no mesmo espaço temporal e funcionam, juntas, como um aposto (explicação do falante) em relação ao que foi dito anteriormente.

Quando o falante, entretanto, afirma “e entendi isso... \*...**ainda por cima através... subscrevendo essa carta...** que não era especificamente sobre a coligação dos Açores”, compreendemos que ele pode entender o fato de ter uma posição política sobre tudo por meio da carta, o que inferimos devido à posição antecedente de *através*, que parece expressar circunstância de meio ou instrumento utilizado para realização daquela ação.

#### **Construção Gerundial 4 – a base concessiva**

Na coleta de dados, também nos deparamos com orações circunstanciais **concessivas** com gerúndio, que no corpus não foram antecedidas por conjunção, mas pode-se subentendê-la. Encontramos, nas entrevistas, duas ocorrências:

(67) Através da minha carreira eu gostaria muito de publicar um livro específico ahm de língua portuguesa que ... **nao sendo ringuista...linguista...**desculpa...gostava mesmo... então levantei um projeto de fazer este livro...é publicar este livro...não só pra apresentar gramática mas também apresenta a sua cultura (...) e graças a deus foi publicado em março deste ano e já está na terceira edição. (M8TDM, 2020)

(68) Nós estamos a discutir sobre o cumprimento de um contrato e a pedir responsabilidade e que nos pronunciemos publicamente sobre ela... **desconhecendo nós o conteúdo desse contrato.** (P7TSF, 2020)

Em (67), embora tenhamos uma ideia de contrajunção – assim como em (69), entendemos que a partícula *mesmo* está implícita, assim, inferimos que, apesar de (mesmo não sendo) linguista, a participante gostaria de publicar um livro sobre língua portuguesa. Em (68), interpretamos que isso também ocorre: o sujeito deve se pronunciar sobre o fato *mesmo* que desconheça o conteúdo do contrato. Em ambos os casos, há uma polaridade negativa (desconhecer/ não ser).

#### **Construção Gerundial 5 – Modo e tempo**

Identificamos, também, quatro construções com gerúndio, que iniciam período e indicam circunstância que interpretamos como de modo-temporal. Destacamos aqui que algumas delas também podem ser interpretadas como, ao menos em parte, condicionais, devido ao fato de orações reduzidas permitirem uma maior abrangência nas possibilidades de paráfrase, o que gera ambiguidade, como veremos adiante.

(4)<sup>27</sup> O \*\*\* com colaboração com os nossos parceiros já conseguiu construir o maior corpus ...corpus bilíngue chinês português com cerca de 20 milhões de pares de frases. E também conseguiu construir nessa base o nosso sistema de tradução automática chinês português português chinês com a inte ...**utilizando a tecnologia mais avançada** que é a inteligência artificial. (M10TDM, 2020)

Observamos, em (4), que a construção permite depreender tanto o sentido modal (o modo usado – tecnologia da IA – para a construção do sistema de tradução automática) quanto o de tempo simultâneo.

Em alguns dos usos encontrados, houve verbo pleno em forma finita seguido de verbo pleno no gerúndio, ambos se constituindo como núcleos de predicado (NdPs) justapostos. Em tais construções, o primeiro verbo indica a ação realizada e o segundo, o modo. Há também um componente de temporalidade, visto que é surpreendida a concomitância temporal entre as ações/eventos. Encontramos quatro usos, três deles em entrevistas de falante brasileiro (B14UNESP, 2020):

(70) Eu iniciei minha carreira no noroeste... como base...passei pelo juniores... passei pelo profissional... é...**rodei** um pouquinho de combo aí **jogando...jogando futebol**;

(71) O nosso time hoje é um time que **chega** sempre... **agredindo o adversário**;

(72) Então eu **trabalho** dessa forma, sempre **orientando** o grupo... funções diferentes... agora sempre em direção do gol adversário.

(73) Nós temos visto isso na na...em França...nós temos visto isso em em em Itália...em que cada vez mais os partidos radicais...por exemplo n-na na direita se **assumem quase como liderando** todo o espaço da direita e do centro direita. (P7TSF, 2020)

Entendemos que no exemplo (73), produzido pelo participante P7TSF (2020), pode-se conceber mais de uma possibilidade de leitura para o uso do gerúndio a inferiríamos que os partidos se reconhecem/veem como líderes de todo o espaço da direita, logo, a oração teria um caráter adjetivo. Outra possibilidade de leitura seria entender o verbo *assumir* como passar a ocupar ou exercer determinada função assim, o verbo no gerúndio indicaria o modo como eles

<sup>27</sup> Exemplo já citado anteriormente, na introdução da dissertação, por isso a numeração repetida.

passam a ocupar aquela posição, tendo portanto caráter adverbial de modo; bem como poderia indicar tempo simultâneo entre os dois verbos (*assumir* e *liderar*) Além disso, a presença de *quase como* modaliza a realidade do fato descrito em seguida, tornando-o *irrealis*. Diferentemente das construções 70-72, em (73) o que prevalece é a circunstância de modo, devido à presença de [quase como]. Entendemos, entretanto, que nas quatro construções há a noção semântica de tempo>modo, em que se mesclam as duas categorias.

Na fala da entrevistada 13, de origem brasileira (B13UNESP, 2020), encontramos o seguinte período, em que um item que atua numa instância mais alta é topicalizado na segunda oração, direcionando a interpretação:

(74) Na verdade nós **trabalhamos com atendimento ao público... então solucionando** aquelas lesões. (B13UNESP, 2020)

Do ponto de vista da combinação das orações, observamos material interveniente entre os dois núcleos de predicado, e entendemos que a função do v2 (gerúndio) pode ser interpretada como de modo ou, devido à presença de *então*, como um aposto do fato anterior, visto que a conjunção agrega à construção caráter conclusivo/equativo. Chamamos, contudo, a atenção para o fato de que o conteúdo codificado na oração 2 equivale ao modo como se dá o atendimento presente na oração 1. Essa mesma lógica é verificada nos exemplos 70-73, discutidos anteriormente, notamos também concomitância entre dois eventos, ou seja, caráter temporal nas orações, o que – sabemos – é mais básico, daí a polissemia.

A seguir, apresentamos uma tabela com os usos do gerúndio em orações circunstanciais em cada variedade do português. Destacamos, entretanto, que muitos dos usos exemplificados podem ser interpretados como expressando mais de uma circunstância, considerando-se que algumas categorias englobam outras: condição, por exemplo, engloba tempo, quando partimos do grau de abstratização das categorias cognitivas.

Variedade	Ocorrências
PP	15
PM	12
PB	12
Total	39

### Tabela 10: Gerúndio como orações circunstanciais

Observa-se que, muito embora o padrão funcional 1 apresente mais usos de gerúndio, em número absoluto, do que os outros padrões, eles majoritariamente ocorrem no PB, enquanto que o padrão funcional 2 revela usos que são mais próximos, em termos numéricos, entre as três variedades do português. Dentre os 39 usos do gerúndio encontrados em orações adverbiais, 12 referem-se ao português brasileiro, 15 ao português de Portugal e 12 ao português macaense, assim, há uma proporcionalidade distributiva. O gerúndio foi mais frequente nas orações em que ocorre como estratégia discursiva (atos colaborativos), apresentando 11 usos.

### Padrão funcional 3: Substantivo + (advérbio) + verbo no gerúndio.

Num enquadramento de combinação de orações subordinadas, sucede a um substantivo uma construção gerundial que codifica oração reduzida. Tal construção potencialmente desenvolve-se em oração subordinada adjetiva restritiva. Identificamos três ocorrências desse tipo de construção em que o adjetivo tem um revestimento semântico mais amplo, daí a necessidade de uma oração adjetiva restritiva, visto que são antecedidas por nome não delineado, ou seja, com certo grau de indefinidade.

(75) Existe alguma resistência **é é catalogar é digamos assim diagnosticar uma criança... como**<sup>28</sup> **tendo é... necessidades educativas especiais** (P3TDM, 2020);

(76) Então **cê imagina um jovem aí de 14 15 anos já conhecendo** o que é uma linha de produção...automação...é uma...é um início de carreira (B15UNESP, 2020);

(77) Na época foi uma alegria pro país inteiro ter um **competidor sendo o melhor do mundo** numa profissão industrial (B15UNESP, 2020).

(78) A gente viu essa necessidade mesmo...né...da região dessa cirurgia...hoje a população envelhece...né...e realmente o AME teve que entrar aí...nos últimos 4 anos ...que a gente passou a fazer a cirurgia ...e a gente vê um **resultado aí muito positivo...né...contribuindo** muito pra saúde desse paciente (B19UNESP, 2020)

Em (75), temos uma oração com função adjetival, iniciada pelo anafórico *como*, que faz referência ao substantivo *criança* e pode ser parafraseada por “diagnosticar uma criança com necessidades educativas especiais/ que tem necessidades educativas especiais/como possuidora de necessidades especiais”, enquanto em (76), (77) e (78) o gerúndio não é introduzido por

<sup>28</sup> Embora o conector comparativo *como*, inicialmente, possa fazer com que o caráter adjetivo da oração seja questionado, entendemos que ele também pode demonstrar tentativa do falante em encontrar um termo adequado para se referir à criança.

conjunção, como deve, por regra, acontecer com as orações reduzidas, e as sentenças podem ser parafraseadas por:

(76a) Então cê imagina **um jovem aí de 14 15 anos que já conhece** o que é uma linha de produção, automação...é uma...é um início de carreira;

(77a) Na época foi uma alegria pro país inteiro ter um **competidor que é o melhor do mundo** numa profissão industrial.

Encontramos quatro alternativas ao gerúndio em orações adjetivas, sendo elas:

(79) Eu julgo que da nossa parte... claro... quem quiser... queremos ver essa possibilidade... mas não posso di... não pode ser só o turismo **a trabalhar** nesta nesta frente (M12TDM, 2019);

(80) É uma América culta...é uma América de parques... de esquilos **a descerem** pelas árvores e de gente cool... gente vestida de forma descontraída **a ler** um livro de determinado autor (P5TSE, 2019);

(81) Estamos já a trabalhar com várias entidades desde há dois anos... e ultimamente... claro que não estamos a ver, há **vários novos produtos...a entrar no no mercado...** neste momento ainda estão muito novos e estamos a trabalhar em conjunto com eles para promover estes produtos. (M12TDM, 2019)

(82) Bem...estamos já a trabalhar ahm é ahn com com muita com muitos **projetos a entrar** quer dizer também é na volta da da \* este ano. (M12TDM, 2019)

Entendemos as construções como orações adjetivas por caracterizarem o nome antecedente – no caso de (79), o turismo, no de (80), os esquilos e a “gente vestida de forma descontraída”, no de (81), os produtos, e em (82), os projetos. Todos os casos assemelham-se aos anteriores e podem ser parafraseados se utilizando o verbo no gerúndio ou pronome relativo *que* + verbo em forma finita:

(79a) Não pode ser só o turismo **trabalhando/ que trabalha** nesta nesta frente;

(80a) É uma américa culta, é uma américa de parques, de esquilos **descendo/que descem** pelas árvores e de gente cool, gente vestida de forma descontraída **lendo/ que leem** um livro de determinado autor.

(81a) Há **vários novos produtos...entrando/que entrarão no no mercado...** neste momento ainda estão muito novos e estamos a trabalhar em conjunto com eles para promover estes produtos.

(82a) Bem...estamos já a trabalhar ahm é ahn com com muita com muitos **projetos entrando/que entrarão** quer dizer também é na volta da da \* este ano

Variedade	Ocorrências	Alternativas ao gerúndio
PP	1	1



PB	2	0
PM	0	3
Total	3	4

Tabela 11: Gerúndio com função adjetiva

É interessante destacar que, nas variedades portuguesa e macaense, no que se refere às orações adjetivas, parece haver uma predominância do uso da preposição *a* seguida de verbo no infinitivo, em substituição ao gerúndio, como demonstrado nos quatro exemplos, em que o substantivo que antecede a oração adjetiva descreve ser não-humano. No único uso com gerúndio encontrado na variedade portuguesa, entretanto, isso não ocorre: o substantivo descrito faz referência a um ser humano:

(75) Existe alguma resistência é é catalogar é digamos assim diagnosticar **uma criança... como tendo é... necessidades educativas especiais** (P3TDM, 2020).

Considerando que a categoria [pessoa] é mais concreta que [objeto], podemos inferir que o uso do gerúndio é comum nas variedades portuguesa e macaense em orações adjetivas para descrever fenômenos mais concretos. Tal distinção não parece ser aplicável à variedade brasileira, entretanto.

#### **Padrão funcional 4: Gerúndio composto - Verbo auxiliar no gerúndio + Verbo principal no particípio**

Indica passagem de tempo. A construção é estruturada a partir de gerúndio na posição de V1 e particípio na posição de V2, e indica uma ação anterior à ação principal, que tem aspecto concluído/ acabado, o que se diferencia de, por exemplo, uma construção perifrástica composta por auxiliar + gerúndio, que demonstra aspecto inacabado.

(76) É que antes de publicar este livro... eu ahn: no ano dois mil oito eu realizei o meu primeiro trabalho de campo e-em Macau durante 3 semanas e entrevistei é umas 20 pessoas... e ahm e **tendo passado naquela altura... tendo passado** apenas 9 anos depois de transferência de poderes... reparei que as influ-influências chinesas estavam a aprofundar com tanta velocidade na sociedade macaense (M8TDM, 2020).

Em (76), temos uma construção perifrástica indicando tempo, sendo composta por verbo no gerúndio, em posição inicial, seguido de particípio passado do verbo principal. Destacamos que, neste caso, o verbo *ter* poderia ser substituído por *haver*, mantendo o mesmo sentido;

entretanto, não encontramos nenhuma construção semelhante até o presente momento. Observa-se que a oração com gerúndio desempenha papel de fundo do plano discursivo, situando o participante no que tange ao evento principal (“reparei que...”).

Variedade	Ocorrências
PP	0
PM	2
PB	0
Total	2

Tabela 12: Gerúndio Composto

#### **Padrão funcional 5: Operador argumentativo de conclusão - “Assim sendo”.**

Também é possível que a expressão gerundial se cristalice numa função mais discursiva, ou seja, mais abstratizada ainda. É o caso da forma *assim sendo* ou *sendo assim* (esta última sem ocorrência no *corpus*. Caracteriza-se por ser um operador argumentativo e indica conclusão de raciocínio, como em:

(77) Eu acho que ...eu também acho que que pra se criar temos que fazer o...o um melhor trabalho em termos de dividir os turistas... entre as diferentes zonas... e também introduzi-los para diferentes produtos turísticos... de Macau...e **assim sendo**...estamos a...temos que continuar a trabalhar com a indústria... também com alguns distritos de Macau. (M12TDM, 2019)

Aqui, temos o gerúndio integrando um marcador pragmático-discursivo textual, construção que pode ser parafraseada por “portanto”, “logo”, ou, até, “assim”. Essa locução gramaticalizada demonstra estratégia de retomada, em que “há a sinalização para que o outro lance mão de informações de sua memória mais recente (episódica)” (DEFENDI, 2013, p. 105), ou seja, o falante retoma referências anteriores com o intuito de reforçar uma ideia já apresentada (efeito anafórico) ou articulá-la a uma conclusão (DEFENDI, 2013, p. 102).

Variedade	Ocorrências
PP	0
PM	1
PB	0
Total	1

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muita coisa entre o espaço de uma palavra e outra: perdas, florescimento de significados, esmaecimento de outros, reflorestamento daquilo que outrora fora habitual, e silêncio. Entre o espaço de uma palavra e outra, florescem significados, floresce vida – aquilo que somos como grupo e como sociedade, e floresce corpo, porque precisamos da linguagem tanto quanto ela precisa de nós. Como seres complexos, caminhando entre o concreto e o abstrato, precisamos da gramática para organizar e representar eventos, estados e significados, e essa gramática, sempre em movimento – porque linguagem é movimento – é determinada pela corporeidade. As próprias nuances de tempo, que nos permitem fazer referência a momentos para além do aqui e agora, só podem ser compreendidas quando tomamos como ponto de partida o “eu” (sujeito-falante), categoria cognitiva básica da qual derivam-se tantas outras.

O fenômeno de iconicidade, utilizado para analisar como a linguagem não é arbitrária, mas nela relacionam-se forma e função, junto à marcação linguística – em que o olhar do outro é guiado para o que se quer destacar – nos mostram que muito do não dito, aquilo que não está materializado na sintaxe, é importante para a análise do que se diz. E aquilo o que dizemos reflete algumas tendências da língua, como a economia linguística, que culmina em um espaço entre uma construção e outra, espaço este que não é físico, e tampouco vazio, mas cheio de significado; e tais espaços, que consistem no que não é materializado, relacionam-se ao que presumimos acerca do outro, bem como a intenções.

Se deixamos de mencionar determinada categoria ou informação no discurso, pressupomos que o outro é capaz de inferi-la; quando se quer criar um distanciamento entre o *eu* e o *outro*, devido a aspectos como, por exemplo, formalidade, utiliza-se mais material linguístico para codificar aquela informação; assim como uma informação relevante para o discurso será colocada em posição de destaque.

Como demonstramos nesta dissertação, analisar a sintaxe pressupõe que não se olhe somente para a forma do que é dito, mas também que se analise intenções, que refletem a organização de nossas experiências; bem como pressupõe o entendimento de que categorias criadas por nós, via linguagem, não são imutáveis, porque as palavras, cheias de significado, estão sempre em movimento, alimentando suas raízes nas terras férteis de nossas mentes. Embora existam inúmeras formas, na linguagem, de se codificar experiências, estas formas são guiadas por categorias cognitivas básicas, como *espaço* e *tempo* – materializadas na linguagem

como representação de nossos entendimentos e realidades que nos rodeiam. Uma das formas de se representar, via linguagem, nuances de tempo e espaço, é a partir da utilização do gerúndio, que, como demonstramos, aparece em construções de diferentes formas.

Neste estudo, embora nosso objetivo inicial tenha sido descrever os usos do gerúndio encontrados no discurso de falantes cultos do português brasileiro, macaense e de Portugal – o que o cumprimos, como demonstrado em capítulo de análise dos padrões funcionais – detivemo-nos mais demoradamente em um deles, o qual nos chamou mais atenção devido à diversidade de significados que poderiam ser extraídos das construções, portanto, mais complexas e abstratas: o padrão funcional 2, que nomeamos de *Gerúndio como Construção de Espaços Mentais*. Dentro deste padrão, agrupamos usos em que o gerúndio foi utilizado com valores semânticos como os de tempo, espaço, condição, causalidade e concessão, tendo em comum o fato de todas essas construções emoldurarem o discurso (fundo discursivo), criando um espaço de conhecimento comum entre os participantes da interação, em que são criadas bases para o estabelecimento de referências.

Mesmo as orações mais abstratas encontradas, como é o caso daquelas as quais nomeamos *Atos Cooperativos* (51-58) – que emergem como uma abstratização do gesto de apontar – englobam em si categorias cognitivas mais básicas, como a de *tempo* (que, nos exemplos demonstrados, é simultâneo ao discurso), a de *pessoa* (que, nos usos demonstrados, é o sujeito falante), e a de *espaço* (aqui/agora). A ideia proposta, como descrito no capítulo IV, baseia-se no conceito de Espaço de Atenção Conjunta, dentro do qual, nos usos gerúndiais, informações conhecidas e, portanto, rotinizadas, não precisam ser mencionadas.

Defendemos, então, que o gerúndio é utilizado para codificar um espaço não físico (portanto, abstrato), como discutido no capítulo 4, no qual argumentamos que as orações expressas no padrão funcional 2 atuam como bases, utilizadas pelo falante, para estabelecer referências, e o gerúndio constitui-se como construtor desses espaços, de forma que tais orações são molduras do discurso, delineando de que maneiras e em quais contextos temporais e espaciais aquela informação deve ser compreendida. E, como demonstrado no item 4.1, o padrão funcional 2 se mostrou produtivo nas três variedades do português.

Nos usos do gerúndio também percebemos atuar o fenômeno da iconicidade, em que se considera que a estrutura de uma construção é motivada pela estrutura do conceito expresso por ela, assim, quanto mais previsível (ou acessível) for uma informação, menor quantidade de forma será utilizada pelo falante para expressar aquele conceito, enquanto uma informação não

acessível ao interlocutor demandará maior forma para ser compreendida. Tal fenômeno pode ser observado nos usos 51-58, em que observamos que as orações emergem como atos de fala com objetivo discursivo: o de situar, temporal e espacialmente, o outro, como uma abstratização do ato de apontar, que, ao invés de fazer referência a um objeto, emoldura o evento expresso, criando o fundo daquela interação. Retomemos, abaixo, alguns destes usos:

(51) Temos que passar, temos que abrir um novo capítulo do do é do da história, do do jardim de infância e... **ponderando isso**... os prós e os contras... achamos por bem que vamos por isto é...por um tempo. Esta é a questão... (M10TDM, 2020)

(52) **Falando dessas questões** de novas tecnologias que já não são tão novas assim ... é é.. . mas **falando destas questões** comé que vê por exemplo a questão do controle parental em relação aos conteúdos que os que as crianças e os adolescentes podem exceder...acha que é importante? (P3TDM, 2020)

(55) E **só lembrando** aqui que eu deixei de mencionar...quem me procurou no final do ano passado e nós atendemos... foi a equipe de baseball (B16UNESP, 2020).

(56) Primeiro ponto... e **partindo desse pressuposto** que é a própria análise que o governo tinha feito sobre iss..., e não vê grande problema em condicionar a existência da verba do futuro há uma averiguação do cumprimento por parte do novo banco das circunstâncias do contrato. (...).acho que dev...é necessário discutirmos por que razão é que o contrário não é público e qual é a justificação pra assim não ser? (P7TSF, 2020)

(57) Por isso é aquilo ...**admitindo e não fazendo um juízo** moralmente negativo sobre aqueles que defendem o contrário...sou claramente contra coligações desse tipo (...) (P7TSF, 2020)

Neste tipo de construção, fazem-se desnecessárias outras marcações de sujeito, tempo e espaço, visto que o verbo com o gerúndio já engloba todas essas categorias, criando uma base de entendimento entre os participantes da interação, em que se entende: que aquela ação é concomitante ao momento da fala, que é o sujeito-falante quem a realiza, e que aquela sentença se situa no aqui-agora. O falante não precisa mencionar que é ele quem realizará aquela ação: isso já é conhecido, rotinizado, logo, menos material linguístico faz-se necessário. Assim, entendemos que esses referentes são acessíveis por estarem espacial e temporalmente mais próximos da situação discursiva, portanto, não precisam ser marcados.

Entretanto, observamos que quando o referente sujeito não é acessível, precisa ser marcado; nesse caso, opta-se por uma oração sem gerúndio, como nos usos (59) e (60), apresentados no capítulo 4 e retomados abaixo:

(59) Em primeiro lugar, **quando a gente olha o mapa do do Oriente Médio**... é muito preocupante...por conta do petróleo...ver que todo ele sai por um canal chamado golfo pérsico....

(60) Então nesse mapa todo né \* é...nós não sabemos qual vai ser o desdobramento...mas de cara nós já temos aí um anúncio do Irã de que vai retomar o processo de armamento nuclear...o

que é muito perigoso...não é.... Porque **se nós temos emissões internas no Irã**, e nós temos a-a subida de um grupo muito radical, isso pode criar um sistema instável é...muito significativo para o desenvolvimento deste ano.

Compreendemos, desta forma, que o verbo com gerúndio – como nos usos 52-58 – engloba em si categorias como pessoa, espaço e tempo, que não precisam ser mencionadas devido ao fato de já serem rotinizadas, e, portanto, conhecidas pelo outro.

Muito embora o padrão funcional 1 tenha sido o que apresentou mais ocorrências, em números absolutos, os usos do gerúndio encontrados no padrão funcional 2 foram os mais produtivos, em termos de distribuição, entre as três variedades do português. Tais usos refletem aspectos cognitivos como os de abstratização, iconicidade/informatividade, espaço mental e fundo, em termos de planos discursivos. Observamos atuar o fenômeno da iconicidade no modo como a forma das construções é delineada de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes: a pressuposição de que o outro já conhece determinadas informações culmina na não marcação linguística de alguns elementos, como o sujeito, resultando em economia linguística.

As orações circunstanciais construídas com gerúndio atuam como fundo discursivo, ocorrendo frequentemente em posição de tópico (portanto, mais perto e acessível ao outro), e criam uma espécie de moldura para aquela interação, de maneira a situar o outro em termos de referentes, como uma lente focalizadora que emoldura em quais situações aquele enunciado faz-se verdadeiro.

Ainda no que se refere ao padrão funcional 2, o gerúndio também foi frequente nas orações condicionais (10 usos). Em 8 dos usos que expressam valor semântico de condição, observamos uma estrutura prototípica: a prótase (oração condicional, estruturada com gerúndio) antecede apódose (oração que expressa a consequência decorrente da prótase). Há uma relação projetiva, relacionada à hipótese do falante: a de que um fato expresso na apódose ocorrerá se (e, em alguns casos, quando) o fato descrito na prótase verificar-se verdadeiro.

Em um dos usos encontrados (50), entretanto, essa estrutura não se verificou, visto que a prótase vem posposta à apódose, o que atribuímos ao fato de se tratar uma informação nova, bem como de a apódose ser subordinada à oração anterior. Verificamos que a inversão é justificada em termos de grau de relevância do que já foi compartilhado (informatividade); assim, a estrutura é manipulada pelo falante de maneira projetiva, considerando aquilo que o que o outro já sabe.

Consideramos que, no componente de condicionalidade, estão incluídas categorias cognitivas básicas, como tempo, visto que se observa uma coincidência temporal entre o evento descrito pela oração com gerúndio e a consequência expressa na apódose. A opção pelo gerúndio e não por uma oração desenvolvida nos parece, além disso, motivada pelo fato de o gerúndio expressar eventos durativos (noção que deriva da categoria *tempo*), ancorados no presente, assim, seu uso torna a hipótese expressa mais provável.

Outros valores semânticos foram observados nas orações circunstanciais com gerúndio, como o de causa, em que também se observam presentes as noções de tempo e condicionalidade, considerando-se que há um evento-causa e um evento-consequência ou evento-efeito, que se constroem em uma sequência temporal, como demonstramos no capítulo IV. Nestes usos, a oração com gerúndio emerge como fundo, que emoldura a oração/evento/ação principal, apresentando sua causa. Em relação à forma, observamos que, em 5 dos 6 usos do gerúndio em orações causais, o sujeito não é expresso, visto que o verbo com gerúndio já engloba a categoria pessoa, que, por sua vez, é atribuída ao sujeito-falante na ausência de outro referente-base.

Ainda em relação à forma, em 4 dos 6 casos em que ocorreram orações adverbiais causais, a oração com gerúndio (causa) antecede a consequência, com exceção dos usos (61) e (66), o que tem relação com o conteúdo do que é comunicado. Em (61), “Eu trabalhei muitas horas e num me queixo nada...porque não seria capaz de ficar em casa parada **tendo a profissão que tenho** (P5TSF)”, o primeiro evento tem sua razão no segundo, inversamente ao que ocorre nos outros 4 usos encontrados, o que pensamos ter relação com o fato de que a oração com gerúndio se encontra mais integrada com uma oração explicativa. No exemplo (66), a oração que antecede a causal com gerúndio funciona como aposto (uma explicação) da oração anterior, portanto, há uma maior integração; assim, aplica-se o fenômeno de iconicidade, em que considera-se que a estrutura da forma reflete a função de uma construção. Nas orações reduzidas de gerúndio com valor semântico de causa, percebemos também função altamente argumentativa, como nos usos (61) a (66), que trazem um argumento irrefutável por refletir a condição do ser.

Também foram encontradas duas orações com gerúndio expressando valores semânticos de concessão, uma delas utilizada por falante português e a outra, por falante macaense. Retomaremos, a seguir, os exemplos:



(68) Através da minha carreira eu gostaria muito de publicar um livro específico ahm de língua portuguesa que ... **nao sendo ringuista...linguista...**desculpa...gostava mesmo... então levantei um projeto de fazer este livro...é publicar este livro...não só pra apresentar gramática mas também apresenta a sua cultura (...) e graças a deus foi publicado em março deste ano e já está na terceira edição. (M8TDM, 2020)

(69) Nós estamos a discutir sobre o cumprimento de um contrato e a pedir responsabilidade e que nos pronunciemos publicamente sobre ela... **desconhecendo nós o conteúdo desse contrato.** (P7TSF, 2020)

Em (69), o sujeito *nós* é expresso após o verbo com gerúndio, o que entendemos ter função enfática, visto que ele já foi mencionado anteriormente, enquanto que em (68) não há menção ao sujeito na oração com gerúndio, por ser uma informação já compartilhada entre os participantes.

Em relação às diferenças entre as três variedades (PB, PM e PP), percebemos que o padrão funcional 2 destoa da crença, discutida no capítulo 2 desta dissertação, de que o gerúndio é preferencialmente utilizado no português brasileiro, visto que houve uma proporcionalidade na distribuição dos usos, como demonstraremos em tabela abaixo:

<i>Padrão funcional</i>	<i>Construções Perifrásticas Aspectuais</i>	<i>Espaço Mental (construções circunstanciais)</i>	<i>Construções Adjetivas</i>	<i>Gerúndio Composto</i>	<i>Operador Argumentativo de Conclusão</i>
<i>Variedade</i>					
<i>PB</i>	81	12	3	0	0
<i>PM</i>	6	11	0	2	1
<i>PP</i>	21	14	1	0	0

Tabela 13: Distribuição dos usos do gerúndio em cada variedade

A visível não proporcionalidade na distribuição de usos em relação às construções perifrásticas durativas (padrão funcional 1) respondem a um de nossos primeiros questionamentos desta dissertação. Nas etapas iniciais da pesquisa, optamos por nos dedicar ao estudo de gramáticas do português, com foco em como eram apresentadas as variedades do

português: se eram mencionadas suas aproximações e distanciamentos, e como cada variedade era tratada em termos de valorização e reconhecimento de particularidades. Deparamo-nos, então, com significativa menção dos usos do gerúndio como diferença entre as variedades brasileira e portuguesa, a partir de inúmeros exemplos de construções perifrásticas durativas com gerúndio (associadas em PB), em contraste a construções formadas por [auxiliar + preposição *a* + verbo no infinitivo], designado ao PP.

A escolha do objeto linguístico, assim, se deu devido à alta produtividade das menções em gramáticas da língua, o que nos gerou o questionamento: essa preferência pelo uso do gerúndio na variedade brasileira ocorre somente com o auxiliar *estar*? (o mais mencionado nos exemplos encontrados nas gramáticas), ou essa diferença se mantém com todo tipo de construção perifrástica durativa? Tal questionamento nos levou à análise de consultórios gramaticais, fontes populares de adquirir informações, visto que, ao divulgarem prescrições gramaticais, refletem crenças expressas pelos usuários da língua. Dessa forma, observamos o que era veiculado sobre o gerúndio, bem como quais crenças eram expressas em relação às variedades do português; logo, objetivamos uma análise de atitudes linguísticas. Isso porque, ao analisarmos um uso da língua em diferentes variedades, faz-se necessário que conheçamos bem os grupos alvo, o modo como as interações de suas diversas partes ocorrem, bem como o que reconhecem como sua língua e o que entendem como a do outro.

Na análise dos consultórios gramaticais, foram encontradas separações dicotômicas entre os usos do gerúndio no PP e PB, especificamente nos exemplos com construções perifrásticas durativas, bem como afirmações em que o uso do gerúndio, em Portugal, era caracterizado como dialetal, ou seja, parte-se da premissa de que em regiões “centrais” o gerúndio não é utilizado; bem como constante menção (e rejeição) ao *gerundismo*, fenômeno caracterizado pelo uso excessivo do gerúndio. Observamos em algumas postagens, também, a concepção de que há um português “mais bem falado”, definição usualmente associada ao PP, como demonstramos no item 3.3, o que se deve ao fato de, mesmo após a independência, o Brasil não ter sido visto como uma nação, o que culmina na visão de sua língua como uma “versão piorada” da falada em Portugal, bem como ao fato de que os laços que ligam Brasil e Portugal terem sido visto como naturais, logo, qualquer ameaça a eles era condenada.

Embora tenhamos observado essa constante associação do gerúndio à variedade brasileira, isso não se verificou em todas as situações, mas em alguns aspectos no que se refere ao padrão funcional 1. Em relação a esse padrão, que consiste em construções aspectuais

durativas, formadas por verbo auxiliar seguido de gerúndio, nos deparamos com 103 usos totais, com os auxiliares *estar*, *ir*, *vir*, *continuar*, *ficar*, *viver* e *acabar*, dos quais 81 são de falantes do PB, 21 do PP e 6 do PM, o que confirma o que é postulado pelas gramáticas em relação às construções perifrásticas durativas. Embora grande parte destes usos seja por falantes do PB, observamos que, quando o auxiliar que encabeça a construção é *ir* ou *vir*, também se utiliza o gerúndio nas variedades portuguesa e macaense, como demonstramos abaixo, em tabela já apresentada no item 4.1:

Variedade	Ocorrências
PP	17
PB	20
PM	3
Total	35

Tabela 3: Construções gerundiais 2 (*ir/vir* + gerúndio)

Observamos que, neste tipo de construção, o gerúndio é utilizado no PP para indicar duração/progressão da ação, e que, associado ao auxiliar *ir* ou *vir*, demonstra movimento para realização daquela ação, bem como valor semântico de tempo (durativo), assim como nos usos encontrados nas variedades brasileira e macaense. Foram encontrados, no *corpus*, três situações nas quais não foram utilizadas o gerúndio neste tipo de construção, entretanto, expressando um sentido diferente daquelas com gerúndio.

Podemos exemplificar com a construção *vir a ganhar*, utilizada por participante português, que parece expressar o que Garcia (2004, p. 90) chama de *resultado ou termo de uma ação*, em que “quase sempre se infiltra a ideia de consequência (aliás, resultado é consequência) de algo expresso ou apenas mentado” (idem, *ibidem*); ou seja, expressa uma mudança inesperada, que resultaria como consequência de outra, o que não se assemelha ao sentido expresso pelas construções formadas pelos auxiliares *ir* ou *vir* seguidos de gerúndio, em que se destaca o aspecto gradativo de realização da ação.

Em relação às construções com os auxiliares *viver*, encontramos somente dois usos no *corpus*, em fala de participante macaense, que optou pelo uso do gerúndio; nas demais construções, foram utilizadas alternativas ao gerúndio nas variedades portuguesa e macaense, como demonstrado no item 4.1.

Assim, observamos que em relação às construções perifrásticas durativas, o gerúndio apresentou usos mais bem distribuídos, proporcionalmente, nas três variedades, com os auxiliares *ir* e *vir*, como demonstramos a seguir, desta vez destacando as construções encabeçadas pelos auxiliares *ir* e *vir* em relação às demais:

**Tabela 14: Gerúndio nas construções perifrásticas durativas**

<i>Auxiliar</i>	<i>Estar</i>	<i>Ir/Vir</i>	<i>Continuar</i>	<i>Ficar</i>	<i>Viver</i>	<i>Acabar</i>	<i>Ter</i>
<i>Variedade</i>							
<i>PB</i>	53	20	4	3	0	1	0
<i>PM</i>	1	3	0	0	2	0	0
<i>PP</i>	1	17	0	0	0	0	2

Entendemos que, no caso das construções perifrásticas durativas, o gerúndio expressa valor semântico de duração (tempo), categoria cognitiva base, portanto, mais concreta. Embora o padrão funcional 1 apresente mais usos de gerúndio do que os outros padrões, esses usos concentram-se na variedade brasileira, o que diverge do padrão funcional 2 – que consiste em orações com caráter adverbial, expressando circunstância de causa, modo, tempo, concessão, finalidade e condição. Dentre os 31 usos do gerúndio encontrados em orações adverbiais, 12 referem-se ao português brasileiro, 14 ao português de Portugal e 11 ao português macaense, assim, há uma proporcionalidade distributiva.

Compreendemos que a opção pelas orações com gerúndio relaciona-se à economia linguística, visto que essa demanda menos forma do que uma oração desenvolvida, devido ao gerúndio englobar diversas informações já rotinizadas e compartilhadas entre os falantes e que, portanto, não precisam ser mencionadas. Em todos os usos adverbiais do gerúndio, além disso, pudemos observar construções que atuam como *fundo discursivo*, e são utilizadas para delimitar o contorno espacial daquele enunciado, tendo, portanto, função colaborativa – em grau mais explícito ou menos explícito. Assim, tais usos do gerúndio envolvem operações cognitivas – processos mentais, em que se constroem espaços abstratos de compartilhamento de informações.

Em relação ao padrão funcional 3, que consiste em construções que potencialmente podem ser desenvolvidas em oração subordinada adjetiva restritiva, encontramos quatro ocorrências desse tipo de construção em que o adjetivo tem um revestimento semântico mais amplo, por isso o uso de uma oração adjetiva restritiva. Retomemos dois exemplos a seguir:

(68) Existe alguma resistência **é é** catalogar **é** digamos assim diagnosticar uma criança... **como tendo** **é...** necessidades educativas especiais (P3TDM, 2020);

(69) Então **cê** imagina um jovem **aí** de 14 15 anos **já conhecendo** o que **é** uma linha de produção...automação...**é** uma...**é** um início de carreira (B15UNESP, 2020);

Três dos 4 usos referem-se à variedade brasileira, com exceção da construção (68), que nos gerou certa ambiguidade em relação à categorização, visto que há o conector *como*, que pode indicar, no caso da sentença, comparação ou modo. Além disso, entendemos que também há um componente condicional, visto que a locução implícita “como se” indica uma aproximação sem certeza da centralidade da comparação.

Na variedade portuguesa, encontramos 4 alternativas ao uso do gerúndio com mesmo valor semântico, que foram retomadas abaixo:

Encontramos quatro alternativas ao gerúndio em orações adjetivas, sendo elas:

(72) Eu julgo que da nossa parte... claro... quem quiser... queremos ver essa possibilidade... mas não posso di... não pode ser só o turismo **a trabalhar** nesta nesta frente (M12TDM, 2019);

(73) É uma América culta...**é** uma América de parques... de esquilos **a descerem** pelas árvores e de gente cool... gente vestida de forma descontraída **a ler** um livro de determinado autor (P5TSF, 2019);

(74a) Estamos já a trabalhar com várias entidades desde há dois anos... e ultimamente... claro que não estamos a ver, há vários novos produtos...**a entrar** no no mercado... neste momento ainda estão muito novos e estamos a trabalhar em conjunto com eles para promover estes produtos. (M12TDM, 2019)

(75a) Bem...estamos já a trabalhar ahm **é** ahn com com muita com muitos projetos **a entrar** quer dizer também **é** na volta da da \* este ano. (M12TDM, 2019)

Observa-se, nos usos 72 a 75, o valor semântico de tempo (concomitante), o que nos permite entender que, no caso do PP e PM, a forma [preposição *a* + verbo no infinito] concorre com o gerúndio para expressar esse sentido. Nesses exemplos, também observamos que a

oração com caráter adjetivo se refere a um substantivo anterior não humano, o que nos permitiu levantar a possibilidade de, em casos contrários, optar-se pelo gerúndio, o que não pudemos verificar devido à baixa quantidade de exemplos desse padrão funcional encontrado no *corpus*.

O valor semântico de tempo, em construções com gerúndio, também se mostrou presente no padrão funcional 4, o qual chamamos de *gerúndio composto*: construções estruturadas a partir de verbo auxiliar no gerúndio seguido de particípio na posição de V2, e, diferindo do padrão funcional 3, não indica tempo concomitante, mas uma ação anterior à ação principal, que tem aspecto concluído/ acabado, como no uso (77), em que o falante afirma: “**tendo passado** naquela altura... **tendo passado** apenas 9 anos depois de transferência de poderes... reparei que as influ-influências chinesas estavam a aprofundar com tanta velocidade na sociedade macaense (M8TDM, 2020).

Observamos que, nesse uso, também atuam os valores semânticos de causa e consequência, visto que o falante pode observar o aprofundar das influências chinesas *após* terem-se passado 9 anos. No que se refere a esse padrão funcional, somente foram encontrados dois usos na variedade macaense, o que não nos permite comparações com as demais.

No que tange ao último padrão funcional, a construção *assim sendo* também carrega uma função discursiva e bastante abstratizada, que reflete um processo de gramaticalização, como no uso (34), de um falante macaense, retomado a seguir:

(34a) Eu acho que ...eu também acho que que pra se criar temos que fazer o...o um melhor trabalho em termos de dividir os turistas... entre as diferentes zonas... e também introduzi-los para diferentes produtos turísticos... de Macau...e **assim sendo**...estamos a...temos que continuar a trabalhar com a indústria... também com alguns distritos de Macau. (M12TDM, 2019)

O gerúndio, neste caso, integra um marcador pragmático-discursivo textual, construção que pode ser parafraseado por “portanto”, “logo”, ou, até, “assim”, o que demonstra ideia de retomada, portanto, resgata uma informação anterior, e tem função colaborativa. Apenas encontramos tal uso na variedade macaense, mas acreditamos ser comum às outras variedades, principalmente em textos escritos, o que poderia ser investigado em pesquisa futura.

No decorrer das análises, concluímos que o padrão funcional mais produtivo é o 2, que consiste em construções oracionais circunstanciais (com caráter adverbial, portanto) em que o gerúndio aparece como parte de uma oração reduzida, com potencial desenvolvimento em

oração com função adverbial, indicando circunstâncias como de causa, modo, tempo, concessão, finalidade e condição. Em relação às construções perifrásticas durativas com o gerúndio, observamos que, quando são os auxiliares *ir* ou *vir* que encabeçam a construção, o gerúndio ocorre e é comum nas três variedades, não somente na brasileira. As diferenças apontadas por gramáticas e consultórios gramaticais não se refletem, assim, em quaisquer construções com valor aspectual durativo.

Em termos de propósitos comunicativos, observamos que o gerúndio pode codificar valores semânticos como o de tempo, causa, modo, condição, concessão, dentre outros, e muito embora cada um dos 5 padrões funcionais se diferencie entre si, observa-se que em todos eles estão codificadas algumas categorias cognitivas básicas, como, por exemplo, a de tempo ou também espaço. Em alguns usos, como demonstramos, o gerúndio pode codificar tempo concomitante, bem como indicar a duração daquela ação, em outros, também engloba outras funções, como por exemplo a de espaço mental, em que, a partir do uso do gerúndio, o falante cria uma base de entendimento comum entre os participantes daquela interação, agindo colaborativamente.

Em relação aos ganhos da pesquisa, um dos usos mais abstratos do gerúndio como criação de espaço mental foram os 51-58 (capítulo 4), em que as construções consistem em atos de fala com um objetivo discursivo, e emergem como uma abstratização do gesto de apontar, situando o outro espacial e temporalmente em termos da interação. Entretanto, esse gesto de apontar não focaliza um objeto no espaço, mas emoldura o evento expresso, criando o fundo daquela interação. Nesse tipo de construção, o participante não precisa mencionar determinados aspectos, como: (I) que aquela ação é concomitante ao momento da fala, (II) que é o sujeito-falante quem a realiza e (III), que aquela sentença se situa no aqui/agora. Tais aspectos não precisam ser mencionados pois já são informações rotinizadas, e, portanto, conhecidas, entre os participantes da interação; assim, faz-se necessário menos forma (menos material linguístico) para codificar as informações.

Em termos de propósitos comunicativos, entendemos que o gerúndio pode ser, nas três variedades, utilizado de forma metalinguística e colaborativa, e que tais usos se mostram motivados pelas necessidades comunicativas dos usuários da língua, que definem, também, a forma como aquela construção será estruturada via sintaxe.

Salientamos a contribuição desta pesquisa no que se refere à descrição das motivações cognitivas e comunicativas que guiam cada uso do gerúndio em variedades do português, em

especial, construções até então não descritas, como os usos do gerúndio como atos cooperativos. Para pesquisas futuras, haveria a possibilidade de nos determos nestas construções, bem como analisar seus usos no português escrito.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. Gramática metódica da Língua Portuguesa. São Paulo: Saraiva, 2019.
- AZEREDO, J.C. **Fundamentos da gramática do Português**. São Paulo: Zahar, 2008.
- BATISTA, P. **Principais diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil**. Estudo Prático, 2018. Disponível em <https://www.estudopratico.com.br/portugues-portugal-brasil/>. Acesso em 05 jan. 2021.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. Pp. ix, 262
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- COIMBRA, O.M; LEITE, I.C. **Gramática Activa 2**. Lisboa: Lidel, 2012.
- CORTESÃO, A.A. **Nova gramática Portuguesa**. Coimbra: F. França Amado, 1907.
- COUTINHO, de LIMA, I. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- CUNHA, A.; MANO, A; OLIVEIRA, A.K.; DEFENDI, C.L.; ABRAÇADO, J.; SPAZIANI, L.; RIBEIRO, M.; LIMA-HERNANDES, M.C.; SANTOS, M.M.; DIAS, N.B.; NOGUEIRA, P. A. de.; VICENTE, R.B.; SILVA, S.D.; GOMES, T.R.; XIANG, Z. **Cognition, Complexity and Context as Other Minds: A tribute to T. Givón**. São Paulo: FFLCH/USP, 2021
- CUNHA, da M.A.F; TAVARES, M.A. **Funcionalismo e o ensino de gramática**. Natal, EDUFRN, 2016.
- DEFENDI, C. L. **“PORTANTO, CONCLUI-SE QUE”**: processos de conclusão em textos argumentativos. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013
- FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FIGUEIRA, H. **Gerúndio em locuções verbais** [Tempo, aspecto e modo / Locuções / Flexão verbal]. FLiP, 2005. Disponível em: <https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/921>. Acesso em 04 jan. 2021.

FIGUEIRA, H. **Infinitivo flexionado e infinitivo gerúndio** [Flexão verbal]. FLiP, 2006. Disponível em: <https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/2162>. Acesso em 04 jan. 2021.

FIGUEIRA, H. **Posição dos clíticos com o gerúndio** [Pronomes]. FLiP, 2007. Disponível em: <https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/2677>. Acesso em 04 jan. 2021.

FIGUEIRA, H. **Gerúndio antecedido de preposição "em"** [Sintaxe]. FLiP, 2013. Disponível em: <https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/5366>. Acesso em 04 jan. 2021.

SILVAS FILHO, D. **Gerúndio de novo**. Ciberdúvidas, 2008. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/gerundio-de-novo/24534>. Acesso em 25 jun. 2021.

FURTADO da CUNHA, M.; OLIVEIRA, M.R. de; MARTELOTTA, M.E. **Linguística funcional: Teoria e Prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GALLI, A. P. Demissão fracassada: Mesmo proibido pelo governador do Distrito Federal, o gerúndio continua em uso. **ÉPOCA**, 2007. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79944-5856,00-DEMISSAO+FRACASSADA.html>. Acesso em 28 fev. 2021.

GARCIA, O.M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GIVÓN, T. **The Genesis of Syntactic Complexity**: Diachrony, ontogeny, neuro-cognition, evolution. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GIVON, T. **The grammar of referential coherence as mental processing instructions**, vol. 30, no. 1, 1992, pp. 5-56. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/249933005\\_The\\_Grammar\\_of\\_Referential\\_Coherence\\_as\\_Mental\\_Processing\\_Instructions](https://www.researchgate.net/publication/249933005_The_Grammar_of_Referential_Coherence_as_Mental_Processing_Instructions). Acesso em 18 jun. 2021.

GONÇALVES, S. C. L; LIMA-HERNANDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KATO, M.A. As formas de funcionalismo na sintaxe. **D.E.L.T.A.**, n. 14 (n. esp.), 1998, p.145-168. Disponível em: [Functionalism in Syntax \(scielo.br\)](https://scielo.br). Acesso em 02 abr. 2021.

LIMA-HERNANDES, M.C. **Planos de visão > planos pragmáticos-discursivos Fundo e Figura**. Não publicado.

LIMA-HERNANDES, M. C. **Relação entre Mente e Gramática** - Processos sociocognitivos de mudança: Construções X-que no Português Brasileiro. São Paulo: FFLCH, 2021.

LIMA-HERNANDES, M.C. **Culturas desterradas, línguas exterminadas e heranças surrupiadas**. Atas do V SIMELP: 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/141674302.pdf>. Acesso em 16 jun. 2021.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Funcionalismo. **Veredas**: revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora. v. 1, n. 2, p. 71-88, 1998.

MACWHINNEY, B. Language Attrition and the Competition Model. In: SCHMID, M.S; Köpke, B. **The Oxford Handbook of Language Attrition**. Oxford: Oxford Handbooks, 2019.

MARCONDES, I. L. **Os consultórios gramaticais: um estudo de preconceito e intolerância linguísticos**. Tese (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-25092008-112643/publico/DISSERTACAO\\_IARA\\_LUCIA\\_MARCONDES.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-25092008-112643/publico/DISSERTACAO_IARA_LUCIA_MARCONDES.pdf). Acesso em 04 jan. 2021.

MARQUES, C. **O gerúndio e a perífrase «estar a» + infinitivo**. Ciberdúvidas, 2018. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-gerundio-e-a-perifrase-estar-a--infinitivo/34913>. Acesso em 04 jan. 2021.

MARTINS, G.M.G. **Aqui se está fazendo muy grande nação**: Estar + gerúndio *versus* estar + infinitivo preposicionado no português brasileiro oitocentista. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-26082019-100701/publico/2019\\_GustavoMicaelGomesMartins\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-26082019-100701/publico/2019_GustavoMicaelGomesMartins_VCorr.pdf). Acesso em 28 nov. 2021.

MÁRTIRES, A. **«Deitaram meu gerúndio fora»**. Ciberdúvidas, 2017. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/pelourinho/deitaram-meu-gerundio-fora/354>. Acesso em 04 jan. 2021

MATEUS, M. H. M et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

MORENO, C. **Vou estar verificando**. Sua Língua, 2014. Disponível em: <https://sualingua.com.br/2014/06/25/vou-estar-verificando/>. Acesso em 04 jan. 2021.

MORENO, C. **Língua brasileira?**. Sua Língua, 2018. Disponível em: <https://sualingua.com.br/2018/06/28/lingua-brasileira/>. Acesso em 04 jan. 2021.

MOTTA, A. **Gerúndio denuncia espões brasileiros**. Você sabe usar essa forma verbal?. Conversa de Português, 2016. Disponível em: <https://conversadeportugues.com.br/2016/02/gerundio-denuncia-espoes-brasileiros-voce-sabe-usar-essa-forma-verbal/>. Acesso em 05 jan. 2021.

MOTTA, A. **Hipercorreção linguística**. Já ouviu falar dela?. Conversa de Português, 2020. Disponível em: <http://conversadeportugues.com.br/2020/01/hipercorrecao-linguistica-ja-ouviu-falar-dela/>. Acesso em 05 jan. 2020.

MOTTA, A. **Senhora, nós vamos estar enviando....** Conversa de Português, 2008. Disponível em: <https://conversadeportugues.com.br/2008/10/senhora-nos-vamos-estar-enviando/>. Acesso em 05 jan. 2021.

MOTTA, A. **Como usar o gerúndio?**. Conversa de Português, 2010. Disponível em: <https://conversadeportugues.com.br/2010/11/como-usar-o-gerundio/>. Acesso em 05 jan. 2021.

MOTTA, F.C.; ALCADIPANI, R.; BRESLER, R.B. A valorização do estrangeiro como segregação nas organizações. **RAC**, vol.5, número especial, p.59-79, 2001.

MOURATO, S. **Uso do gerúndio em Portugal**. Ciberdúvidas, 2016. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/uso-do-gerundio-em-portugal/34023>. Acesso em 04 jan. 2021.

PERINI, M. **Gramática descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2000.

PINTO, C. **Variedades de português** [Variação e mudança linguística]. FLiP. Disponível em: <https://www.flip.pt/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/587>. Acesso em 04 jan. 2021.

PRINCE, E. F. (1981). Towards a taxonomy of given-new information. In: Cole, P. (ed.), **Radical pragmatics**. New York: Academic Press.

RÁDIO UNESP. **Entrevistas**. Bauru, 2020. Disponível em: <https://radio.unesp.br/>. Acesso em 13 de dezembro de 2020.

ROCHA-LIMA. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

ROCHA, C. **Ciberdúvidas da Língua Portuguesa** – em linha, ao serviço de todos. Ciberdúvidas, 2015. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/atualidades/noticias/ciberduvidas-da-lingua-portuguesa--em-linha-ao-servico-de-todos/3119>. Acesso em 04 jan. 2021.

ROCHA, M. R. **O gerúndio**. Ciberdúvidas, 2007. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/lusofonias/o-gerundio/1416>. Acesso em 04 jan. 2021.

SILVIO, D.S. **Gerúndio de novo**. Ciberdúvidas, 2008. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/gerundio-de-novo/24534>. Acesso em 04 jan. 2021.

TDM TELEDIFUSÃO DE MACAU. **Entrevistas**. Macau, 2020. Disponível em: [https://portugues.tdm.com.mo/c\\_tv/index.php?type=6](https://portugues.tdm.com.mo/c_tv/index.php?type=6). Acesso em 13 de dezembro de 2020.

TSF RÁDIO NOTÍCIAS. **Entrevistas**. Lisboa, 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/>. Acesso em 13 de dezembro de 2020.

TOMASELLO, M. **Origens Culturais da aquisição do Conhecimento Humano**. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

VICENTE, R.B. ; DEFENDI, Cristina Lopomo ; LIMA-HERNANDES, M. C. . DIVERGÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES SAUSSURIANAS À LINGUÍSTICA FUNCIONALISTA. Prolíngua (João Pessoa), v. 11, p. 24-35, 2016

VORTEXMAG. **Onde se fala português mais correctamente**, 2019. Disponível em: <https://www.vortexmag.net/onde-se-fala-portugues-mais-correctamente/>. Acesso em 05 jan. 2021.